



**PRÓ-REITORA DE GRADUAÇÃO – PROGRAD**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS EXATAS E NATUREZA - ICEN**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIA DA NATUREZA E MATEMÁTICA**  
**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**BRIGIDA DA SILVA PINTO E CRUZ**

**MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO DE TIMOR LESTE**

**ACARAPE-CE-BRASIL**

**2017**

**BRIGIDA DA SILVA PINTO E CRUZ**

## **MEMÓRIA SOBRE A EDUCAÇÃO DE TIMOR LESTE**

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciência da Natureza e Matemática, com habilitação em Biologia do Instituto de Ciências Exatas e da Natureza – ICEN da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) como parte da exigência do currículo do curso para obtenção de grau licenciatura.

**Orientador: Prof. PhD. Lourenço Ocuni Cá**

**ACARAPE-CE-BRASIL**

**2017**

**BRIGIDA DA SILVA PINTO E CRUZ**

## **MEMORIA DA EDUCAÇÃO DE TIMOR LESTE**

Monografia julgada e aprovada para obtenção do Diploma de Graduação em Ciências da Natureza e Matemática, e Habilitação em Biologia na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

Data: 28/11/2017

BANCA EXAMINADORA

---

**Prof. PhD. Lourenço Oeuni Cá (Orientador)**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

*Artemisa Odila*

---

**Profa. Dra. Artemisa Odila Cande Monteiro (Membro)**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

*Elisangela André da Silva Costa*

---

**Profa. Dra. Elisangela André da Silva Costa (Membro)**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

## DEDICATÓRIA

Ho laran luak, atan ha'u dedika bá apa nebe lokon nia moris tomak, Gaspar Xavier Pinto nebe *In Memoriam*, ama faluk Ana Maria da Silva, hodi imi nia tulun no imi nia matenek ohin loron atan ha'u kontinua didika ha'u nia moris lor-loron. Ho hakmatek no solok, ha'u nia kabem Amandio da Silva Carvalho, hamutuk ho ha'u nia oan nain hitu, Ângela Mery Mandes da Silva Fátima nebe *In Memoriam*, Maria da Silva Pinto, Adelina da Silva Pinto, Bebe nebe *In Memoriam*, João Gaspar Pinto Fátima, Cristovão Fátima Pinto, Luis Fátima Pinto ho ha'u nia bei-oan nain sanulu resin rua (12), responsável bo'ot ho hahalok diak nebé hatudu mai ha'u, no fo tulun mai ha'u, iha ha'u nia funu ida né, hodi nune'e ha'u bele hetan ha'u nia susessu tomak. Maske ha'u bele hela dok husi ha'u nia moris fatin, no husik hela família tomak iha rai dook, ha'u hanoin deit mak ha'u nia estudo ho hakmatek hodi hetan susessu.

Dedico este trabalho à memória dos meus pais Gaspar Xavier Pinto *ambos In Memoriam*, e minha mãe viúva Ana Maria da Silva pelo amor, carinho, dignidade, confiança e conveniência da formação intelectual que me acolheram ao longo da minha vida. Com toda auxílio, do meu esposo Amando da Silva Carvalho, e aos meus sete filhos, Ângela Merry Mandes da Silva *ambos In Memoriam*, Maria da Silva Pinto, Adelina da Silva Pinto, Bebe *ambos In Memoriam*, João Gaspar Pinto Fátima, Cristóvão Pinto Fátima, Luís Pinto Fátima e os meus doze (12) netos. Todos responsáveis pelos melhores momentos e deram constante apoio para que pudesse ter o sucesso, mesmo longe de todos e de onde vivo.

## AGRADECIMENTO

Ao chegar o final do meu curso, devo agradecer a todos que contribuíram direta ou indiretamente com assiduidade, moral e espiritualmente, nesta minha jornada de formação profissional.

Primeiramente agradeço a Deus todo poderoso e a Jesus Cristo que estão sempre a minha frente para me proteger e guiar e apontar com luzes ilustradas e força para melhorar a descoberta e sabedoria no percurso tão difícil, durante os seis anos e meio de conquistar a licenciatura (graduação) no Curso de Ciência da Natureza e Matemática, com habilitação em Biologia no Instituto de Ciências Exatas e da Natureza, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB). Longe da minha terra natal e deixar toda família não é tão fácil, mas com o desejo e sonhos que eu tinha hoje consigo me formar.

Em especial, agradeço ao governo de Timor Leste, que foi liderado pelo Doutor José Alexandre Gusmão mais conhecido por Kay Rala Xanana com o plano e apoio financeira que realizou no Ministério da Educação que ajudou na minha trajetória, de me ouvir e aceitar as minhas propostas de bolsa de estudo, e foi um longo processo para que o Ministério da Educação de Timor Leste pudesse acreditar e aprova a minha proposta, mas com toda paciência hoje sou bolsista do Ministério da Educação da República Democrática de Timor Leste.

Agradeço pelo apoio do adido da educação na gestão administrativa de bolsas dos estudantes no Brasil, senhor Doutor Luís de Sousa Sequeira, com todo o processo, e ele atende as dificuldades dos estudantes por 24 horas. E também, agradeço ao senhor Doutor Abrão dos Santos, Diretor-Geral do Ensino Superior do Ministério da Educação, da República Democrática de Timor Leste, pela sua aprovação de balsa de estudo e atualmente é adido da educação na gestão administrativa de bolsas dos estudantes no Brasil.

O meu agradecimento especial ao meu orientador, Professor Doutor Lourenço Ocuni Cá, pela sua absoluta disposição para atender, pela sua incansável paciência de atender as minhas dificuldades e dúvidas, desde o início da minha chegada até hoje, e pela sua sabedoria, sua dedicação e orientação, que possibilitou a conclusão deste trabalho de conclusão de curso.

Agradeço à diretora do Instituto de Ciências Exatas e da Natureza Lívia Paulia Dias Ribeiro e Coordenadora do Curso de Ciências da Natureza e Matemática Mylene Ribeiro Moura Miranda e os Professores do Curso de Ciências da Natureza e Matemática: Aluísio

Marques da Fonseca, Danila Fernandes Tavares, José Berto Neto, Lourenço Ocuni Cá, Michel Lopes Granjeiro, Mylene Ribeiro Moura Miranda, Victor Emanuel Pessoa Martins, Viviane Pinho de Oliveira. Estendo os meus agradecimentos também aos técnicos dos laboratórios, e os demais auxiliares da administração do curso, e também os meus agradecimentos aos professores Doutores que fazem do curso que não foram mencionados.

Agradeço a vocês que me ajudaram e acrescento que o curso é muito difícil tenho deparado com muitas dificuldades, mas com a ajuda e acolhimento dos meus professores, colegas brasileiros e internacionais, o Antonio Sirlany, João Pascual da Silva Ferreira, Leila Dinora Miudo Makete, Ferreira Manuel Timóteo, Cristina Ângela Lucala, Jacinto Pedro Nicolau, Júlio Mazza, e os meninos da terminalidade em Física: Abrão Benedito José Irénia Marques, e Domingos Espírito Santo, com as primeiras caminhadas mencionamos o grupo de estudo em diferentes áreas, nesse grupo estamos presentes em diferentes nacionalidades, e hoje consigo alcançar os objetivos e chegar o tempo de completar a minha formação profissional.

Em seguida, agradeço sinceramente às autoridades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), na pessoa do ex-reitores e sua vice-reitora, Pró-reitora de Graduação (PROGRAD), aos técnicos administrativos, bibliotecários, funcionários, e para todos que estão aqui presentes nesta UNILAB, pelas contribuições; hoje a Universidade está crescendo cada vez mais.

Agradeço aos meus professores do curso de PROFEP-Timor, eles me deram uma base adequada, e principalmente a Professora Doutora Rosilene Silva da Costa que passou informações sobre seleção de estudantes para estudar no Brasil. Naquele momento eu não sabia que viria para UNILAB, mas com grande admiração uma chamada urgente pelo celular do Ministério da Educação de Timor Leste às 10 horas do dia 18 de maio de 2011, era nessa hora que deixei a minha família e o meu país. E hoje estou aqui finalizando a minha formação profissional em ciência da natureza e matemática habilitação em biologia na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

Agradeço a todos os guineenses que me acolheram no momento que fiquei isolada, pelo acolhimento continuava a minha dedicação até hoje. Desejo citar os nomes em seguida porque este amor que eles tinham comigo é uma história que levarei para sempre até o resto da minha vida. E agradeço em especial às queridas e aos queridos, Carimatu Bari, Florinda Francisco Adulai Seide, Isabel Mario Nosoline, Felisberto Eduardo Bedana, Amiris Monteiro Sanca, Faustino Manuel Rodrigues, Edgar Djú, e os outros que não mencionei os nomes aqui, com

simples registros marca na minha memória e as dores que eram ou passaram com o tempo. Agradeço também aos irmãos africanos, brasileiros da primeira, e segunda turmas aos colegas que fazem parte do curso Ciência da Natureza e Matemática (CNeM) e no Instituto de Ciências Exatas e Natureza (ICEN). Também agradeço a todos os colegas dos países da Comunidade de Língua Portuguesa (CPLP), presentes na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e no mundo.

Em especial, agradeço ao irmão Assis Anderson Ribeiro da Silva, com todo apoio me motivou bastante nos primeiros tempos. Quando cheguei à UNILAB, eu tinha muita vergonha de expressar em frente de muitas pessoas, mas com o acolhimento e o apoio que ele compartilhou comigo, todos os dias mudava a minha convivência até hoje.

Agradeço à senhora Professora Doutora Maria Aparecida, que tinha muita confiança e deu um presente especial a passagem aérea de ida e volta a Santa Catarina. Em Santa Catarina começo a entender que a boca é para arrombar e o silêncio não é bom para uma pessoa, o melhor caminho para mim era conversar com todas as pessoas para poder melhorar o meu português.

Agradeço a todos os estudantes timorenses em especial os que estão aqui presentes na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Com vocês marcamos uma nova família timorense aqui no Ceará, por razões de que todos os anos vocês oferecem admirações no dia do meu aniversário, mesmo que estejam onde estiverem longe de onde vivemos, estaremos sempre unidos na nossa luta acadêmica, sobretudo os saberes que levaremos conosco para sempre. Dentre agradecimentos destaco principalmente o Jaime Isaias Freitas (*Asukai Lorosa'e<sup>1</sup>*), que me escolheu ser sua mãe aqui no Brasil e morar comigo até hoje, tem bom comportamento e segue sempre os meus ritmos culturais, considero que eu sou mãe de coração para todos os timorenses aqui presentes. Agradeço também a Osmenia de Jesus Neto (*Meny<sup>2</sup>*) e Maria Evangelina dos Santos da Silva (*Alina<sup>3</sup>*) pela ajuda quando estiver com alguns problemas de saúde. Agradeço também o Marcos da Cruz, Mario da Costa Marçal e Carlos Soares, pela iniciativa de expressar suas ideias e me motivaram para conseguir alcançar esta a minha monografia.

---

<sup>1</sup> É o nome que identifica a si próprio em língua Makasae. Em língua portuguesa significa Homem do Leste.

<sup>2</sup> O nome mais conhecida pela família e comunidade.

<sup>3</sup> O nome mais conhecida pela família e comunidade.

Agradeço profundamente a Senhora Doutora Kirsty Sword Gusmão e seu esposo Doutor José Alexander Gusmão mais conhecido por Kay Rala Xanana Gusmão que deram contribuições e amizade, amor moral e confiança, e deram apoios aos meus filhos e netos, por isso que resolvi deixá-los em Timor Leste.

E, finalmente, agradeço aos meus familiares: em primeiro lugar, dedico os meus agradecimentos ao meu esposo Amando da Silva Carvalho e aos meus sete filhos, Ângela Merry Mandes da Silva ambos *in Memoriam*, Maria da Silva Pinto, Adelina da Silva Pinto, Bebe ambos *in Memoriam*, João Gaspar Pinto Fátima, Cristóvão Fátima Pinto e Luís Fátima Pinto.

Lamento muito a ausência do meu pai (*in Memoriam*) que não consegue ver a conclusão da minha formação em licenciatura no curso Ciência da Natureza e Matemática, com habilitação em biologia. Agradeço a minha Mãe Ana Maria da Silva, viúva e está longe de mim. Agradeço ao meu irmão Noé Gaspar Pinto e sua esposa Cidália de Oliveira Câmara, as minhas irmãs Maria Julia da Silva Pinto e seu esposo Estevão de Carvalho, Teresa da Silva Pinto e seu esposo Adelino Soares Amaral, Lísia da Silva Pinto e seu esposo Câncio, que me deram apoio espiritual, pois este estudo faz parte de uma luta que representa para todos nós, o caminho de elevar a educação, como também o apoio para a construção do nosso país Timor-Leste, pois somos órfãos de pai; a nossa mãe viúva com tantas dificuldades e com uns admiráveis sofrimentos para conseguir criar e cuidar de nós durante a época da invasão Indonésia. Todos se constituem em responsáveis pelos melhores momentos e deram constante apoio para que eu pudesse ter o sucesso, mesmo que estando longe de todos, de onde vivo, sempre estou feliz de estar aqui a construir e colher os novos conhecimentos. Vou levá-los para sempre.



## **EPÍGRAFE**

*À última da hora, quando o parceiro da cela... já não  
Se largar, sento do lado... fazendo o seu “sTress”...*

*Grades sem vida em portas sem mundo  
Na fura dos cadeados fechados  
à alma das celas sem liberdade*

*Noites das paredes, dos dias sem lei,  
cubro meu rosto nos varões do sol  
q’ uma hora antes viu Timor*

*Me trouxe minhas mantas, montanhas de corpos  
aos meus passos de outrora...  
hoje nas algemas da revolta.*

*Lembro em combates, guerrilheiros tombados  
E quero morrer na vida em prisão*

*P’ra dar vida aos que souberam morrer!  
Uma pobre oferta a todos vós*

## RESUMO

A República Democrática de Timor-Leste possui suas memórias que se caracterizam como diferentes nas práticas pedagógicas em diversos ensinamentos no país, desde quando o povo vivia na era de civilização até se tornar independente. A educação praticada pelos timorenses se fortaleceu nos anos setenta, quando o período em que o povo lutou para salvar a pátria e, mesmo assim, sofreu por diversas mudanças pela conformidade do sistema educacional dos países que tinham passado no Timor-Leste. Pelo fato de que a história de educação do passado teve grande importância para futuras gerações, os timorenses poderão desconhecer sua própria identidade por motivo de não constar nos programas de ensino sua história, principalmente a educação na guerrilha e base de apoio. O objetivo da pesquisa é descrever o percurso educacional, além de mostrar a resistência dos timorenses que realizavam simultaneamente o processo de ensino voltado às crianças, jovens, os guerrilheiros e comunidade em geral. A metodologia utilizada para elaboração do presente trabalho é chamada pesquisa descritiva, além de aplicação dos questionários. Sendo assim, o trabalho descreve o percurso e processo de ensino realizado pelos guerrilheiros no momento de luta contra os inimigos em Timor-Leste. Assim, a pesquisa percorreu uma discussão sobre a importância da história, educação, processo de ensino de maneira mais participativo relatados pelos diversos autores acadêmicos. O resultado de pesquisa a partir de análise dos questionários revela que o ensino na guerrilha e base de apoio visava politizar os timorenses para entender as estratégias viáveis contra os inimigos. Ademais formar pessoas para desempenhar funções importantes na comunidade. Os materiais utilizados eram carvão de lenha, espata de bambu, pedras de cores e entre outras que suportavam os mestres e alunos no decorrer das aulas. O processo de ensino não abordava os conteúdos acadêmicos, mas somente ensinava a língua Tétum/Tétun e Português, além de política para mobilização das pessoas contra os militares e ocupantes naquele período. A educação na guerrilha e base de apoio era relevante para o processo de luta para a libertação de timorense, a fim de repensar os valores educacionais, históricos e culturais praticados no passado. Como delimitação do tema, a pesquisa descreve o processo de ensino na guerrilha em Timor-Leste, através da aplicação dos questionários via online. Sugerem-se as futuras pesquisas para aprofundar o assunto, caso em algum momento o resultado da pesquisa não contemple a memória sobre educação de Timor Leste.

**Palavras-chave:** Timor-Leste, Educação, história e memória.

## ABSTRACT

The Democratic Republic of East Timor owns its memories that are characterized as different in pedagogical practices in various teachings in the country, from when people lived in the age of civilization until they became independent. The education practiced by the East Timorese was fortified in the seventies, when the time when the people fought to save the motherland and, even so, suffered several changes due to the conformity of the educational system of the countries that had passed in East Timor. I am afraid that the history of education of the past is of great importance for future generations, the Timorese people may disassociate their own identity because they do not include in their teaching programs their history, mainly guerilla education and support base. The purpose of the investigation is to describe the educational path, and to show the resistance of the Timorese people who simultaneously carried out the teaching process aimed at raising children, youth, guerrillas and the general community. The methodology used to prepare the present work is called descriptive research, as well as the application of questionnaires. Incidentally, the work describes the process and teaching process carried out guerrilla hairs at the time of fighting against the enemies in East Timor. Even, the research went on a discussion about the importance of history, education, teaching process in a more participatory way related to different academic authors. The search result based on the analysis of the questionnaires reveals that guerrilla education and support base were intended to politicize the Timorese to understand the viable strategies against the enemies. In addition to train, people to play important roles in the community. The teaching process did not address the academic content, but taught the language Tétum/Tétun and Portuguese, a policy for the mobilization of people against the military and occupants in that period. Guerilla education and support base was relevant to the process of fighting for the liberation of Timorese, rather than rethinking the educational, historical and cultural values practiced in the past. As for delimitation of the subject, the investigation describes the teaching process in the guerrillas in Timor-Leste, through the application of online questionnaires. We suggest future research to deepen the subject, in some cases the result of the survey does not include the memory of education of East Timor.

**Key words:** East Timor, Education, history and memory.

## LISTAS DE QUADRADOS, GRÁFICO, TABELAS E FIGURAS

Quadro 1: Três Acepção da História Oral.....	27
Quadro 2: Princípios e Fins da Educação (Ensino).....	33
Quadro 3: Indicadores de Qualidade para uma Gestão de Resultado Educacionais.....	35
Quadro 4: Características da Gestão de Resultados Educacionais.....	35
Quadro 5: Três Grupos Principais da Resistência do Timor-Leste.....	40
Quadro 6: Materiais Didáticas da Educação Guerrilha.....	72
Gráfico 1: Literária de Alfabetos, 2001.....	53
Tabela 1: Disponibilidade de escola/aluno no período da (1978/1999).....	52
Tabela 2: Divisão dos Setores nos Municípios.....	55
Tabela 3: Rácio alunos-professores nas escolas Primaria (2000-20001).....	80
Figura 1: Educação Centrada no aluno.....	31
Figura 2: Localização e Divisão Territorial de Timor-Leste.....	43
Figura 3: Cumprimentar a pessoa com ato tradicional.....	47
Figura 4: A localização dos Setores e Municípios.....	55
Figura 5: Mensagem do saudoso Nino Konis Santana.....	62
Figura 6: A fotografia mostra palavras em língua portuguesa.....	63
Figura 7: Termos de Referência do Mestre da Resistência.....	63
Figura 8: Alfabetização de um grupo de guerrilheiros na área de Baucau.....	64
Figura 9: Alfabetização dos grupos de guerrilheiros em Baucau.....	64
Figura 10: Guerrilheiros da II Companhia numa aula de alfabetização.....	65
Figura 11: Adjunto Político Sai Lafila, ensinando os guerrilheiros a ler e escrever.....	65
Figura 12: O 1º Comandante da Ponta leste, Daitula, alfabetizando.....	66
Figura 13: Participação dos jogos desportivos na guerrilha.....	67
Figura 14: Atendimento e assistência de saúde na guerrilha.....	67
Figura 15: Bilou Malik entre responsáveis da Frente Clandestina.....	68
Figura 16: desfile de crianças numa aldeia de Timor-Leste.....	68
Figura 17: O primeiro Superintendente da Educação na zona dezenove setenta e cinco.....	69
Figura 18: Timor-Leste- O nascimento de uma nação.....	83

Figura 19: Processo de Aprendizagem ministrada pela professora Cruz.....	84
Última mensagem para irmã BITALI.....	77

## LISTA DE SIGLAS

UNILAB – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
ASDT – Associação Social Democrata Timorese
FRETILIN – Frente Revolucionaria de Timor-Leste Independente
FALINTIL – Força Armada de Libertação de Timor-Leste
UDT – União Democrático Timorese
KOTA – <i>Klibur Oan Timor Asuwain</i>
APODETI – Associação Popular Democrática Timorese
UNAMET – <i>United Nations Mission in East Timor</i>
RDTL – República Democrática de Timor-Leste
ONU – organização da Nações Unidas
PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
RDHTL – Relatório do Desenvolvimento Humano de Timor-Leste
UNTAET – <i>United Nations Transitional Administration in Timor</i>
ONGs – Organizações não Governamentais
CPLP – Comunidade dos Países de Língua Portuguesa
CNRT – Conselho Nacional da Resistência Timorese
UNICEF – Fundos das Nações Unidas para a Infância
PUN – Política da Unidade Nacional
PAM – Programa Alimentar Mundial
NTT – Nussa Tenggara Timur
INTERFET – Força Internacional para Timor-Leste
OPMT – Organização Popular das Mulheres Timorenses
KPG – Kursus Pendidikan Guro
CGD – Caixa Geral do Depósito

## SUMÁRIO

<b>Sumário .....</b>	<b>14</b>
<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>2 MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA .....</b>	<b>18</b>
<b>3 DISCUSSÃO CONCEITUAL SOBRE HISTÓRIA E MEMÓRIA.....</b>	<b>23</b>
<b>4 A IMPORTÂNCIA DE EDUCAÇÃO PARA FORMAÇÃO HUMANA .....</b>	<b>29</b>
4.1 Políticas Educacionais e Gestão Escolar .....	32
4.2 A Gestão de Educação Participativa e Democrática .....	36
<b>5 REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DE TIMOR-LESTE .....</b>	<b>38</b>
5.1. A Contextualização Histórica Do País .....	38
5.2. Características Geográficas e Situação do País Pós Independência .....	42
<b>6 MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO GERAL DE TIMOR LESTE.....</b>	<b>45</b>
6.1. Processos de Educação da Antiguidade em Timor-Leste .....	45
6.2. Memórias da Educação da Época Portuguesa (1515-1975) .....	47
6.3. Memórias da Educação no Período da Indonésia (1975-1999) .....	49
<b>7 EDUCAÇÃO DURANTE A GUERRILHA PARA A LIBERTAÇÃO DE TIMOR-LESTE .....</b>	<b>53</b>
7.1. Memórias da Educação na Guerrilha .....	53
7.2. Relatos de Experiências dos Agentes de Ensino e Líderes no Processo de Educação Guerrilheira	70
7.3 Memória da Educação do Período de Transição (1999-2002) .....	78
7.4. A Educação Pós-Independência .....	81
<b>8 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>86</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>88</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A memória de educação de Timor-Leste tem sua característica diferenciada e suas práticas pedagógicas do ensino mostram suas peculiaridades. O presente trabalho trata-se, da necessidade de lembrar e ter em memória a educação da guerrilha, na qual a autora do presente trabalho também participou naquele processo como mestre da resistência que entrelaçando com a trajetória acadêmica e profissional em que a autora está participando. Entretanto, esse contexto está mergulhado na decisão da formação continuada de professores, pois foi o que buscou a autora do presente trabalho quando ingressou no curso de Graduação em Ciências da Natureza e Matemática na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

A história é um processo em que o homem produzia no passado, através das ações e atividades, informações identificadas, suas relações entre si com meio ambiente e relembra no tempo presente. Portanto, é considerada como uma marca que tem valor para a sociedade contemporânea. Pois em muitas das vezes, as decisões humanas atuais, nas suas ações sempre relaciona o passado, como meio que leva o homem a se posicionar em algumas ações. Quando se trata da história, a memória faz parte da construção de história, pois a memória como fator que contribui para o homem transcrever a história em que existem os fatos e dados. Assim, a memória é uma propriedade intelectual do homem de conservar, recordar e interpretar informações sobre realidade passada para trazer à discussão presente e como fonte para futuras gerações, de saber as práticas e vivências do passado.

A educação timorense sofreu por diversas mudanças, desde a civilização do país até a entrada de diversos países no seu território. Uma das formas de educação que este trabalho aborda é a educação da guerrilha que tem grande importância para analisar o processo político educativo realizado pelos timorenses na luta pelas diversas ocupações. Pois, nesta altura o foco principal das autoridades timorenses é a reconstrução e desenvolvimento do novo país, de modo mais apropriado com realidade dos timorenses. Com a educação na guerrilha, o quadro da memória da educação timorense estaria completo, pois resgata os trabalhos organizados na base de apoio durante três anos e na guerrilha, os 21 anos como, por exemplo, a educação realizada na base de apoio e na guerrilha. Politizava-se o povo inocente e este estimulava política da independência aos outros inocentes, unificando a visão e ações que o envolvem como: hortas coletivas, trabalhos em cooperativas de produção dos produtos, em

difícil ligação com esforços de educação medicinal, sem que a população necessite saber ler palavras, mas com todo esforço de mãos dadas conseguiram libertar o país.

O problema encontrado como questão de pesquisa quando se trata a educação de base de apoio e guerrilha são os jovens timorenses e as futuras gerações perderam a sua própria identidade, em razão do desconhecimento da história resistência do seu povo, sobretudo, a educação realizada no passado, ou seja, registrar algumas ideias que trazem memória para futuro, como os timorenses podem enfrentar um grande perigo, porque a nova geração timorense começa a desconhecer sua própria cultura e estará arremedar outras tradições. Outro tipo de problema detectado no presente trabalho é que a nova geração não conhece bem a base histórica do país: a colonização portuguesa e a invasão indonésia, a história e a geografia de Timor-Leste não foram ensinados e o Timor-Leste era desconhecido pelos próprios timorenses. Atualmente alguns intelectuais escrevem sobre a geografia do país e a história da luta pela independência.

O tema Memória da Educação de Timor-Leste serviria para recordar as memórias esquecidas, mas também como forma de sistematizar as diferentes maneiras de olhar o passado. Trata-se de um passo significativo que poderia contribuir para a historiografia de Timor-Leste. Essa historiografia disponibilizaria as histórias da resistência timorense e ilustraria o trabalho realizado na sua recolha e tratamento de informações, elementos de contextualização sobre o país e apresentada em língua portuguesa.

O objetivo do presente trabalho é mostrar o percurso da resistência timorense na pessoa de uma timorense que participou desse processo revolucionário. Através do resultado da pesquisa sobre o tema em destaque seria possível concretizar a estratégia na educação básica o tema sobre a memória da resistência timorense no currículo nacional, caberia às novas gerações aprofundarem a luta do país pela independência e reconheceria o plano do ensino na base de apoio em 1976 a 1979 e dariam sua continuidade na guerrilha e na resistência. Além disso, analisar os relatos dos professores e alunos que participaram no processo de educação de guerrilha e na base de apoio no período da resistência em Timor-Leste.

A pesquisa tem por propósito contribuir na preservação da memória da resistência e educação de Timor-Leste; mostrar a importância dos acontecimentos dos grupos nacionais quanto à resistência timorense e suas histórias fundamentalmente na definição de identidades coletivas e individuais ao leitor. E promover a divulgação da história de Timor-Leste antes e pós-independência. Assim também, descrever os principais desafios de Timor-Leste após independência. Relatar a história e memórias do povo timorense, durante a luta e resistência



por sua liberdade. Sugerir a inclusão da história da resistência timorense no currículo da educação básica. Em seguida, justifica que muitos eventos da resistência estão quase a desaparecer porque a maioria da tradição timorense era de cultura oral e usava como uma fonte histórica para fazer lembrar as novas gerações, mas não foram escritos, por isso muitas histórias são consideradas mitos, por outras visões, a maioria das histórias timorenses foi escrita por estrangeiros. Apenas cabe aos timorenses estudar o que os outros escrevem sobre o povo timorense e o país.

A ideia de escrever a história de Timor leste pelo próprio timorense é uma necessidade de ocasionar de uma iniciativa, do seu sentimento de escrever a sua própria história e informar sobre o seu sofrimento durante o tempo que viveu. Deste modo, os timorenses conhecem melhor, o seu passado, a identidade histórica a suas individualidades, as suas coragens e fracassos, as sua afirmativa como um povo e nação democrática e independente. Além disso, deseja resgatar os fatos que foram esquecidos pelos próprios timorenses, através das histórias individuais, pode-se conhecer profundamente a história da guerrilha, os grupos da clandestinidade, grupo das mulheres que deram contribuições na luta da libertação da República Democrática de Timor-Leste.

Através da presente introdução que trata dos objetivos, problematização e justificativa do trabalho, o texto aborda a memória da educação de Timor-Leste e sua característica, o ensino mostra sua especificidade. O trabalho é dividido em sete seções e por último apresenta as considerações finais e as referências. A segunda seção mostra métodos e técnicas da pesquisa, o presente estudo foi elaborado a partir do procedimento metodológico da pesquisa descritiva em que a autora faz parte da base de apoio, e também foi realizada a aplicação de questionário voltado aos mestres da resistência e alguns participantes na educação da guerrilha e na base de apoio no momento da resistência, além disso, percorreu também uma pesquisa bibliográfica que deu suporte na discussão das teorias sobre memória, história, mudança de política educacional timorense.

A terceira seção descreve a discussão conceitual sobre história e memória em que o homem se expressa através da obra, na qual são os resultados da sua ação e atividade no tempo, suas experiências, suas angústias e ideologias. Quarta seção relata a importância de educação para formação humana, em que a educação é uma arma mais poderosa que pode transformar o mundo “relato de Nelson Mandela”. Na quinta seção, aborda as características geográficas, e sistema do país pós- independência e a contextualização histórica da República Democrática de Timor – Leste.

A sexta seção trata da memória da educação geral de Timor-Leste, que aborda o processo da educação da antiguidade, a educação nas épocas: portuguesa e indonésia. Já na sétima seção, descreve o contexto da Memória da Educação na Guerrilha e na Base de Apoio que a autora considera como fator importante neste trabalho de conclusão do curso. Ainda na seção sete, há relatos de experiências dos mestres da resistência, relatos de alguns líderes da guerrilha, relatos de algumas pessoas que se estabeleceram na Organização Popular das Mulheres Timorenses e os anexos das fotografias mais antigas retiradas na Fundação Mario Soares. Além disso, apresenta a educação dos períodos de transição e pós-independência e descreve também sobre a experiência da autora quando era professora voluntária numa escola de Timor-Leste. Por fim, a pesquisadora apresenta as considerações finais e sugestões para continuar com novas pesquisas e que se analisem todos os setores do país. Assim, poderão completar o quadro da memória histórica, e também para futuras pesquisas sobre os assuntos que não foram tratados no presente trabalho. As futuras pesquisas podem aprimorar alguns temas ou assuntos não realçados e tratados no presente trabalho em razão da delimitação do tema estudado.

## **2 MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA**

O presente estudo foi elaborado a partir do procedimento metodológico de pesquisa descritiva. Ao chegar a este procedimento, foi realizada uma aplicação de questionários voltada aos professores e alunos participantes na educação de guerrilha e na base de apoio no momento da resistência em Timor-Leste. Além disso, percorreu também uma pesquisa bibliográfica que deu suporte na discussão das teorias sobre memória, história, a mudança de política educacional timorense, a resistência do seu povo contra diversos países em território timorense, desde a entrada dos portugueses até a saída das organizações internacionais em 2002, principalmente da Organização das Nações Unidas (ONU).

Este trabalho se enquadra na pesquisa descritiva porque é uma tentativa de descrever o processo de ensino e educação da guerrilha realizada pelos timorenses nos momentos da resistência contra os países ocupantes de Timor-Leste. Narrando o processo de ensino aprendizagem realizado pelos professores e alunos interessados no ensino naquele período, na guerrilha e na base de apoio em Timor-Leste.

Na pesquisa descritiva, o trabalho visa-se pelos relatos de experiência das pessoas que participam processo da educação, como, por exemplo, a educação na guerrilha e base de apoio. É importante esse resgate para que a nova geração timorense não se esqueça de

valorizar os trabalhos realizados pelos mestres da resistência. Esse processo da educação na guerrilha, e na base de apoio a autora também era membro e trabalhava como mestre da resistência e responsável pela Organização Popular das Mulheres Timorenses (OPMT). Por meio desta trajetória acadêmica e profissional relembra sobre os trabalhos feitos naquela época. Quando ingressou no Curso de Graduação em Ciências da Natureza e Matemática na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira entendeu que este contexto seria melhor recordar. Assim, propôs como tema *Memória da Educação de Timor-Leste* para fazer uma imersão na própria história da qual autora deste trabalho é partícipe.

É um estudo que apenas descreve fatos e acontecimentos do passado da resistência do povo timorense. Através do estudo acadêmico a autora do presente trabalho, recorda-se os eventos do passado referente ao tema memória da educação de Timor-Leste que marcam a vida dos timorenses. Nesta ocorrência, verificaria que é muito útil manipular os conceitos importantes dos acontecimentos que marcam na memória, mas de caráter coletivo e meditativo da história que destaca um contexto da memória individual e apoia-se em grandes momentos de ações que marcam a história da vida do povo timorense. A memória individual sofre influências das diversas atuações que rodeiam ou lembranças que agrupam em duas qualidades das quais o indivíduo adota diferentes atitudes e pode apresentar pontos de operações em algumas situações coletivas são umas das aspirações sociais e culturais.

A pesquisa descritiva ancora-se nos fenômenos e as características de determinado acontecimento ou uma população, e esta tem sua peculiaridade no momento de coleta de dado, no qual se realiza através de aplicação ou observação no local do fato acontecido (GIL, 2008 *apud* GIL, 2009). Além disso, Cláudia Barbosa <sup>4</sup>também fortifica este tipo de pesquisa em seguinte argumentação:

[...] as pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características do fato ou fenômeno estudado. Por isso a pesquisa descritiva é normalmente feita em forma de levantamentos ou observações sistemáticas, visando descobrir a existência de associações entre variáveis (BARBOSA, p. 1).

Em relação à aplicação de questionário, o trabalho foi desenvolvido a partir de elaboração de um questionário (ver anexo I), conforme sua relevância e contribuição para descrever o processo de ensino na guerrilha e base de apoio em Timor-Leste no período da guerra pela ocupação da Indonésia. O questionário foi desenvolvido a partir das perguntas relevantes de suma importância para ter dados necessários que levem ao enriquecimento do

---

<sup>4</sup>Mais informações sobre pesquisa descritiva pelo autor Cláudia Barbosa, disponível em: <[http://www2.anhembi.br/html/ead01/met\\_pesq\\_cient\\_gastr/pdf/aula\\_04.pdf](http://www2.anhembi.br/html/ead01/met_pesq_cient_gastr/pdf/aula_04.pdf)>

trabalho. Assim, foram enviados os questionários via comunicação eletrônica (e-mail e rede social) aos mestres da resistência e algumas pessoas que tiveram papel importante no processo de ensino e aprendizagem na construção da educação de guerrilha e na base de apoio em Timor-Leste.

O motivo de aplicar os questionários aos mestres da resistência e algumas líderes da resistência, é que a autora do presente trabalho conhece e participou do percurso de ensino e algumas organizações da resistência juntos com os entrevistados. Assim, analisando e resgatando as ideias dos mestres da guerrilha e base de apoio como forma viável para a contribuição significativa da pesquisa, pela qual esses atores entrevistados são pessoas que relatariam melhor sobre a história da educação da guerrilha em Timor-Leste.

A pesquisa através da aplicação de questionário é um dos procedimentos metodológicos utilizados em trabalho acadêmico, construindo a partir das questões necessárias para produzir informações e a pesquisa analisada. Deste modo, a partir de um questionário compreende-se como “[...] instrumento desenvolvido cientificamente, composto de um conjunto de perguntas ordenadas de acordo com um critério predeterminado, que deve ser respondido sem a presença do entrevistador” (MARCONI; LAKATOS, 1999, p.100 *apud* MOYSÉS; MOORI, 2007, p. 2).

Este tipo de pesquisa visa na geração dos dados importantes para chegar ao propósito da pesquisa, na qual as questões devem ser desenvolvidas baseadas no que se refere aos fatos e realidades analisadas que envolvem atores entrevistados.

Deste modo, a autora do trabalho elaborou o questionário e decidiu enviá-lo aos contatos em Timor-Leste. Resolveu enviá-lo a seis (6) setores da estrutura da resistência e cada setor recebeu dois questionários. O questionário foi enviado pelas redes sociais, como, por exemplo, e-mails, das pessoas responsáveis pela rede clandestina, que a autora conhecia na época da resistência. Mas o retorno do questionário demorou quatro meses e mesmo assim não houve resultado satisfatório como era de se espera. Essa demora se devia pelo fato de alguns inquiridos diziam que ainda tinham confusão de entender as frases do questionário em língua portuguesa e sugeriam a autora deste trabalho se não queria traduzir as frases em língua Tétum/Tétun. A autora deste trabalho ficou com muita preocupação porque sabia que os responsáveis pela rede clandestina que conhecia, sabiam ler, escrever e falar português e chegou-se à conclusão de que as pessoas não queriam dar seus depoimentos para auxiliar no trabalho.

Foi então que se marcou outro encontro com o orientador para explicar as dificuldades de as pessoas não quererem responder o questionário. Assim, decidiu-se escolher e trabalhar com dois setores, com apenas dois municípios para facilitar o trabalho. Houve concordância com a ideia e, em seguida, escolheu-se os setores: Ponta Leste e Centro Leste que eram uma das bases da resistência formada por quatro municípios: Lautém, Viqueque, Baucau e Manatutu, e apenas trabalha com dois municípios Viqueque e Baucau.

Foi assim se reenviou o novo processo de aplicação de questionário através de redes sociais (e-mail e facebook), em diferentes dias e meses do ano de 2017. Nesse período a autora do presente trabalho teve oportunidade de contatar e dialogar pelas redes sociais: Facebook, Skype e Celular com os entrevistados. Assim, possibilitou fornecer informações necessárias e relevantes acerca da participação no processo de ensino tratado na pesquisa.

Pelo fato de que a autora do presente trabalho ter participado desse processo de ensino na Base de Apoio, permitiu de forma mais fácil conhecer os indivíduos que participaram no processo da resistência. Os questionários foram enviados a cinco entrevistados responsáveis pelo processo de ensino na Base de Apoio na Guerrilha em Timor-Leste. Lembrando que esses cinco entrevistados não eram somente pessoas que ensinavam, mas também participavam como alunos da formação política pela organização do movimento voltada às mulheres e comandante da FALINTL. Entre os entrevistados três pessoas do município Viqueque dois de Baucau, dois homens e três mulheres. Nota-se que **a entrevistada “A” (anexo II)** com a idade 52 anos era mestra da resistência na Base de Apoio no Setor Centro Leste e responsável pela rede clandestina nos bairros da cidade de Baucau e retornou o questionário pelo e-mail no dia 14 de setembro de 2017; **o entrevistado “B” (anexo III)** com a idade 64 anos era 2º comandante das FALINTIL no Centro Leste e retornou o questionário no dia 11 de julho de 2017 pelo e-mail; **o entrevistado “C” (anexo IV)** com a idade 53 anos era mestre da resistência na Base de Apoio no Setor Centro Leste e responsável pela rede clandestina nas cidades do subdistrito Uato-Lari e retornou o questionário no dia 14 de agosto de 2017 pelo e-mail; **a entrevistada “D”(anexo V)** com a idade 53 anos é Veterana da resistência por vinte e quatro (24) anos guerrilheira, retornou o questionário no dia 19 de setembro de 2017 pelo Facebook; **a entrevistada “E” (anexo VI)** com a idade 53 anos era responsável pela Organização Popular das Mulheres Timorenses (OPMT) na zona Leste-Caixa Fitun-loro-Sa<sup>5</sup> (Leste-Caixa Fitun-lorosa<sup>5</sup> era um código do local da resistência), retornou o questionário no dia 07 de setembro de 2017 pelo Facebook.

---

<sup>5</sup>O código do local da resistência

Enfim, chegou-se ao resultado satisfatório muito embora se esperasse durante meses e meses, as noites mal dormidas porque a diferença do fuso horário entre Timor-Leste e o Brasil. Enquanto no Brasil é dia, Timor-Leste é noite por isso toda noite a autora ficava acordada para entrar em contatos com os entrevistados em Timor-Leste. Assim, a espera de respostas desejadas ao trabalho, por fim os resultados chegaram satisfatórios. Gratidão aos entrevistados e entrevistadas que decidiram gastar seu tempo para dar depoimentos a este trabalho. Não foi fácil encontrar as pessoas para este tipo de trabalho, mas foi uma persistência pelo trabalho da resistência clandestina e escolha das pessoas certas para responder o questionário e saber identificar os responsáveis que participavam da rede clandestina e na guerrilha para ter um resultado que possa fortalecer o trabalho de conclusão do curso (Monografia). É uma história que marcou a vida dos jovens dos anos setenta, mas com a vida moderna em que muitos se esquecem de contextualizar ou recordar os trabalhos do passado e conseqüentemente da própria história. Portanto, este trabalho uma contribuição para recordar e relembrar os trabalhos realizados na época da guerra, luta pela libertação do país, mas também luta pela libertação do *ANALFABETISMO TIMORENSE*, tudo isso era uma tentativa de propósito de colocar os dialetos timorenses no ensino na Base de Apoio e na guerrilha, porque antes de aprender outras línguas deve-se explicar primeiro em língua local para facilitar a compreensão dos jovens, crianças e aos que não conheciam língua Tétum/Tétun e o Português. Assim, atualmente, o Tétum/Tétun está sendo mais falado em todo território do país.

Na pesquisa bibliográfica, o trabalho foi desenvolvido a partir das análises dos livros, artigos e publicações que tratam da memória e história de modo geral, cotejando autores acadêmicos que abordam a questão da memória com a história do Timor-Leste, e sua resistência contra diversos países que ocuparam a nação, o processo de dominação e política educacional realizada pelos países que subjugaram Timor-Leste, principalmente Portugal, Indonésia, a transição organizada pela Organização das Nações Unidas, a formulação e implementação da política educacional pela República Democrática de Timor Leste logo após a independência.

Para o presente trabalho a pesquisa bibliográfica, foi desenvolvida a partir de análises sobre a memória, importância do ensino, a gestão de processo de aprendizagem, relatado por diversos autores que apontam caminhos, que contribuam para o processo de ensino e aprendizagem, que levem os alunos a compreender conteúdos abordados em sala de aula.

Em qualquer trabalho acadêmico, se inicia com uma pesquisa bibliográfica, destacando o estado de arte, as teorias e temas que já foram estudados e analisados. Este é um embasamento teórico que contribui para o pesquisador entender melhor sobre fenômenos a serem analisados e tratados ao longo percurso da pesquisa.

Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisado conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura resposta (FONSECA, 2002, p. 31-32).

O Gilberto de Andrade Martins e Carlos Renato Theóphilo (2009, p. 54) também revelam que a pesquisa bibliográfica pretende “[...] explicar e discutir um assunto, tema ou problema com base em referências publicadas em livros, periódicos, revistas, enciclopédias, dicionários, jornais, sites, CDs, anais de congresso etc.” Os mesmos fortificam que a pesquisa bibliográfica visa a conhecer, analisar e explicar sobre o tema ou assunto a tratar, de modo aprimorar o propósito da pesquisa a ser realizada.

### **3 DISCUSSÃO CONCEITUAL SOBRE HISTÓRIA E MEMÓRIA**

No princípio, desde os tempos imemoriais, o homem se expressava através da obra, na qual são os resultados da sua ação e atividade no tempo, suas experiências, suas angústias e ideologias. As obras podem expressar em diversas maneiras e tipos, tais como: arte de escrita, ditas literárias, pinturas, danças, músicas e entre outras maneiras, o informativo para meio de comunicação que leva o homem a entender os significados e expressões subjacentes a essas obras. Para tanto, essas obras como meios formativos de história sobre fatos e realidades vivenciadas que determinam a permanência na vida humana.

A obra de arte contribui para o homem levar os acontecimentos à vida presente do próprio homem, considerada como uma marca para futuras gerações, mostrando os fatos acontecidos no passado, revelando informações a serem identificadas.

[...] essas obras de arte escritas, ditas literárias, obras de arte no campo da pintura, da dança, da escultura, da música, das artes plásticas, cada vez mais informam a história sobre os fatos que estariam fadados a permanecer no esquecimento, não fossem as marcas deixadas por seus protagonistas que, agora, são escutados a partir de suas produções (SANTANA et. al, 2011, p. 35).

A história pode ser compreendida como uma “[...] narrativa daquilo que jamais voltará a acontecer novamente, nem que se conseguisse reproduzir as condições precipitantes do fato

primeiro”, no qual este fato é considerado como peculiaridade (VEYNE, 1970 *apud* SANTANA et. al, 2011, p. 44). Como possui a especificidade de um fato ou realidade, a história tem suas características e identidade próprias, na qual existem elementos importantes de identidade pessoal e coletiva que diferenciam outras áreas de estudo ou da ciência.

[...] se a história se tornou, portanto, um elemento essencial da necessidade de identidade individual e coletiva, logo agora a ciência histórica sofre uma crise (de crescimento?): no diálogo com as outras ciências sociais, na expansão considerável de seus problemas, métodos, objetivos, ela se pergunta se não começa a perder-se (LE GOFF, 2003, p. 16 *apud* SANTANA et. al, 2011, p. 45)

Segundo Burke (1992) apresentado por Santana e seus colegas (2011), existe a diferença entre antiga e nova história, na qual a primeira é considerada como história tradicional que se refere principalmente à política nacional do Estado, não possibilita ter discussão sobre da história regional. Para tanto, a nova, surgiu para pensar sobre história de forma a preocupar com existência humana, relações entre homem com suas atividades, mostrando que a realidade é vista como atividade social ou cultural constituída.

Ademais, a divergência entre tradicional e nova história está na “[...] análise das estruturas que estão em jogo, enquanto que, para aquela, a narrativa dos acontecimentos é considerada a “pedra de toque” (SANTANA et. al 2011, p. 46). No entanto, somente analisar, não basta para sua concretização, mas deve o mais importante quando tratar à antiga e nova história é na mudança econômica e social ao longo período, sobretudo a modificação geohistórica de muita duração de tempo

A nova história se preocupa mais sobre a história do homem ao que tudo indica sem contar com história tradicional. Antes de tudo, a história tradicional deu atenção nas figuras importantes pelo tempo, logo a nova focaliza mais na questão das pequenas histórias humanas que compõem as relações sociais. A concentração dos estudos, principalmente, em pesquisas sobre história, cada vez mais modifica a importância dos documentos históricos e qualidade de fonte ligada à memória. Assim, Burke (1992, p. 13) *apud* Santana et.al (2011, p. 48) em seguinte análise: [...] a concentração dos estudos históricos em pesquisas que exacerbam a importância dos documentos oficiais, atitude responsável pela desqualificação das fontes ligadas à memória, as biografias, “com opiniões das pessoas comuns e sua experiência da mudança social”.

[...] se os historiadores atuais estão mais propensos a considerar evidências diferentes na busca da interpretação histórica, devem estar preparados também para o aumento no número de fontes e registros. Tal consideração abre espaço para a aproximação entre a pesquisa histórica e a pesquisa entre os profissionais da área por nós estudada, mas, que teve seu apogeu nos anos 50 e 60 do século XX (BURKE, 1992 *apud* SANTANA et. al, 2011, p. 48).



A história sempre acontece nas relações humanas e nas ações produzidas. Para tanto, deve dar valor para a compreensão, percepção e entendimento destas ações desenvolvidas, considerando que “[...] os aspectos emancipatórios, é o que de fato se tenta evidenciar. O que a História deve buscar são as considerações pertinentes à vida, que, em um determinado momento, podem ser ressignificadas” (SANTANA e.t al, 2011, p. 53). Cabe ao historiador, através dos meios de acesso à produção de historiografia mostrar comportamento e vivência da sociedade, sobretudo, o processo de ressignificação dos fatos e acontecimentos. Logo, o passado torna-se elemento importante de entrelaçamento com o presente.

Dessa forma, o passado, elemento central da narrativa dos historiadores, torna-se importante nesse entrelaçamento com o presente, como sugere José Honório Rodrigues: “é pela conexão íntima entre passado e o presente que a História possui incessantemente o mundo e age sobre a vida, como a vida age sobre a História” (SANTANA e.t al, 2011, p. 53).

A história é aquele evento acontecido no passado que deve acordar no presente, de modo a revelar acontecimentos relacionados tanto com a vida do indivíduo e sociedade. A história é tratada como evento passado, o mesmo pretende guardar os aspectos e informações íntimas relacionadas aos diversos fatores da história. Analisando os fenômenos passados, os seus sentidos que atribuem sobre sociedade e nos locais, onde acontecem os fatos. Assim, as evidências e as compreensões são as características mais relevantes quando se trata da história do passado, ou seja, o passado é essencial do presente.

Existe a relação entre passado e presente na história, na qual o passado não já passou como era antes, mas existe uma dependência entre eles. Pois, ao escrever história do passado, nem se parte unicamente a analisar os fatos passados, porém nem ambas existem a independência da sua postura. A história traz o envolvimento social na busca de relações pessoais, seja pela vivência social e vivência individual, expressando sentimentos e contradição de personagem na busca dos interesses pessoais para se sustentar.

No que tange à memória, está sempre presente na história. Assim, a memória é compreendida como uma ocorrência individual que se relaciona com a vida social, na qual o homem aparece apresentando os fatos pessoais e coletivos.

[...] a memória é esse fenômeno individual e psicológico que se liga também à vida social, devendo ser compreendida através de recortes psicológicos, biológicos, neurofisiológicos, psicofisiológicos, que se apresenta sob as facetas individuais e coletivas, constituindo-se objeto de estudo desses campos, mas, ainda em certos aspectos, obstáculos e de difícil apreensão (LE GOFF, 2013, p. 419 *apud* SANTANA, 2011, p. 40).

A preservação da memória tem grande importância para não perder os fatos e informações acontecidos no passado, porém nem sempre contado com todos os envolvidos pela sociedade no processo de construção da história, principalmente no que se relaciona à conservação de documentos que assegura os fatos do passado. A história também pode ser entendida por meio da oralidade, aliado aos documentos tradicionais que permitem colocar diferentes olhares para abordar eventos passados, contribuindo para descrever relação entre homem e/ou sociedade.

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, e especialmente os idosos, a conquistar dignidade e autoconfiança. Propicia o contato – e, pois, a compreensão – entre classes sociais e entre gerações. E para cada um dos historiadores e outros que partilhem das mesmas intenções, ela pode dar um sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época (THOMPSON, 1978, p.44 *apud* SCHEMES; SILVA; PRODANOV, 2010, p. 31)

A história oral vista como instrumento que privilegia, compreendida como olhar diferenciado, fortalece a redefinição das certezas à investigação, pertencendo as experiências e memórias coletivas e individuais que dão suporte ao recontar, além de fatos e eventos acontecidos, também dos sonhos e esperanças. Existem diversos problemas relacionados à passagem de história oral para registro escrito, de uma linguagem para outras, nas discussões que sempre existem múltiplas ideias e significados do mesmo assunto e os elementos que compõem a história.

Há problemas diversos recorrentes na passagem do registro oral para o registro escrito, na passagem de uma língua a outra, na própria difusão de elementos que podem se dar através de uma determinada maneira de o entrevistador fazer uma pergunta, escolher uma pergunta, impõe determinadas condições ao desenvolvimento da entrevista (BARROS, 2011, p. 338).

Mesmo assim, é necessário que a história seja registrada como informação necessária para que possam ser entendidos os fatos e realidades passadas, as influências relacionadas entre ações humanas com o local, onde se concentram as respostas sobre o mesmo fato acontecido na vida individual e/ou coletiva. A história oral surge para a inserção do uso e validação das informações orais, de forma geral, realização de entrevistas planejadas, visando registrar a narrativa de ações e experiências do homem (TREVISAN, 2013). Na tabela seguinte, apresentam-se as três categorias quando se trata da história oral, tais são: técnica, disciplina e método.

### Quadro 1: Três Acepções da História Oral

<b>Técnica</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ A História Oral é enquadrada funcionalmente a produzir e arquivar documentos orais adequadamente.</li> <li>▪ A ela não caberia discutir os procedimentos pré-entrevista ou pós-entrevista, apenas prestar suporte ao entrevistador e entrevistado, eximindo-se de analisar o conteúdo e a forma das narrativas.</li> </ul>
<b>Disciplina</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Responsável pela elaboração de uma “história alternativa”</li> <li>▪ História Oral vai além da produção e arquivamento de fontes orais, propondo-se a questionar e explicar a realidade concreta através de um sistema conceitual próprio, apoiado exclusivamente no registro de entrevistas programadas.</li> </ul>
<b>Método</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ A história oral ganhando a discussão como metodologia de pesquisa ao longo dos últimos anos, contribuindo na prática de ciências sociais, sobretudo sua contribuição para a afirmação pelo seu potencial documento e heurístico.</li> </ul>

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados de Trevisan (2013, p. 9-10)

Conforme o quadro anterior, a história oral possui três concepções diferentes, de forma que ela é compreendida. No aspecto técnico, a história oral visa produzir e arquivar documentos com caráter oral de forma mais compreensíveis e adequadas com realidade do fato e evento acontecido no passado. Em relação à categoria disciplinar, esta tem a responsabilidade de construir uma história que transmite a narração sobre fenômenos acontecidos, pois a mesma vai além da produção como na primeira. Já aos métodos, a história oral está ganhando como meio ou instrumentos de pesquisa utilizada pelos diversos pesquisadores, principalmente aqueles da área de ciências sociais.

Conforme Freitas (2002, p. 18) apresentada por Trevisan (2013, p. 10), a história oral é compreendida como “[...] um método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana”, além de considerar como técnica e fonte de informação, está também visto como aquisição e produção dos conhecimentos que contribuir as ciências.

A partir desta ideia, pode-se abordar a discussão de memória que tem a relação com história, na qual esses dois conceitos se relacionam ao mesmo tempo, pois uma vez que tratar da história, conseqüentemente, a memória faz parte da construção de história, de modo a lembrar **dos** acontecimentos do passado.

A memória considerada “[...] como propriedade de conservar certas informações, que nos reenvia em primeiro lugar para um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, que ele representa como passadas” (LE GOFF, 1996, p.11 *apud* SCHEMES; SILVA; PRODANOV, 2010, p. 31). A

recordação de memória de indivíduos opera coletivamente dos eventos acontecidos, de que interpretam e salvaguardam, assim, Pollak (1989) argumenta em seguinte consideração:

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades [...] A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementaridade, mas também as oposições irreduzíveis. (POLLAK, 1989, p.9 *apud* SCHEMES; SILVA; PRODANOV, 2010, p. 38).

Ainda o mesmo autor supracitado, a memória coletiva de um determinado grupo tem a característica de maneira estruturada, através de suas hierárquicas e classificações, mostrando os fatores em comum dos indivíduos pertencidos no grupo, ao mesmo tempo diferencia um com os outros. Assim, uma memória sempre fundamenta os sentimentos de pertencimento e suas fronteiras, além de fronteiras socioculturais.

Segundo Halbwachs (1990) *apud* Schemes, Silva e Prodanov (2010, p. 39), a memória também compreendida como “[...] um fenômeno construído, pois não podemos conservar o passado exatamente como ele foi, mas o repensamos com imagens e pensamentos de hoje. Dessa forma, ela é fundamental para a construção da ideia de pertencimento social, ou de uma identidade coletiva”. Pois está quase evoluindo a partir da realidade de presente, de modo a ser contada sobre passado, de maneira mais possível para não perder suas características originárias e fatores íntimos da memória.

A memória corresponde habitualmente ao processo parcial e não limitar, porém lembrar os eventos passados, daquilo que o homem representa como seu passado. A memória individual antes de tudo contaminaria a memória coletiva, sobretudo as ideias e ações praticadas. Dessa forma, caso a memória coletiva considerasse como “[...] um depósito de informações, de dados, de lembranças passivas, não problematizadas, era até certo modo natural que, diante de uma significação como esta, a noção de Memória fosse contraposta assimetricamente à ideia de História [...]” (BARROS, 2011, p. 318). Como esta é compreendida como depósito de dados, conseqüentemente assegurar e conservação a mesma, conforme apresentado por José Honório Rodrigues na sua obra *Filosofia e História* (1981), em seguinte argumento:

[...] a memória é depósito de dados, naturalmente estática, pois configura um princípio de conservação, uma simples reprodução dos sucessos anteriores existentes na vida animal superior; a Tradição é o respeito à continuidade dos hábitos, costumes e ideias, é também estática e contém contra si muitos aspectos negativos, ao lado de alguns positivos; só a história é a análise crítica, dinâmica, dialética, julgadora do processo de mudanças e desenvolvimento da sociedade (RODRIGUES, 1981: 48 *apud* BARROS, 2011, p. 318).

A memória individual nos últimos anos mudou seus conceitos para contribuir ao enriquecimento dos conceitos memórias coletivas, trazendo para realidades coletivas nas quais, o indivíduo está vivenciado no ambiente social. Portanto, a memória individual sempre envolve importantes fatores coletivos, comportamento narrativo, logo “[...] a narratividade é necessariamente um processo mediado pela Linguagem – esta que em última instância é produto da Sociedade – tem-se aqui maior clareza de como a dimensão coletiva também interfere na Memória individual” (BARROS, 2011, p. 139).

De acordo com Nora (1984) *apud* Barros (2011, p. 320), a memória é vista como pouco móvel e passiva, pois esta é compreendida como uma vida que sempre desenvolvida e realizada pelas pessoas que permanecem a evoluir, de ter a possibilidade de abertura “[...] à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações”.

No entanto, a memória e história sempre confundida pelas muitas pessoas, até aos historiadores, de modo, que estas duas se relacionam entre si harmonicamente. A memória histórica é um fato compartilhado por todas as pessoas da sociedade, resumidamente, mais esquematizado e a cada um ser independente. Assim, Barros (2011, p. 331) argumenta que a história e memória “[...] entrelaçam-se nas memórias históricas para preencher uma função importante: quando a memória viva de determinados processos e acontecimentos começa a se dissolver através do desaparecimento natural das gerações que os vivenciaram [...]”, logo, se torna ainda mais importante e tem necessidade com movimento de registrar essas memórias.

#### **4 A IMPORTÂNCIA DE EDUCAÇÃO PARA FORMAÇÃO HUMANA**

A educação é uma arma mais poderosa que se pode usar para mudar o mundo, afirma Nelson Mandela. Portanto, a educação é uma aplicação dos métodos próprios para assegurar a civilização, intelectual e moral de um ser humano no seu meio ambiente. O mundo globalizado traz diferentes conhecimentos e ampliam as capacidades por meio das mudanças das ciências, tecnologias e pelos quais se produzem as experiências do ser humano que decidirá a sua vida até a sua morte. O universo desse conhecimento é não deixar de manifestar, redescobre-se e proclama-se o seu comportamento, assim pode contribuir com a construção de uma sociedade em que todos participem da vida social, cultural, e bem como da vida econômica.

A realidade centrada na compreensão do meio social e no conhecimento das necessidades vivenciadas da comunidade, a educação é um contexto que caberá um conhecimento de novas informações e instrumentos necessários para que seja possível contribuir, auxiliar no desenvolvimento da autonomia de um ser. A educação moderna vai formar através das experiências vividas por cada ser humano ao longo da sua vida, o conceito engloba a civilização da sua capacidade e de socialização.

Freire e Lopes (2014) afirmam que se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda. Deste modo, o processo educativo em estabelecimentos de ensino, os conhecimentos e habilidades são transferidos com o objetivo de desenvolver o raciocínio de um ser humano ensinar a pensar sobre diferentes problemas, auxiliar no crescimento intelectual e na formação de cidadãos capazes de gerar transformações positivas na sociedade.

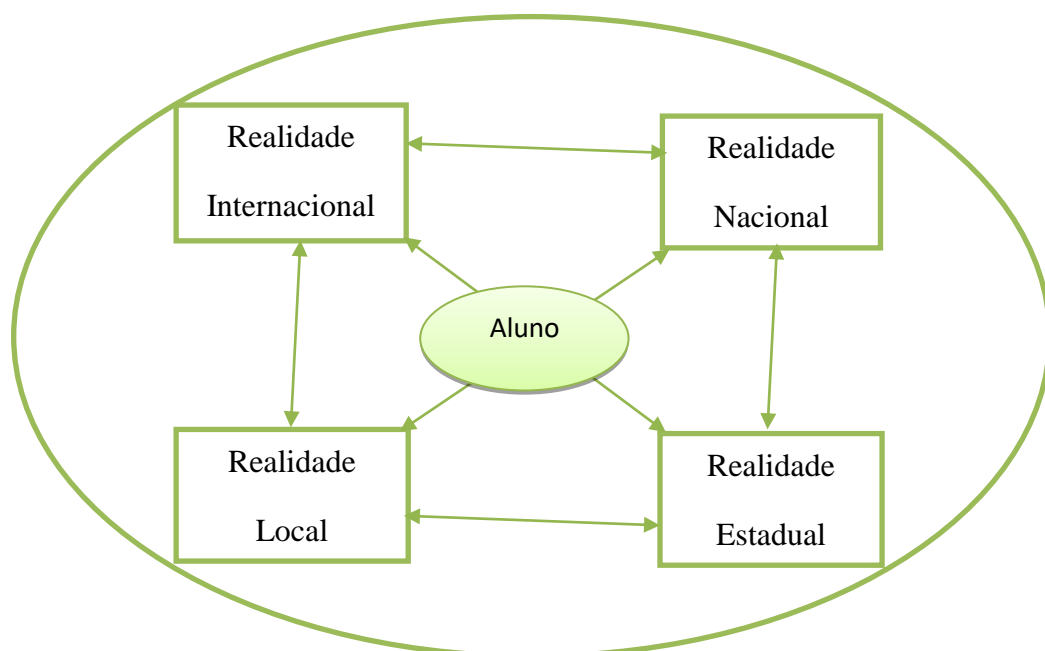
A educação formal ou escolar, por sua vez, consiste na apresentação sistemática de ideias, fatos e técnicas aos estudantes. Uma pessoa exerce sua função, influência, ordenada e voluntária sobre outra com a intenção de formá-la. Assim, o sistema escolar é a forma pela qual uma sociedade transmite e preserva a sua existência coletiva entre as novas gerações. Por outro lado, convém salientar que as sociedades modernas atribuem grande importância ao conceito de educação permanente ou contínua, que defende o processo educativo não se limita simplesmente à infância e à juventude, já que o ser humano deve adquirir conhecimentos ao longo de toda a sua vida.

A sociedade atual está vivenciando um ritmo mais dinâmico, no qual a mesma está orientada pela atividade econômica, em que se baseia no conhecimento, tecnologia e comunicação, visando estimular conhecimento que oportuniza a vantagem e interesses a todas as pessoas e organização a ser inseridas. A fim de que o indivíduo tenha oportunidade de participar e organizar efetivamente no processo de globalização e das mudanças na qual o mundo traz por si mesmo, as pessoas devem buscar conhecimentos que têm vantagem para a sociedade. Assim, “[...] a educação se torna imprescindível como ação contínua e permanente, demandando das instituições que a promovem, a necessidade de reinventar-se e melhorar suas competências continuamente” (LÜCK, 2009, p. 16). Ainda e continua a acontecer os desafios frequentados pela escola na prática de política educacional, sobretudo, nas ações educativas que suportam a formação humana. No entanto, não somente passar pelos problemas relacionados à educação, mas como superá-los, de forma mais flexível na formação e no processo político pedagógico do ensino.

Lidar com processo educativo, de forma mais coerente à comunidade, deve buscar a conhecer realidade e competências necessárias no contexto educacional, contando com ajuste e mudanças baseadas a necessidade e demanda do contexto da realidade externo e interno da escola. Pois, a atual sociedade vivencia uma realidade educacional, em que a finalidade escolar deve ganhar a discussão mais ampla, complexa e dinâmica a ser trabalhada. Segundo Heloísa Lück (2009, p. 16), o interesse maior da comunidade sobre a educação é “[...] estabelecer uma comunidade de ensino efetivo, onde persevere, coletivamente, não somente o ideal de ensinar de acordo com o saber produzido socialmente, mas o de aprender, em acordo com os princípios de contínua renovação do conhecimento”, buscando um ambiente que tenha característica de desenvolvimento contínua aos estudantes, professores, técnico administrativo e os gestores educacionais.

No atual panorama ganha uma força maior as práticas educativas, de novas perspectivas, conforme apresentada pelo autor supracitado em seguintes aspectos: a) organização de política pedagógica da escola, visando à melhoria do processo de ensino na sala de aula; e b) a função fundamental de desempenho profissional das pessoas da educação tem extrema importância, de auxiliar os educandos na implementação da atividade pedagógica. Busca-se a renovação e melhoria da qualidade contínua, na qual se visa o centro de escola é o aluno em si. Como a formação escolar da política de educação concentrada no aluno, na próxima figura, apresenta-se a realidade do aluno no campo de conhecimento das diversas realidades.

**Figura 1: Educação centrada no aluno**



Fonte: Segundo Heloísa Lück (2009, p. 16).

De acordo com a figura anterior, a educação está concentrada no aluno, na perspectiva de realidade internacional, nacional, estadual e local. Uma educação a ser efetivo deve levar os alunos a entender estas realidades previstas na figura anterior, colocando o aluno na busca do conhecimento que tem relação com as mudanças e progresso ambiental destas realidades. A política educacional deve abranger todas as áreas relacionadas à formação humana, buscando aprimorar conhecimentos dos seus estudando para que possam entrar no desenvolvimento das realidades e ambientes nos quais o aluno está inserido.

A política educacional se relaciona com diversos fatores, ou seja, existem muitos aspectos que devem levar em consideração quando se trata da educação, pois a relação da mesma sempre existe a influência tanto do pessoal que realiza atividade pedagógica como também do sistema e infraestruturas relacionadas à educação. Estes fatores são: gestão educacional, recursos humanos, planejamento e organização escolar, gestão pedagógica, clima e cultura escolar, no qual os alunos estão inseridos. Cabe ao gestor escolar como profissional de educação, “[...] de modo a orientá-los no desenvolvimento de ambiente educacional capaz de promover aprendizagens e formação dos alunos, no nível mais elevado possível, de modo que estejam capacitados a enfrentar os novos desafios que são apresentados” (LÜCK, 2009, p. 16). O gestor educacional deve promover uma política educacional no sentido mais coerente sobre o sentido da educação, os fundamentos da mesma, princípios e diretrizes que proporcionam uma educação para todos.

#### 4.1 Políticas Educacionais e Gestão Escolar

A educação é compreendida como um sistema de processo organizado e que possui as características mais complexas, dinâmica e envolvimento de diversas pessoas físicas e jurídicas. Esta é mais evolutiva e tema participação da comunidade, as nações e organizações de diversos contextos para o desenvolvimento de suas atividades. Além de compreendida como formação humana, apresenta seus fundamentos e princípios importantes para formação dos alunos e à comunidade ao seu redor, como argumenta:

Como um processo social de formação humana, a educação se assenta sobre fundamentos, princípios e diretrizes para norteá-lo e dar unidade e consistência às ações educacionais promovidas pelas escolas, na promoção da formação e aprendizagem das crianças, jovens e adultos que frequentam o estabelecimento de ensino. Em vista disso, dada a abrangência das redes e sistemas de ensino, torna-se necessário haver legislação nacional, estadual e local capaz de nortear nas escolas sua jurisdição segundo princípios unitários de qualidade (LÜCK, 2009, p. 19).



A educação abrange o processo formativo que se desenvolve e envolve diversos autores, na convivência do homem, nas instituições de ensino, movimentação social em todos os fatores relacionados a ela. Pois, conforme a Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei Diretrizes da Educação Nacional), no seu Art. 1º, estabelece que a “[...] educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”. No seu artigo 3º da mesma lei, estabelece os princípios que regem a aplicação de educação nacional brasileira, sobretudo, o processo de ensino realizado pelos profissionais de educação em diversas instituições.

### Quadro 2: Princípios e Fins da Educação (Ensino)

▪ Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;	▪ Valorização do profissional da educação escolar;
▪ Liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;	▪ Gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino;
▪ Pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas;	▪ Garantia de padrão de qualidade;
▪ Respeito à liberdade e apreço à tolerância;	▪ Valorização da experiência extraescolar;
▪ Coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;	▪ Vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais.
▪ Gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;	▪ Consideração com a diversidade étnico-racial.

Fonte: BRASIL, (1996)

No quadro anterior, apresenta-se o quanto a importância de uma educação mais justa e equilibrada para transformação de uma sociedade de maneira participativa. Uma educação em que se tem a democracia e liberdade de apreender no ensino e pesquisar sobre saberes intelectuais, culturais e científicos, respeitando o pluralismo das ideias e concepções pedagógicas trazidas pelos alunos, profissionais de educação, sociedade e diversos atores envolvidos da escola. A educação que valoriza seus profissionais e alunos na garantia de qualidade dos serviços educacionais, valorizando experiências extracurriculares e outros fatores que contribuam para a melhora formação humana.

Para tanto, a gestão de resultado na política educacional deve ter necessidade de gestão orientada para o trabalho educacional, visando à superação dos possíveis obstáculos a ser

superados. Pois a gestão educacional deve englobar o conjunto e perspectivas de abertura e consolidação sobre as práticas de educação na melhoria dos métodos e técnicas pedagógicas.

A função principal dos profissionais da educação é escola em si, busca-se o desenvolvimento educacional, não somente nas práticas educativas, mas também estabelecer o ambiente harmônico na sociedade externa, onde a escola está inserida. Ao chegar nesta meta, a gestão educativa deve atuar pela natureza e realidade social, psicológicos dos alunos, em diversos aspectos, sobre as relações da escola com comunidade.

O papel do gestor é de grande importância na melhoria da gestão escolar, de modo a levar a escola a ser eficaz para seus alunos, conforme argumentado por Fernando Luis Abrucio na sua obra intitulada “Gestão escolar e qualidade da Educação: um estudo sobre dez escolas paulistas” (2010) em seguinte argumentação:

Ele tem de aliar quatro tipos de competências: conhecimentos específicos à Educação; o relacionamento interpessoal com a comunidade interna, em especial com os professores e alunos; a capacidade de ganhar confiança e atrair a comunidade externa, principalmente os pais; e habilidades em gestão (ABRUCIO, 2010, p. 252).

Gestão escolar além de lidar com a característica dos alunos envolve também uma necessidade de lidar com a complexidade das dimensões sociais, institucionais e humanas que a função escolar está envolvida. Dessa forma, Heloísa Lück (2009, p. 20) argumenta que a escola deve tratar como “[...] um processo sociopedagógico voltado para a mobilização do talento humano e o seu desenvolvimento, mediante a aquisição de conhecimentos, habilidades e atitudes necessários para o exercício consciente, comprometido com a plena da cidadania”. Ainda a mesma autora supracitada, a educação que está atuando na comunidade deve ter capacidade à promoção de usufruir bens tecnológicos e culturais dos quais a sociedade está participando do mundo de trabalho, os formados para contribuir a formação de cidadania.

Essa educação, na sociedade complexa e desafiante em que se vive, demanda, como forma de inserção na sociedade e no mundo do trabalho, e também de usufruir dos bens culturais e tecnológicos que a sociedade oferece, o desenvolvimento da capacidade: i) de resolver problemas com iniciativa; ii) de trabalho colaborativo e em equipe; iii) de raciocínio rápido e crítico bem informado; iv) de visão estratégica; v) de atuação autônoma, ética e elevada auto-estima; vi) de aprender e de atuar criativamente; vii) de liderança; viii) de questionamento crítico; ix) de organização, com capacidade de concentração; x) de trabalho integrado e em equipe; xi) de fazer uso criativo de recursos, dentre outros aspectos (LÜCK, 2009, p. 20).

Estas capacidades de educação oportunizam ao indivíduo a ler, escrever, interpretar, analisar, questionar e desenvolver conhecimentos científicos construídos no decorrer das atividades de ensino na escola. Pois, “[...] a educação ocupa lugar central na acepção coletiva da cidadania” e está, “[...] se constrói no processo de luta que é, em si próprio, um movimento

educativo” (GOHN, 1992, p. 16 *apud* ANTONIO, 2010, p. 122). Ao chegar estes valores importantes da educação, a escola deve buscar uma gestão de qualidade para gerenciar suas atividades de ensino que se baseia em resultado educacional.

A gestão de resultado do rendimento escolar, a frequência e proficiência dos estudantes, melhores práticas de gestão escolar. Sendo considerada uma gestão de qualidade de uma educação, deve ter alguns indicadores conforme recomendadas pelo CONSED (2007) *apud* Lück (2009, p. 56) em seguinte quadro:

### Quadro 3: Indicadores de Qualidade para uma Gestão de Resultado Educacional

Indicadores de Qualidade Recomendada na Gestão Educacional	
A avaliação e melhoria contínua do projeto pedagógico da escola	A identificação dos níveis de satisfação da comunidade escolar com o trabalho da sua gestão
A análise, divulgação e utilização dos resultados alcançados;	Transparência de resultados

Fonte: CONSED, 2007 *apud* Lück (2009, p. 56)

Na avaliação, se a gestão da educação ganha o resultado satisfatório para determinada escola, deve-se analisar algumas considerações que prevaleçam à escola para ter rendimentos viáveis nas práticas pedagógicas. Assim, os indicadores previstos no quadro anterior são fatores recomendados pela autora supracitada para uma gestão de qualidade, na qual, analise-se a partir de uma avaliação contínua de todo processo dos projetos pedagógicos da escola, sobretudo dos cursos existentes, analisando e identificando os níveis satisfatórios não somente pela comunidade acadêmica, mas também pela população de modo geral, considerada como caminho viável para qualidade de resultados educacionais.

Ainda na gestão de resultados educacionais, Lück (2009) apresenta algumas características viáveis quando se trata da qualidade de educação. Estas características podem ser apresentadas em seguinte quadro a partir de uma abordagem significativa para escola, de modo a melhorar de seu desempenho na prática pedagógica.

### Quadro 4: Características da Gestão de Resultados Educacionais

▪ Baseia-se em indicadores de desempenho, que sintetizam os elementos que traduzem o nível de aprendizagem dos alunos;	▪ É realizada nos sistemas de ensino com o objetivo de estabelecer políticas de melhoria do ensino;
▪ Promove a verificação sistemática e contínua da frequência dos alunos, da	▪ É associada à definição de metas de desempenho;

sua aprendizagem e do desempenho escolar;	
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ É realizada em âmbito de sistema de ensino, mediante adoção de testes padronizados que permitem comparação de resultados;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ É dependente de práticas de acompanhamento e análise de resultados finais de processos educacionais: fim de unidade de aprendizagem (escola), de ano letivo (sistema);</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ É realizada na escola em todas as unidades de aprendizagem, com fins pedagógicos (melhoria da aprendizagem de alunos que demandam atenção diferenciada);</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ É realizada, na escola, com objetivos pedagógicos de identificar necessidades de melhoria, em associação aos elementos melhor condizentes a esses resultados;</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ É também realizada na escola, mediante testes padronizados, que permitem identificar a necessidade de mudanças e reorganização do processo educacional para garantir melhores resultados de grupos específicos de alunos;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Baseia-se na comparação de dados, que permitem verificar quanto de melhora houve em um dado período e como variam esses resultados em condições diferentes;</li> </ul>

Fonte: Lück, 2009, p. 57

Conforme a tabela anterior, a mesma autora mostra quão importante uma gestão de resultado da política educacional que mostra os indicadores viáveis na sua mensuração para ser um ensino de qualidade. Ao chegar a um resultado satisfatório, a escola deve apresentar estas características, pelas quais devem promover a sistematização das frequências dos alunos, adoção de teste padronizada de modo que se permita a comparação dos resultados. Buscar-se-ia a melhoria do processo de aprendizagem dos alunos, definição dos objetivos a serem atingidos pela escola e entre outras questões que contribuam ao melhor resultado de educação.

Além disso, os objetivos pedagógicos da escola devem buscar as necessidades de melhoria para alcançar resultados satisfatórios, isto é, as ações e práticas educativas de forma mais adequada às realidades locais, dos alunos e da sociedade como um todo, onde a escola está funcionando. Melhorando assim, a educação na busca de resultado de qualidade se alcança de maneira mais satisfatória aos componentes escolares, de preparar para lidar com os obstáculos e superá-los, a fim de que possa contribuir na formação dos alunos para a formação cidadã.

#### 4.2 A Gestão de Educação Participativa e Democrática

A educação para ser atrativa, é necessária que exista a participação ativa tanto da comunidade acadêmica como também a sociedade de modo geral. A democratização

participativa de gestão escolar, sobretudo a educação, deve-se concentrar no processo social colaborativo entre a comunidade acadêmica, sociedade civil e as múltiplas organizações.

No momento em que exista a participação de todos os atores de educação, aqueles que se interessa por ela, resultarão na qualidade de ensino, baseando nos princípios democráticos, assim, uma gestão democrática da educação deve propor seguintes condições: a) aproximar a escola dos pais e comunidade na melhoria e promoção de qualidade da educação; b) estabelecimento de ambiente escolar mais harmônica entre comunidade acadêmica, de modo a ter participação ativa, a abertura da escola, na qual os alunos devem ter possibilidade de se expressar, experimentar e exercer a função cidadã (LÜCK, 2009). Uma educação de gestão democrática deve buscar a promoção de educação, oportunizar os alunos a apreender e identificar as respostas aos problemas detectados.

[...] a gestão democrática se assenta na promoção de educação de qualidade para todos os alunos, de modo que cada um deles tenha a oportunidade de acesso, sucesso e progresso educacional com qualidade, numa escola dinâmica que oferta ensino contextualizado em seu tempo e segundo a realidade atual, com perspectiva de futuro (LÜCK, 2009, p. 70).

Para que exista a democratização educacional, deve-se construir uma articulação dos direitos e obrigações, em que os alunos e profissionais de educação busquem dar vantagem para o progresso de ensino e aprendizagem conforme propósito de política pedagógica do ensino em cada escola. A democratização educacional deve buscar o equilíbrio entre direitos e deveres do corpo acadêmico, no entanto, são grandes obstáculos por que passam pelos diversos profissionais de educação. Além disso, na obra de Paulo Gomes Lima intitulada “Política educacional na perspectiva de Paulo Freire: desafios para os dias contemporâneos” (2015) revela que a educação atualmente tem extrema importância como um ato político de determinada nação que caracteriza como Estado democrático, no qual a educação proporciona o indivíduo como instrumentos fundamentais para o entendimento próprio e da coletividade, na qual, “[...] a sua existência é mobilizada por condições específicas que não se afastam da dimensão política e ao mesmo tempo são elas criadas e modificadas por eles como atores sociais, construtores de sua autoprodução” (LIMA, 2015, p. 116).

Caso do Brasil, a discussão da democratização educacional ganhou força a partir dos anos de 1980, no período em que a educação era vista como garantia de direito de todos os indivíduos de acessá-la, sobretudo nas escolas públicas. Logo muitas crianças começaram a ter acesso e a frequentar a escola.

Na década de 1980, com o restabelecimento do sistema democrático no país e a realização de eleições para prefeitos e governadores, nota-se mudança em relação ao sentido da democracia no debate sobre a educação, embora a discussão da

universalização da educação básica continuasse presente (MARQUES, 2009, p. 470).

A democratização de educação no Brasil concretizou a partir na defesa de descentralização, no momento em que foi trazida a ideia de municipalização que suporte essa gestão do sistema de ensino, “[...] considerando que as pessoas estando mais próximas do município poderiam participar mais ativamente na definição e fiscalização da política dele” e revela que a “[...] democratização da gestão da escola pública é uma demanda presente neste momento, entendida principalmente como eleição de diretores escolares, luta que se constitui quase como uma unanimidade nacional” (MARQUES, 2009, p. 470).

Dessa forma, a educação tem a relevância para vida do homem, na busca de formação humana que contribua na sua decisão e forma de vivência, suas relações e visto que a mesma deve ser tratada como política participativa, sem a exclusão e garantia de todos os povos de usufruí-la. Da mesma forma, a política pedagógica do ensino deve ser na realidade dos alunos, na qual estes são centro do processo de ensino aprendizagem.

## **5 REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DE TIMOR-LESTE**

### **5.1. A Contextualização Histórica Do País**

Antes da colonização portuguesa, havia população na ilha de Timor, praticando a sua cultura e o seu modo de viver em consonância com a natureza, da qual produzia seu próprio alimento para sua sobrevivência. As práticas culturais dos timorenses daquela época continuam presentes até hoje, os atos, ritos e as práticas relacionadas à natureza. Expressa suas ideias por meio de obras produzidas, tais como: arte, músicas e entre outros meios que preservam informação e a forma de se comunicar.

A chegada dos portugueses em Timor deu-se exclusivamente em 1512, influenciando a ilha em seus hábitos culturais e religiosos ao longo de quase cinco séculos. A região foi colonizada por Portugal até 1975, pois no dia 25 de abril em 1974, na sequência da Revolução dos Cravos, o governo português permitiu às suas províncias ultramarinas a autodeterminação e a formação de seus próprios governos embora algumas permanecessem a ele vinculadas. O Timor Português proclamou unilateralmente sua independência no dia 28 de novembro de 1975. Portugal tentou, naquela altura, dar alguns apoios às suas ex-colônias (Guiné Bissau,

Angola, Cabo-Verde, Moçambique, e São Tomé e Príncipe), mas nunca incluiu Timor devido à distância, de forma que o país ficou praticamente abandonado à sua própria sorte.

Após a libertação dos países das colônias portuguesas em África, provocada pela Revolução dos Cravos, no Timor português, os intelectuais timorenses decidiram formar os cinco grupos políticos: a) Partido União Democrático Timorense “UDT” tinha a posição radical de manter os laços com Portugal; b) Partido Associação Popular Democrática Timorense “APODETI”, defendia a ideia de integração de Timor-Leste a Indonésia; c) Trabalhista não se revelaram. d) Com a política de saudosos: Francisco Xavier do Amaral, sargento Nicolau dos Reis Lobato e outros ativistas; chegou-se a uma conclusão de decidir no dia 20 de maio de 1974 formalizar Associação Social Democrata Timorense (ASDT), buscando uma rápida solução para a independência de Portugal, enquanto outros partidos defendiam a manutenção e conexão com o colonizador e outros com uma ideia de integrar Timor-Leste a Indonésia ou a Austrália, e) o caso do partido KOTA que tem o nome *Klibur Oan Timor Asuwain*<sup>6</sup> em língua portuguesa significa Juntos filhos de Timor Valentes, também não se manifestou.

Poucos meses depois, no dia 11 de setembro de 1974 a Associação Social Democrata Timorense se transformou na Frente Revolucionária de Timor-Leste Independente (FRETILIN) seguindo a decisão política do saudoso sargento Nicolau dos Reis Lobato. O Partido Frente Revolucionário de Timor-Leste Independente (FRETILIN) defendia a independência do país. Portanto, no dia 20 de agosto de 1975 as lideranças da FRETILIN, instituíram um grupo de homens a fazer parte das Forças Armadas de Libertação de Timor-Leste (FALINTIL), e assim se estabeleceu apoio à resistência da luta pela independência nacional; de tal modo que no dia 28 de novembro de 1975 a FRETILIN tomou o poder e declarou a independência de Timor-Leste.

As Forças Armadas de Libertação de Timor-Leste, (FALINTIL), foram criadas no mesmo dia e ano. Mas infelizmente com a brutalidade e diferentes ideologias políticas reinantes entre os líderes dos partidos políticos resultou em um golpe de estado, contra o grupo da Frente Revolucionária de Timor-Leste Independente (FRETILIN) com o cenário de golpe houve uma guerra civil no país, a qual a administração colonial portuguesa não conseguiu conter e vislumbrar uma definição ao problema em face da complexidade da situação, subsequentemente abandonou a ilha de Timor-Leste.

---

<sup>6</sup> Juntos filhos de Timor Valentes

Logo, com todos os episódios em cena, as forças indonésias invadiram sorrateiramente Timor-Leste no dia 07 de dezembro de 1975 e destruíram a resistência armada timorense. Deste modo, o Presidente da República Indonésia declarou ao mundo que Timor-Leste se tornaria uma das províncias da Indonésia. Assim, conseguiram permanecer por 24 anos sempre se utilizando da violência para pôr ordem à população, à tortura aos prisioneiros políticos, fome e execuções extrajudiciais. Durante os 24 anos, o povo timorense sofreu muito pela ação militar da Indonésia, no período em que a mesma não gozava de liberdade de expressar suas ideias e tomar algumas decisões na política e programa da nação. Pois os timorenses estavam proibidos pelos indonésios a se movimentar, a agir de modo a tornar-se independente.

No entanto, a maioria da população junto com os líderes do país buscava estratégias para enfrentar os militares indonésios, lutavam contra a ocupação Indonésia. A ação contra a ocupação indonésia pelos timorenses se concretizava pelas diversas formas, liderado por muitos atores tanto dentro e fora de Timor Leste, objetivando a consecução da liberdade total ou ser independente. Uma das resistências do povo timorense foi liderada pelo líder máximo e carismático o senhor Doutor José Alexandre Gusmão, mais conhecido por Kay Rala Xanana Gusmão, e começava com uma ideia de organizar “Política da Unidade Nacional” (PUN). Portanto, a resistência se organizou e dividiu-se em três grupos principais como se segue no quadro:

**Quadro 5: Três Grupos Principais da Resistência do Timor-Leste**

<b>Resistência do Timor-Leste</b>	
<b>Frente Armada</b>	Resistência Armada (FA/RA) eram os guerrilheiros que resistiram nas matas do território;
<b>Frente Clandestina</b>	Resistência Clandestina (FC-RC) - ficava suborganizada por pequenos grupos políticos nos bairros, nos distritos, subdistritos e até nas aldeias. A frente Clandestina tinha papel árduo no atendimento político, porque oferecia a sua vida à morte. (FC-RC) recebia e levava informações a Frente Armada e a Frente Diplomata. Além disso, organizava também os pequenos grupos nas cidades do país;
<b>Frente Diplomata (FD)</b>	Eram os timorenses que viviam no exterior. Eles eram responsáveis pela política externa principalmente discutir no âmbito diplomático o processo de autodeterminação de Timor-Leste.

Fonte: Timor-Leste<sup>7</sup>

<sup>7</sup>Mais informações sobre a História do Timor-Leste sobre a Resistência do Timor-Leste contra os militares indonésios na luta pela libertação da nação, Disponível em: <<http://timor-leste.gov.tl/?p=29&lang=tp>>.



Além disso, a contribuição da Igreja Católica oportunizou cominhos positivos, mas os padres e as mães atravessaram riscos de vida. No ano de 1999, uma boa parte de mães e padres foi assassinada dentro e fora da Igreja Católica, por meio dessa descrição pode-se conhecer o envolvimento da Igreja Católica em Timor leste na luta pela libertação do povo timorense. Pode-se afirmar que os timorenses têm características de falar, investigar e propor saída ao sistema de espoliação a que estavam sujeitos sob o regime indonésio, através do modo de vida, sua cultura resistência etc.

O processo da independência de Timor – Leste demorou muito tempo para ser alcançado, em decorrência disso, as diversas brutalidades foram promovidas pelas forças Indonésias, daí ocorreu o massacre de Santa Cruz, no dia 12 de Novembro de 1991, que ocasionou uma das crueldades jamais vistas no mundo, à morte dos 270 pessoas no local, 278 feridos, e mortos nos dias seguintes, e mais de 270 desaparecidos e gerou indignação em todo o mundo. Havia relatos de outros crimes pela extensão de inúmeros massacres. A esse fato, o povo timorense não deixou de resistir e de lutar por sua liberdade. Foi um longo período de sofrimento, mas os timorenses estavam dispostos a correrem todos os riscos para serem livres e soberanos a ser anexados à Indonésia, por isso muitas pessoas eram perseguidas, presas e torturadas (MUSEU DA RESISTÊNCIA, 2007).

Em seguida, no ano 1999, por intervenção da Organização das Nações Unidas (ONU), se realizava o referendo para que o povo timorense decidisse o futuro de seu país. As Nações Unidas apoiaram a *United Nations Mission in East Timor* (UNAMET), e realizava principais tarefas para garantir um contexto político favorável de livre exercício para o povo poder votar. Por meio deste apoio, a população timorense se engajou no processo de forma ativa e participativa, transparente e ordeira (ONU 1999a, 1999b). Com um total de 98% de votos registrados, 78,5% foram favoráveis à independência (FREIRE; LOPES<sup>8</sup>, 2014).

Através da vitória pela independência, os militares indonésios, após terem sido derrotados, semearam uma enorme onda de violência, durante a qual a maior parte da infraestrutura do país, escolas, hospitais, estradas, casas foram destruídas e um terço da população foi dizimado. Assim, para reconstruir o país, a população precisou enfrentar diversos problemas, em especial a ausência de condições mínimas para produzir alimentos e cuidar da saúde das crianças.

Depois que as forças indonésias deixaram Timor-Leste, a administração Transitória das Nações Unidas administrou o território durante dois anos. A delegação da Organização das

---

<sup>8</sup>Mais informações sobre o resultado de votos realizado no dia 30 de agosto de 1999. Está disponível em: <<https://rccs.revues.org/5653>>.

Nações Unidas (ONU) foi chefiada pelo diplomata brasileira Dr. Sergio Vieira de Mello, saudoso por ter auxiliado o país a estabelecer e fazer valer suas primeiras leis. Após este período, o Timor Português deixou formalmente de existir e a 20 de maio de 2002, declarou a Independência da República Democrática de Timor-Leste (RDTL). Em função disso, à luz do direito internacional foi reconhecida esta data da independência do país.

O primeiro presidente de Timor-Leste, eleito logo após a independência, foi o senhor Dr. José Alexandre Gusmão, mais conhecido por Kay Rala Xanana Gusmão, líder revolucionário em todo o país. O primeiro-ministro foi o senhor Dr. Mari Bim Amude Alcatiri. Os principais desafios de Timor-Leste são: recuperar a democracia aproximar-se dos países de Língua Portuguesa, conseguir apoio internacional, construir uma base produtiva capaz de promover a vida da população das suas necessidades básicas em economia, saúde e educação.

A Independência de Timor-Leste foi paga com muito sangue, ossos e carne dos homens e das mulheres principalmente os Jovens corajosos sem arma apontavam os peitos avançados lutavam contra a invasão Indonésia, muitos jovens deram sua vida para libertar o país. É muito difícil esquecer as marcas e as dores do povo timorense, e nas lembranças daqueles que foram testemunhos de uma época inesquecível. As homenagens oferecidas pelo governo de Timor-Leste recuperaram e registrou a história da vida do povo humilde e carente, a recuperação em homenagear os que deram sua vida e aos que deram seus arcabouços ao inimigo, sobretudo o governo reconhece os prisioneiros políticos, denominá-los Veteranos da Libertação.

Os timorenses se tornaram independentes apenas com um lápis, ou um prego, e uma folha de papel. No papel ou cartão tinha duas imagens: uma é a bandeira da indonésia que representa a integração à Indonésia, e outra era a bandeira do Conselho Nacional da Resistência Timorense (CNRT) a identificação da libertação do país. A maioria da comunidade timorense escolheu a imagem do Conselho Nacional da Resistência Timorense (CNRT).

## 5.2. Características Geográficas e Situação do País Pós Independência

A República Democrática de Timor-Leste (RDTL) possui uma história de formação de seu estado nacional é localizado no Oceano Índico; é um dos países mais jovem do mundo, alcançando sua independência em 20 de maio de 2002, e está situado no sudoeste asiático. É

um país menor mais oriental das ilhas do arquipélago malaio, localizado a cerca de 550 km ao norte da Austrália, e possui uma superfície de 14.800km<sup>2</sup>, com aproximadamente um milhão e cem mil (1.100.000) habitantes.

O país está dividido em treze 13 distritos e os distritos atualmente denominou por municípios, encontrar-se: Lautém, Baucau, Viqueque, Manatuto, Dili, Aileu, Manufahi, Liquiça, Ermera, Ainaro, Bobonaro, Covalima, e Oecusse, sendo assim, o município de Oecussi está localizado entre a Indonésia, e está subdividida em 65 subdistritos. Além disso, tem duas ilhas que são: Ataúro e Jacó, e a ilha de Ataúro, considerada um lugar de difícil acesso, e famoso pelo envio de prisioneiros políticos pelas tropas indonésias. E em cada subdistrito é dividido em sucos onde os pequenos grupos da comunidade se habitam.

**Figura 2: Localização e Divisão Territorial de Timor-Leste**



Fonte: Ásia Turismo<sup>9</sup>

Assim, apresentando um total de 442 pequenas localidades segundo Baltazar (2014), os sucos equivalem aqui no Brasil pequenos bairros. Os sucos por sua vez são chefiados por um líder denominado chefe do suco é escolhido pela eleição direta pelo povo do bairro e a maioria da população é católica, 75% vivem nas zonas rurais. A maior cidade do país é a capital Dili, com uma população de 193.563 habitantes. Os timorenses falam diversos idiomas, mas o tétum/tétun em Dili e a língua Indonésia são línguas mais faladas em todo território nacional segundo Organização das Nações Unidas (ONU, 2006). E a figura anterior representa a localização geográfica e a divisão territorial do país.

Conforme no Relatório do Desenvolvimento Humano de Timor-Leste (RDHTL) apresentado pela ONU, através de Programa das Nações Unidas de Desenvolvimento (PNUD,

<sup>9</sup>Visualização de Mapa em: <<http://www.asia-turismo.com/mapas/timor-leste.htm>>

2002, p.3) afirma que foram registradas mais de 30 línguas ou dialetos falados pelos timorenses, sendo assim, 82% da população falam Tétum/tétun, 42% sabem falar língua da Indonésia e somente 5% falam Português e 2% falam Inglês.

A língua portuguesa é uma língua histórica para o povo timorense em razão de uma luta desigual; os governantes indonésios proibiram esta língua de não ser ensinados nas escolas, mas foi um ótimo caminho para que os revolucionários pudessem passar informações secretas durante os combates entre a resistência armada, resistência clandestina e resistência diplomática. Por isso, se considera a língua portuguesa como uma das ferramentas da luta clandestina para os timorenses na época da invasão.

Mesmo assim, trouxe também dificuldades para os jovens que estudavam na época da invasão e houve trocas e discussões entre os mais velhos e os jovens, apesar de tudo seguiu-se a decisão que foi tomada pelo Conselho Nacional de Resistência Timorense (CNRT) no ano 2000, e apresentando no artigo 13 da Constituição da República Democrática de Timor – Leste (RDTL), que a língua portuguesa é declarada como língua oficial paralelamente ao tétum/tétun. Em 2008, o IV Governo Constitucional aprovou pela primeira vez, no Parlamento Nacional, a lei nº 14/2008, define Lei de 29 de outubro, no capítulo II menciona à Organização do Sistema Educativo e no artigo 8º apresenta as línguas de ensino do sistema educativo timorense que são o tétum/tétun e o português em Timor – Leste.

As escolas usam as duas línguas oficiais como meio de instrução, mas o Timor-Leste é um país heterogêneo do ponto de vista linguístico, diferentes línguas utilizadas ou faladas pela população. Afirma que o português é uma herança histórica aos timorenses no processo da luta pela independência e o tétum/tétun Díli por ser uma língua mais falada pela população timorense pela qual, a comunidade do território fala diversas línguas, então para eles o tétum/tétun Díli é uma segunda língua. O tétum/tétun Díli geralmente encontra-se poucas pessoas que vivem ao redor da Capital que falam tétum/tétun Díli e para eles o português é a segunda língua.

As principais fontes de renda são café e petróleo, mas existem outras riquezas embora ainda não sejam exploradas. Desde o século XII e XIII, a ilha de Timor atraiu comerciantes chineses e malaios devido à sua abundância de sândalo, mel e cera. Desde então, há relatos de diversas rotas marítimas na Ásia em função da exploração desses produtos.

Na fase da independência da República Democrática de Timor-Leste, as autoridades começaram a pensar sobre recurso humano e o desenvolvimento do país. Para isso, é muito difícil esquecer as marcas e as dores do povo timorense em recordações aos sofrimentos

recorridos naquela época. Portanto, autoridades decidiram que a educação para as crianças, adolescente e jovem seria gratuita nos ensinos básico (pré-primária e primária), pré-secundário, (ensino fundamental) e secundário (ensino médio) nas escolas públicas, e concede bolsas de estudo para os jovens e aqueles que conseguem vagas oferecidas para estudar fora do país, nas diferentes áreas. O primeiro equilíbrio do país é melhorar na área da educação e saúde em seguida, é valorizar e investir nos produtos locais que foram trabalhados pelos agricultores locais e a estabilidade do povo.

Por isso precisa-se garantir a riqueza de um povo que está no seu sistema educativo e valorizar os primeiros saberes, as riquezas e o direito do povo que sofreu para libertar o país deste modo, a educação para os timorenses é gratuito e os estudantes têm direito estudar fora do país com bolsas de estudos do governo Timor-Leste. O sistema educativo é muito importante no mundo para isso, Cá (2010, p.11), destaca no seu livro *ESTADO: Políticas Públicas e Gestão Educacional*:

Este povo político é aquele que luta para o progresso do seu país. Aquele que faz todos os sacrifícios para conseguir o progresso da sua terra. Este povo é aquele que tenta acabarem com as injustiças, misérias, todos os sofrimentos. É aquele que luta para garantir as crianças que nascem na sua terra, hoje e amanhã a certeza de que nenhum muro, nenhuma parede social será posta diante delas pelos políticos corruptos que se deleitam com recursos políticos. As crianças têm que ir para frente, conforme a sua capacidade, para darem o máximo do seu potencial, servindo não só seus interesses, mas também os interesses da humanidade neste mundo globalizado.

Deste modo, todos os investimentos em educação devem levar em considerações sua utilidade tanto para ampliar o acesso à educação como para promover aprendizagem para todos, crianças, jovens e adultos. O esforço do Ministério da Educação do Timor-Leste é um consenso nacional e compromisso sólido para alcançar recursos humanos e valorizar também os conhecimentos que os estudantes adquirem expandir e melhorar a aprendizagem de todos os seus cidadãos.

## **6 MEMORIA DA EDUCAÇÃO GERAL DE TIMOR LESTE**

### **6.1. Processos de Educação da Antiguidade em Timor-Leste**

Em consideração a Pedagogia da autonomia (Freire, 1996)<sup>10</sup>, antigamente no Timor a educação era a civilização tradicional, através da ética, crenças e normas morais assim como respeitar e cumprimentar os mais velhos por meio de gestos: abaixar a cabeça na frente dos

---

<sup>10</sup>Disponível em: <http://forumeja.org.br/files/Autonomia.pdf>. Acesso em: 15-09-2017.

mais velhos, pegar na mão direita e dar beijos; antes de passar na frente dos mais velhos devem pedir licença em língua tétum/tétun: “*bensa ema boot sira; hakruk hodi husu lisensa foin bele liu husi ema nia oin*<sup>11</sup>” em língua portuguesa é o modo de cumprimentar ou saudar as pessoas e os mais velhos e deve se inclinar, pegar na mão direita e beijar; inclinar e pedir licença antes de passar à frente das pessoas; e quando fala com alguém sempre utilizar a terceira pessoas do singular ou plural “você” “em Tétum/Tetun é *ita*<sup>12</sup>” não pode usar segunda pessoa do singular “tu” “em Tétum/Tétun é *ó*<sup>13</sup>” nas conversas entre pessoas. Os jovens e as mulheres cumprem a ordem dada pelos mais velhos em que os costumes, tradições e os valores e crenças da comunidade são transformadas de geração a geração.

A nova geração ao receber essas normas assimila e adquire os conhecimentos, assim também engloba uma sensibilização na vida das gerações futuras. A educação timorense não é só apenas as normas morais éticas e intelectuais, mas podem ser também os aspectos físicos como os procedimentos de socialização individual. Este processo educativo timorense era passada pelos antepassados em que a cultura e tradição eram cominhos da civilização e hoje ainda são aplicadas pelas novas gerações no contexto e respeitam as casas tradicionais, “*Uma Lulik*<sup>14</sup>”. Timor-Leste enfrentou diversos problemas não só na educação, mas também na saúde e na economia.

O processo da educação, no qual um dos problemas foi à questão da língua que se utiliza no processo de ensino e aprendizagem. Pela trajetória do ensino e aprendizagem no passado, os timorenses estudavam língua portuguesa, a seguir na época da invasão, os indonésios proibiram o português, toda a população devia aprender a falar a língua da indonésia, em seguida, na época da independência o governo timorense aprovou a língua portuguesa como língua utilizada no processo de ensino e aprendizagem e também como língua oficial do país ao lado da língua tétum/tétun.

---

<sup>11</sup>Tradução da palavra em língua portuguesa: cumprimentar as pessoas mais velhas; pedir licença para passar a frente das pessoas; <sup>7</sup>Você; <sup>8</sup>Tu; <sup>10</sup> Casa tradicional ou casa sagrada timorense

<sup>12</sup>Facebook da Doutora Zélia Trindade.

**Figura 3: Cumprimentar a pessoa com ato tradicional.**



Fonte: Zélia Trindade, 07 de maio de 2017<sup>15</sup>.

## 6.2. Memórias da Educação da Época Portuguesa (1515-1975)

A forma da educação em Timor-Leste divide-se em quatro fases: da colonização portuguesa durante os cinco séculos; da invasão da Indonésia por 24 anos da ocupação; da transição e da independência a partir de 1999 a 2002. A materialização da língua crioula que espalha no território é a identidade de um povo e de uma nação e da origem real, pois a história se estabelece a partir de uma cultura e hábitos que são frutos de cruzamento entre povos e culturas diferentes. É com essa identidade que se passou a manifestação do nacionalismo real do povo timorense.

Com a chegada dos portugueses no século XVI foi imposta a língua portuguesa aos timorenses, seus hábitos, cultura, forma de educação, mas continuava no território a coexistência com as línguas locais que até hoje ainda são faladas nas diversas formas de comunicação. O povo timorense nasceu com todo hábito de conviver e se manifestar com suas linguagens segundo o seu modo de viver e resistir.

O processo educativo é materializado numa série de capacidades e valores que ocasionam mudanças intelectuais, emocionais e sociais. De acordo com o grau de sensibilização alcançado, esses valores podem durar toda a vida ou apenas durante um determinado período de tempo. A chegada dos portugueses em Timor-Leste a procura de riquezas e a dominação de outros povos. Permaneceu em Timor-Leste com a sua cultura religiosa que quase dominava todo território e abriram escolas religiosas, mas a forma dessa educação em geral divide-se em dois grupos: as meninas estudavam no colégio feminino e os meninos no colégio masculino e havia poucas escolas, só os filhos das elites que deviam ir às

---

escolas devido ao pagamento das propinas e também as elites locais tinham hábito de discriminar os seus próprios irmãos pela posição que ocupavam na sociedade timorense. Assim, todos foram dominados por estrangeiros.

As características simbólicas de uma cultura são objetos de disciplinarização e unificação do comportamento das pessoas, que é oferecida para propagarem-se através das instituições de controle. Nesse sistema, tudo há de ser ensinado conforme os desejos daquele que tentam dominar. Mesmo que as elites mostrem seu caráter que desanimam os próprios irmãos por chamá-los de ignorantes, também a ética, a moralidade sempre foi um ato importantíssimo na comunidade antiga. Na medida em que aprender naquela época seria entender que a educação atuava como termômetro para o setor econômico da sociedade timorense.

Segundo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD (2002, p. 77), Timor-Leste era antiga colônia portuguesa por volta de 1515, quando os portugueses chegaram à costa de Timor que hoje nomeamos por enclave de Oecussi e formalmente após o ano 1700 depois de instalação do governo português em Dili, na época, a infraestrutura era deficiente as condições de saúde muito precárias e o sistema do ensino era limitado, até o início do século XX, o ensino em Timor-Leste era inexistente. Apenas a Igreja Católica ministrava o ensino elementar (primário) e secundário em algumas missões fixas nos centros mais populares e para poucos alunos. Quando no começo em 1875:

[...] o Bispo Madeiros procedeu à restauração das missões católicas que estavam em declínio desde a expansão das ordens religiosas em Portugal, no ano de 1834. Em 1898, os Jesuítas abriam o colégio da Soibada, e 1902 um colégio para as meninas que durou vários anos foram os únicos locais de instrução de população timorense (CGD, 2003, p. 59 *apud* FERNANDES, 2006, p. 15).

Em 1914, existiam também algumas escolas dirigidas pela comunidade chinesa e árabes. O estado português criou as principais escolas primárias oficiais em 1915, cinco anos depois da implantação da República Portuguesa, o primeiro Liceu só foi fundado em 1938 em Dili. Na primeira metade do século XX foi criada sucessivamente uma escola de magistério (1924) para formação dos professores do ensino primário, um seminário nos anos sessenta do mesmo século XX a escola de Arte e o físico e a escola Agrária de Fatu-Maca.

A falta de cuidado das sucessivas gerações relativamente ao ensino da população durante todo o período dos colonizadores portugueses conduziu a uma baixíssima taxa de alfabetização no território que era de apenas 7% em 1970, em 1964 (CGD<sup>16</sup>, 2003, p. 60)

---

<sup>16</sup>CAIXA GERAL DE DEPÓSITO (CGD)



havia 183 escolas, 18 mil alunos e 330 professores no ensino primário. Os esforços desenvolvidos nos anos sessenta tiveram resultados animadores: a taxa de escolarização de crianças do ensino primário era já de 28%, em 1970 e subiu para 77% quando anos depois.

A metodologia era método de ensino tradicional. O professor era poderoso ele ministrava suas aulas pelo seu caráter de ser um elegante orientador enquanto o educando não tinha direito de fazer muitas perguntas na sala de aula e não podiam se aproximar de seu professor e era um profundo elogio de ser autoritarismo daquela educação fechada e feudal, assim acarretava as limitações na aquisição de conhecimentos por não conseguirem compreender o que era ensinado pelo professor. Sabe-se que o aluno deve consolidar o processo de estruturação do seu pensamento e das formas de demonstração que contribui para o processo de maturidade sensorial-motora e estimular a integração e o convívio em grupo para que possa alcançar seu conhecimento, mas na realidade daquela época não existia esse caráter aos antigos estudantes. Uma forma mais rigorosa quando o aluno não conseguia assimilar o conteúdo transmitido em sala de aula, o professor reagia com suas atitudes de violência que na época era aplicada pela palmatória e todos os conteúdos deviam ser decorados pelos alunos.

### 6.3.Memórias da Educação no Período da Indonésia (1975-1999)

No período da ocupação pela Indonésia em Timor-Leste, no qual, o país foi considerado como 27<sup>a</sup> províncias chamadas *Timor Timur*, governado pelo governador Guilherme Gonçalves naquela altura. Apesar de muitas torturas, sofrimentos imputados dos ocupantes aos timorenses, estes pensavam no seu futuro melhor, pois mesmo em situação de guerra da colonização e invasão, o povo timorense não se tributava e sempre resistiu através da luta pela independência. Portanto, na época da independência, o povo timorense voltou a contar a sua história pela liberdade do seu povo, país e dos seus cidadãos.

Neste período da invasão, os timorenses conseguiram conhecer um pouco o mundo real, pois no início desta invasão, o Timor-Leste tinha 90% analfabetos. Neste sentido, os alunos começaram a aprender a ciência como se aprende atualmente.

Durante a ocupação da Indonésia, alguns timorenses começaram a estudar, assim diminuiu o número de analfabetos, pois sob a administração indonésia, criou-se a educação básica em 1985 (PNUD, 2002, p. 51). Neste período que quase em todo território nacional,

existiam escolas básicas de primeira classe até sexta classe<sup>17</sup>. O período inicial da invasão da Indonésia trouxe consigo a fragilidade na questão da qualificação profissional, muitos professores tinham baixa qualificação. Abertura das escolas pela Indonésia era uma política de fazer com que os timorenses tivessem oportunidade de minimizar suas dificuldades em relação ao conhecimento universal. Além da criação do ensino básico, os indonésios também criaram um curso especializado para os professores leigos que era *Kursus Pendidikan Guru* (KPG) com a duração de um ano (um curso não formal, apenas para capacitação dos professores).

Neste sentido, os que participaram nesse curso tinham oportunidade de trabalhar no ensino básico. Com um pouco desenvolvimento na área da educação, mais tarde criaram também uma escola para a formação dos professores (*Sekolah Pendidikan Guru – SPG*), uma escola de nível secundário especializado para formar professores do ensino básico. Nos anos noventa, (1990) houve a elevação dos critérios de formação de professores de escolas primárias, do nível de ensino profissional (secundário), para o nível superior (com o programa de diploma de dois anos). O currículo era todo em língua indonésia, pois eles proibiram o uso do português: não falar, não ensinar em qualquer ambiente e não constar no currículo.

Na altura de invasão, a educação foi muito deficiente porque o Timor-Leste começou a ser uma das províncias de Indonésia; Considerando a Indonésia em termo de desenvolvimento, todas as províncias já tinham uma organização educacional bem estruturada em relação á nova província invadida e anexada. Nessa situação, a Indonésia expandiu as escolas no país e começou a organizar o sistema da educação e outro sistema neste país.

Embora tendo aumento de números das escolas, mesmo assim, o povo timorense ainda enfrentava dificuldade de ter acesso à educação, especialmente para as crianças e jovens que queriam estudar, pois as escolas naquela época eram pagas, por razão do aumento dos alunos e alguns não conseguiam continuar seus estudos porque não tinham financiamento garantido e teriam oportunidade de estudar. Por outro lado, alguns conseguiam estudar porque os familiares que trabalhavam no comércio custeavam os estudos de seus filhos.

Os formadores nativos eram poucos no ano de mil novecentos e oitenta, havia professores indonésios que ensinavam. Mesmo assim, muitos timorenses tinham medo de estudar por razão de ameaças, pois naquela situação fez com que o número das pessoas que iria à escola também fosse limitado.

---

<sup>17</sup>Classe em Timor-Leste equivale série no Brasil.

A guerra entre as forças armadas timorenses com indonésia afetou exatamente a educação que estava sendo realizada naquela época, com as consequências traumáticas e situação não pacífica, levou a muitos estudantes timorenses a interromper seus estudos. E havia também razão econômica, pois, muitos não tinham recursos suficientes para continuar a pagar seus estudos.

Um ensino superior conhecido naquela época chamado Universitas Nacional Timor Timur (UNTIM) que se localizava na capital do país, criado em 1986 (PNUD, 2002, p. 51-52), fundado pelo governador Engenheiro Mário Viegas Carrascalão e hoje como um campus da Universidade Nacional Timor Lorosa'e (UNTL). Essa universidade é composta de três faculdades: Política Social, Educação (formação de professores) e Agronomia. Esse ensino Superior, contudo, apresentava baixo nível médio dos conhecimentos dos alunos à entrada, que pelo método do ensino, havia falta de financiamento, acarretando, pelo menos, absentrismo de docentes e discentes e pelo seu material didático. No final da década de 1990, era frequentado por mais de 3.000 estudantes e 73 professores. Foram ainda criadas a Faculdade da Saúde, para formação dos enfermeiros e um Instituto Politécnico que lecionava em dois anos: Engenharia e Contabilidade. Em 1997, foi criada uma Escola Superior Privada de Economia, que ministrava cursos de contabilidade e gestão. O Instituto Pastoral da Igreja Católica funcionava também como Escola Superior.

Nessa época foi concedida pouca bolsa de estudo para alguns alunos que tinham boas notas no ensino secundário e na universidade (UNTIM), para continuar seus estudos na Indonésia e voltar para ser professores na universidade e no ensino secundário do país.

Em 1998/1999 (PNUD, 2002, p.51) dos 6.672 professores primários existentes 78% eram timorenses. Cerca de 30% das crianças não chegavam a ser matriculadas. Dos 1.963 professores dos trinta (30) ciclos do ensino básico apenas 3% eram timorenses. Nesta época, os professores não recebiam bons salários. O método educativo nessa época era como uma educação bancária e tecnicista (FRIERE, 1987), não como o ensino de hoje, capacitar os alunos, orientando-os a desenvolver seus conhecimentos. No bom ensino, o papel do professor deve ser cumprido bem como os de alunos. Os professores também têm que conhecer o que é saber disciplinar, saber curricular e tradição pedagógica, assim melhorar seu ensinamento e garantir um ensino-aprendizagem de qualidade. A tabela a seguir mostra a quantidade de escola corresponde aos alunos no período de 1978 e 1999, no momento da entrada dos indonésios e sua saída em Timor-Leste.

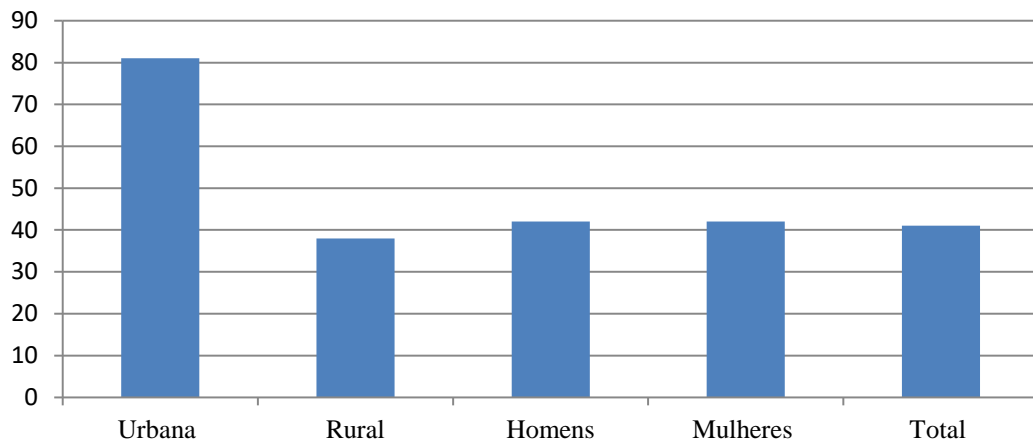
**Tabela 1: Disponibilidade de escolas/alunos no período da**

<b>Nível do ensino</b>	<b>1978</b>	<b>1999</b>
<b>Primário</b>	47 escolas	788 escolas
	10.500 alunos	167.181 alunos
<b>Secundária</b>	2 escolas	114 escolas
<b>Nível inferior</b>	315 alunos	32.197 alunos
<b>Secundário</b>	Nenhum	54 escolas
<b>Nível superior</b>		18.973 alunos

Fonte: United Nations CCA, 2000 *apud* PNUD, 2002, p. 52

A tabela anterior revela o grande aumento na criação das escolas onde o governo indonésio implantou durante a invasão de Timor-Leste. Mas, mesmo assim, não garantiu uma educação de qualidade, porque os estudantes e professores não tinham materiais escolares, e as escolas não tinham bibliotecas; muitos professores nativos menos capacitados e viu-se que não havia um nível satisfatório de escolaridade. Existiam alunos que não conseguiam estudar porque algumas escolas ficaram muito distantes de sua localidade. Essas escolas, muitas delas foram implantadas nas cidades e a maioria desses alunos eram meninos porque eram eles que tinham poder e direito ao acesso à educação seguindo a cultura timorense. Neste sentido, houve discriminação familiar pela qual as mulheres não tinham direito de acesso ao ensino escolar, os pais oprimiam as filhas de não ter liberdade para estudar, por razão de que as meninas ou mulher deviam trabalhar em casa (cuidar de seus irmãos e cozinhar) e se preparar para ser dona de casa, porque a tradição mais valiosa no país é o dote das mulheres, por isso que a maioria dos pais não permitia que as meninas pudessem ir à escola, eles preferiam educar as mulheres com aquela educação tradicional, por isso que muitas mulheres ficavam sem acesso a escola.

No próximo gráfico, apresenta-se a quantidade de literária de adultos em 2001, comprando a população que vivia nas principais capitais e nas áreas rurais em Timor-Leste, além da comparação entre as mulheres e os homens.

**Gráfico 1: Literácia de Adultos, 2001**

Fonte: Inquérito às famílias, 2001, PNUD, 2002, p. 50

O gráfico mostra que o número de adultos que tinham a oportunidade de estudar era os que moravam na zona urbana comparando com os que moravam na zona rural. Portanto, neste sentido existiam várias escolas para que eles pudessem frequentar, mas com todas as dificuldades não conseguiram atingir os interesses desejados.

## **7 EDUCAÇÃO DURANTE A GUERRILHA PARA A LIBERTAÇÃO DE TIMOR-LESTE**

### **7.1. Memórias da Educação na Guerrilha**

As histórias sempre ocorrem nas relações humanas e nas ações produzidas pelos homens e mulheres. Para tanto, deve-se dar valor à compreensão, percepção e entendimento dessas ações desenvolvidas, considerando que os aspectos emancipatórios são o que de fato se tentam evidenciar. O que a História deve buscar são as considerações pertinentes à vida, que, em um determinado momento podem ser resinificadas.

Os timorenses “valorizam” a educação da época portuguesa porque ajudou na luta pela independência em 1975 e 1999. Quando Timor-Leste se libertou de Portugal, em 1975, no mesmo ano, em 7 de dezembro de 1975, as tropas indonésias invadiram o país e maioria dos timorenses fugiu para as montanhas do território. A maioria não aceitou que o governo indonésio governasse o território, assim, os timorenses se organizaram na luta pela libertação do país.

Quando as forças Indonésias se instalaram no território, os guerrilheiros começaram organizar a resistência do povo timorense começou a ser cada vez mais fortes e os atos secretos ficavam atribuídos às pessoas de confiança nas comunidades que lutavam para uma linha de combate adequada. Assim, começou-se a concretizar a liderança da Frente Revolucionária de Timor-Leste Independente (FRETILIN) na organização e mobilização da resistência.

A educação estava organizada em 1976, pela Frente Revolucionária do Timor-Leste Independente (FRTILIN). Muitos que resistiram na guerrilha lutaram por outro modelo político e a educação era diferente desse que é ditado pelo Banco Mundial. Na guerrilha em 1976 ao andamento da resistência, a Frente Revolucionaria do Timor-Leste Independente (FRETILIN) organizava a política educativa pelo Conselho Superior da Luta.

Pelos relatos apresentados à memória da educação na guerrilha e na base de apoio optou-se, por redigir, apenas à educação no Setor Centro Leste relacionado aos municípios de Baucau e Viqueque, pois a autora fazia parte dessa luta e era Agente de Ensino e responsável pela Organização Popular das Mulheres Timorenses (OPMT) no bairro ou aldeia que tinha nome secreto por “*Quintal Boot*”<sup>18</sup> na base de apoio do Setor Centro Leste, na zona dezanove setenta e cinco (19 – 75)<sup>19</sup> na sequência da resistência clandestina galhardeada pelo Governo da República Democrática de Timor-Leste, no dia 28 de novembro de 2008, no município Viqueque, com o Título Nicolau Lobato, cujo valor é de 2º Grau.

A educação foi organizada pela FRETILIN e dividiu-se em seis setores. Os setores eram: Setor Ponta - Leste e Setor Centro Leste; o Setor Oeste; Setor Centro Oeste; Setor Cento Norte e Setor Norte. Os setores mencionados fazem parte da divisão do território seguindo a estrutura do mapa, mas pela organização secreta do Conselho Superior da Luta-FRETILIN (CSL-FRETILIN) o território foi dividido da seguinte forma: Setor Ponta Leste; Setor Centro Leste; Setor Centro Sul; Setor Centro Norte; Setor Fronteira Sul e Setor Fronteira Norte. Era uma organização com a finalidade de dar acolhimento, proteção, educação e andamento político para resistir na luta pela independência do país.

A escolha do Setor Centro Leste se deve também pela facilidade de encontrar pessoas que participaram da resistência para responder os questionários desta pesquisa, mesmo assim houve dificuldades devido à distância e o fuso horário entre Brasil e Timor Leste; por isso,

---

<sup>18</sup> Nome secreto do bairro; <sup>19</sup> 19 – 75, um código secreto de um bairro onde concentrava a população;

houve demora as pessoas que participaram da entrevistada retornar os resultados da pesquisa, em diferentes dias e meses. Na tabela seguinte apresentamos os setores em relação à divisão territorial na época da resistência nacional, e na figura 6 apresentamos a localização dos municípios. Mostramos essa tabela e o mapa com os nomes dos municípios para facilitar os leitores e compreender como era a divisão setorial e a organização da educação na guerrilha e na base de apoio.

**Tabela 2: Divisão dos setores nos Municípios**

SETORES	MUNICÍPIOS
Setor Ponta Leste	Lautém; uma parte de Viqueque e Baucau;
Setor Centro Leste	Manatuto; uma parte de Viqueque e Baucau;
Setor Centro Sul	Same/Manufahi;
Setor Centro Norte	Dili e Aileu;
Setor Fronteira Sul	Ainaro e Suai;
Setor Fronteira Norte	Bobonaro, Liquiça e Ermera;

Elaboração própria, (2017).

**Figura 4: A localização dos setores e municípios**



Fonte: Geografia Timor-Leste, 2015<sup>20</sup>

No ensino e aprendizagem na guerrilha e na base de apoio era muito difícil, mas com todo amor e esforço os jovens da resistência davam continuidade à instrução da comunidade. Apesar de não terem experiência pedagógica ou haver na altura, especialista em currículo

<sup>20</sup> Disponível em: <<http://www-geografia.blogspot.com.br/2015/04/mapas-do-timor-leste.html>>

escolar, as pessoas tinham que frequentado as coloniais tinham vontade de ensinar na guerrilha e na base de apoio, por meio das suas experiências vividas nas montanhas de Timor-Leste. Esses jovens eram denominados por Jovens da Resistência e/ou Mestres da Resistência (MR), porque estas pessoas davam seu apoio ao ensino na guerrilha e na base de apoio e sem ter uma formação profissional na área para serem profissionais da educação, mas estimulavam experiências cooperativas, ensinavam com sua capacidade coletiva e dinâmica. O ensino-aprendizagem era para todos, não focava só as crianças e jovens, mas, politizavam também seus companheiros de luta para estar atentos aos desdobramentos políticos do povo timorense.

As pessoas que ensinavam na época da guerra sob a liderança da FRETILIN eram denominadas por agentes do ensino, mas a comunidade os chamava de professores da guerra. Para esta monografia decidiu-se denominar as pessoas que ensinavam na guerrilha e na base de apoio por Mestres da Resistência, porque não tinham uma formação profissional nessa área.

O objetivo fundamental era a formação de quadros preparados homens e mulheres, crianças e jovens para serem responsáveis conscientes dos seus deveres e capazes de construir uma boa política para o progresso de acordo com as linhas de orientações traçadas pela direção política da Frente Revolucionária de Timor-Leste Independente (FRETILIN), assim se luta para a melhoria na vida da comunidade.

O dever dos mestres da resistência, não era só ensinar a ler, escrever e contar, mas, organizar a comunidade nos trabalhos coletivos como nas hortas, nos cultivos e colheitas de arroz e na produção alimentar, nas construções das moradias, os esconderijos a proteção dos bombardeios dos aviões e barcos, e ataque das forças Indonésias. Era uma forma de consciência política aos jovens, essas ações eram: a mobilização ou orientação dos mais velhos e crianças para terem cuidados máximos, assim também não caírem nas armadilhas do inimigo para se tornarem novos cidadãos no futuro Estado Independente. Essa iniciativa era o espírito de fidelidade dos agentes ou responsáveis dos comitês, ativistas do comissariado político, dirigentes das zonas, dirigentes dos setores e regiões que foram organizados pela FRETILIN, e consistia em uma formação política ao povo de Timor-Leste. As brigadistas eram obrigadas e trabalham ao máximo possível, a serem pioneiros no auxílio política na guerrilha e na base de apoio, como uma tarefa primordial, que era muito importante aos serviços dos mestres da resistência.

As escolas na base de apoio eram adotadas pela comunidade que apoiava da mesma forma que faziam os guerrilheiros. Os alunos não eram retirados do seu ambiente nem



separados da comunidade, mas trabalham e vivem, lutavam e sofriam em conjunto com o povo. O tempo da escola não era uma pausa ou saída, nem qualquer preparação para a vida que retirasse as crianças e jovens do seu ambiente.

Os mestres da resistência eram mais um combate pela educação e as tarefas que faziam eram absolutamente teatro integral da guerra. Os recursos para esse combate eram extremamente limitados, tanto no ponto de vista material como humano, mas nem deixou de lecionar as escolas da resistência para milhares de crianças e jovens.

Para Timor-Leste, o objetivo de alfabetização era transmitir o conhecimento a todo povo de forma a torná-lo elemento ativo das transformações sociais, levar a comunidade a compreender o que deve fazer para sua terra e quais os objetivos a alcançar, valorizar o trabalho da comunidade levando-a ao conhecimento no papel daqueles acontecimentos que ela já conhecia na prática, valorizar a comunidade e aproveitar as suas capacidades criadoras, de maneira que o nível de todo o povo seja elevado e gradativamente melhorando seus conhecimentos na luta pela independência, e criar uma sociedade em que as pessoas possam exercer verdadeiramente a sua personalidade e no desenvolvimento em que todo o potencial dos timorenses seja posto a serviço de um povo emancipado. Alfabetizar é aprender a construir e levar aos alfabetizados os instrumentos que são necessários para que possam servir-se da sua capacidade criadora para transformar o país.

A história da colonização portuguesa não é um fato novo para contar, deve-se afirmar que foi um processo comum para todos os países que dominou durante quase cinco séculos, mesmo assim deixou uma educação precária. Por isso, durante o período da guerra pela independência de Timor – Leste, os jovens e os líderes da resistência propuseram criar escolas no meio do mato, além de enfrentara força invasora, atravessavam muitas dificuldades e mesmo assim mantiveram uma profunda organização através do conselho superior da luta da FRETILIN para conseguir educar os analfabetos homens e mulheres, crianças e jovens que não conseguiram estudar durante a dominação portuguesa.

Os mestres da resistência usavam as línguas locais ou dialetos e comunicavam-se também em língua tétum e português, seguindo os planos da direção superior da luta porque no país cada subdistrito fala dois ou três dialetos, como no posto Administrativo Uato-Lari<sup>21</sup>a comunidade fala dois dialetos que são: o *Makasai* e o *Naueti*. Era muito importante aprender língua tétum (língua franca), pois facilitava e facilita mais na convivência e na comunicação dos próprios timorenses no território.

---

<sup>21</sup>Posto Administrativo Uato-Lari que pertence ao Município Viqueque

Essa organização da educação na base de apoio e na guerrilha foi realizada em todo território do país, deste modo, considera-se um processo inesquecível, por ter marcado na memória do povo timorense. Naquela época, não havia material escolar, mesmo assim se conseguiu realizar o processo de ensino aprendizagem pela capacidade de arquitetar algumas novas experiências para programar a educação nas montanhas de Timor-Leste.

O ambiente era ruidoso por não haver edifícios escolares bem estruturados, nem livros, nem material didáticos, os mestres da resistência apelavam para as decisões criativas fazendo com as próprias ideias de tudo aquilo que era necessário, a partir do precário de que se preparavam os mobiliários escolares como mesa e cadeiras eram feitas de taquara de bambu, as coberturas dos edifícios das escalas eram feitas de palha do coqueiro, as paredes feitas de taquara de bambu, e usava-se carvão e pedras como lápis, espata de bambu (au-kos) como caderno, assim que se apoiava à escrita, mas o diálogo entre mestre da resistência e seus alunos era profundamente aberto, democrático e dinâmico.

Exemplos do uso dos materiais citados anteriormente, o carvão pode ser usado para escrever nas pedras e nas espatas de bambu, e pedras como suporte para escrever sobre outras pedras, a maioria dos mestres da resistência era jovem de 13 a 15 anos de idade e estudavam na época portuguesa, frequentavam entre 4ª e 3ª classes do Posto Escola. A maioria dos jovens ajudava nas funções de ativistas, delegados, comissário político dando apoio e politizando a comunidade concêntrica ou homocêntrica de um trabalho significativo.

Evidentemente é possível relatar ou recordar o trabalho realizado pelos jovens mestres da resistência, porque durante a resistência foi confiado à juventude a capacidade enfrentar uma guerrilha dupla ou tripla, nunca recuou, continuou a trabalhar com aquelas dificuldades que a cada dia parecia intransponíveis em razão da dureza do teatro das operações da guerra.

A juventude não tinha conhecimentos específicos nem cursos de Pedagogia, mas sabia transmitir aquilo que certamente era mais importante, o amor à sua Pátria e a razão coerente da luta na linha política da Frente Revolucionário de Timor-Leste Independente (FRETILIN). Tudo isso era a lógica da política dos jovens timorenses, pois os dirigentes da resistência não queriam deixar os seus companheiros para analfabetos, portanto trabalharam bastante eliminar a ignorância.

Todos os guerrilheiros ampliavam seus conhecimentos porque aprenderam a escrever o próprio nome, isso apenas sabendo escrever, ler e ouvir algumas informações e seguir as linhas de orientações políticas da Frente Revolucionário de Timor-Leste Independência

(FRETILIN) não houve sequer a ideia de desistir de lutar, mesmo assim os guerrilheiros sofreram durante vinte e quatro (24) anos, nas matas e nas montanhas do país debaixo da chuva, do sol, do sereno e dormiam em cima das ervas verdes e as almofadas eram as raízes das árvores, pelo amor à pátria esqueceu-se da sua vida juvenil das conquistas amorosas, noites e dias abraçavam as armas de fogo cuidavam-nas como se fossem suas esposas dormiram e acordaram com elas, nas concentrações de guerrilha, preservando os planos políticos de como conseguiriam alcançar os objetivos desejados.

Por meios dessa educação a juventude guerrilheira ajudava o conjunto dos guerrilheiros aprenderem também a língua Indonésia. Os mais velhos não conheciam muito bem a língua do invasor, mas precisavam compreender o conteúdo dos diálogos das tropas indonésias, em caso de algum membro da resistência timorense fosse prisioneiro pela tropa indonésia, conseguiria ler, escrever, ouvir e se comunicar em línguas que aprendeu. Ou quando alguns dos guerrilheiros fossem capturados levariam a prisão. Na prisão conseguiriam ouvir e ler algumas informações secretas elaboradas pelas tropas indonésias, assim o prisioneiro se prepararia para responder as perguntas nos interrogatórios.

Algebra de lágrimas compete a uma memória que consagra nas almas dos timorenses e nunca conseguirão. Por motivos diversos este é momento de historiar algumas das situações da ocupação indonésia no território timorense. Embora as tradições orais estejam sempre circulação e constituem aspectos que marcam a história de um povo, em Timor Leste não é diferente. A transmissão oral é um marco histórico é ponto fundamental de imersão da vida de um povo, o fato de alguns reinos terem sido coniventes com a colonização portuguesa e ao longo dos tempos se traduziram em domínio pelas leis ou princípios de defesa, através chicoteadas e das palmatórias.

Por outro lado, as crenças do povo possuem uma dimensão regional e nacional, “os timorenses partilham um conjunto de crenças e valores relacionados com a presença a um determinado local, que denominaram por *UMA LULIK* em língua portuguesa é *CASA SAGRADA*” (PED, p.74). A casa sagrada tem espaços que guarda os objetos sagrados, e outros são espaços para reuniões familiares e espaços de exercícios culturais.

No território existem várias casas sagradas, pertencentes a cada etnia que as segura pelas leis produzidas no passado originárias cada comunidade no seu hábito cultural, mas haver problemas entre as gerações de timorenses porque começam a ocorrer modificações de algumas heranças históricas pelo comportamento do mundo moderno.

Existia entre timorenses um sentimento de carinhos e de respeito pelas brancas e velhas monarquias (*liurais*) do território, mas a monarquia desapareceu, porque o programa da educação na base de apoio e na guerrilha mobilizava também os debates sobre os atos das monarquias e a comunidade de ponta leste e centro leste estudava a política democrática, aprender a viver livre, a criticar o que estaria errado, aprender expor sua ideia a construir boa convivência entre todos no território. Aprender a analisar o que é certo e errado. Atualmente, a democracia está se consolidada em Timor Leste. Porém a cultura e a tradição de cada casa sagrada ainda fortalecem e fortificam os direitos, atos, aspectos físicos e moral dos homens timorenses mesmo assim ainda prevalece o sentimento de que as mulheres são inferiores na sociedade timorense e esse pensamento ainda é reforçado pela família.

Em decorrência disso, as mulheres não têm direito a herança dos pais. Todas as heranças ficam para os homens, se um casal tem apenas filhas a herança permanece na casa tradicional como uma herança coletiva, porque as filhas não têm direito. Essa atitude mostra que os homens timorenses ainda subjagam a figura feminina, mesmo com a República Democrática de Timor-Leste ainda há atitude resquícios da tradição da antiguidade.

Quando ocorreu a Revolução dos Cravos em Portugal, o objetivo principal dos jovens da Frente Revolucionária de Timor-Leste Independente (FERTILIN), era a intolerância que resguardavam posições externas, logo, começaram a abolir as velhas monarquias, de tal modo que ocorreu a brutalidade da ocupação dos militares indonésias levou Timor-Leste viver vinte e quatro (24) anos sob o domínio do regime violento do governo indonésio.

A desumana caminhada da participação na luta de libertação nacional é um dever moral, principalmente político de uma contribuição histórica do povo timorense. Todos estes contextos têm seu significado, portanto, necessita-se definir coerentemente porque todos podem ver e sentir um pedacinho do longo sofrimento da população e pensar uma forma mais lógica, os princípios e deveres, assim também saber agir e interpretar com objetividade as aspirações do povo timorense.

É a questão da política porque qualquer análise e consideração, tida como uma expressão dessa interpretação deve ser refletida fielmente e confiada a uma base de opção política representada nas vontades do povo timorense pela luta de libertação do país.

As vozes dos mestres da resistência são importantes do ponto de vista político, no sentido de que se comunicavam em diferentes linguagens, na organização dos grupos, nas convivências, as qualidades e os sentimentos eram transmitidos de modo como se expressavam e pensavam para o melhor futuro do povo timorense. Todos os grupos da

resistência tinham o direito de expressar suas próprias ideias e planos, planejar seus trabalhos voluntariamente, colocar em sessões dos planos políticos e discutiam democraticamente sobre o que programavam na base de apoio e da guerrilha. Os mestres da resistência se esforçavam e trabalhavam com todo carinho, sem receber nada em troca e aplicavam seus métodos de ensino por meio de diálogo e discussões, e também usavam os dialetos ou línguas locais sintetizadas sem duas línguas: o Tétum/Tétun e o Português e alguns dos mestres da resistência estudavam língua Tétum/Tétun com seus colegas na base de apoio, porque o Tétum/Tétun praça só se fala na capital do país pela população residente em Dili e nos arredores.

O Tétum/Tétun também é uma língua que precisa ser sistematizada e estudada pelos próprios timorenses porque na época colonial português esta língua também não era conhecida no território, à maioria da população em diferentes regiões deve estudá-lo para poder se comunicar entre os timorenses no território. Por isso, os mestres da resistência realizavam seus planos de ensino com uma tentativa básica de aprender língua Tétum/Tétun.

O processo de aprender língua Tétum/Tétun na guerrilha, os mestres da resistência aprendiam com pessoas que sabiam falar e escrever essa língua. Então os mestres da resistência se esforçavam para aprender. Com toda vontade e humildade a ensinar os jovens, crianças, depois aos mais velhos ou aos jovens e as crianças deram continuidade a vivacidade do Tétum/Tétun.

Hoje o Tétum/Tétun é língua oficial ao lado da língua portuguesa, mas antigamente a maioria da comunidade da ponta leste (Lautém) e centro leste (Viqueque e Baucau) não conheciam nem falavam a língua. Para os jovens desses três municípios o Tétum/Tétun já é a terceira língua, porque cada município fala diversas línguas e eles aprendem primeiro a língua que não é da comunidade ao lado dos seus dialetos. Então, para os jovens da parte leste de Timor-Leste a língua Tétum/Tétun é uma língua muito difícil. Por isso durante a resistência da invasão da Indonésia, os jovens começaram a aprender o Tétum/Tétun nas montanhas com os líderes da Frente Revolucionário de Timor-Leste Independente (FRETILIN), porque as maiorias desses líderes estavam na capital Dili, onde há o número maior de falantes da língua Tétum/Tétun.

Deste modo, pode-se dizer que o Tétum/Tétun e o português são línguas da história timorense. As maiorias dos jovens que estudaram as línguas Tétum/Tétun e o Português na guerrilha ajudaram bastante no seu campo de trabalho na fase da independência, conseguiram vagas nos concursos públicos. Quando o país conseguiu sua independência eles tiveram

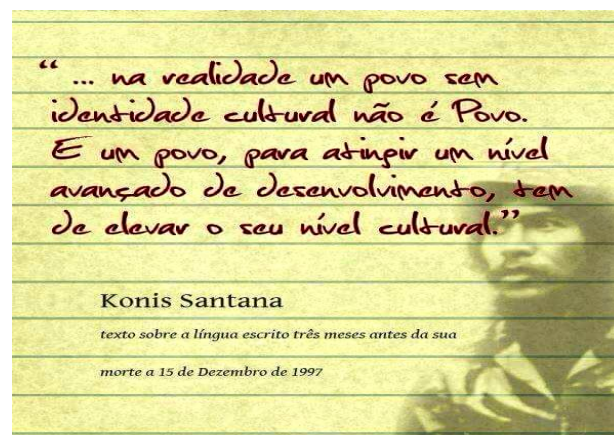
poucas dificuldades de comunicar-se em Português porque já tinham uma base para apoiar nos seus empregos ou profissões.

A língua portuguesa é uma língua histórica para o povo timorense adotada desde a chegada dos portugueses no território. As forças indonésias proibem esta língua de não ser ensinada nas escolas, mas foi um ótimo caminho para os revolucionários pudessem passar informações secretas no combate entre a resistência armada, resistência clandestina e resistência diplomática, por isso consideram que a língua portuguesa como uma das ferramentas de luta clandestina para os timorenses na época da invasão.

Pode se constatar que Timor-Leste situa-se entre Austrália e Indonésia e o Portugal marca uma história geográfica das mais antigas do mundo. Portanto, o português tornou-se língua oficial ao lado da língua Tétum/Tétun e foi consagrado no artigo 13 na Constituição da República Democrática de Timor-Leste, e afirmado na lei da Base da Educação, no artigo 8º que expõe sobre línguas do sistema educativo timorense: Tétum/Tétun e o português (TIMOR-LESTE, 2002<sup>22</sup>).

Graças a essa história hoje o Timor Leste se tornou em um país mais jovem do mundo e independente denominado por República Democrática de Timor-Leste (RDTL) e faz parte da organização da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). Para conseguir comunicar-se com os países vizinhos, a maioria dos jovens timorenses aprende e convive com várias línguas e consideram que a língua é um cominho que marca o caráter sem limite e sem fronteira, ajuda a conhecer outras culturas, assim facilita a convivência da comunidade dos países a ficar numa ilha.

### **Figura 5: Mensagem do saudoso Nino Konis Santana em língua português**



Fonte: SANTANA, 1997.

<sup>22</sup>Constituição de Timor-Leste, Disponível em: <[http://timor-leste.gov.tl/wpcontent/uploads/2010/03/Constituicao\\_RDTL\\_PT.pdf](http://timor-leste.gov.tl/wpcontent/uploads/2010/03/Constituicao_RDTL_PT.pdf)>

Na figura anterior, revela a mensagem do saudoso Konis Santana que indica a língua portuguesa como arma da luta pela libertação do país. Justifica que todos os processos de resistência estavam escritos em português. Vale lembrar que ele é uma das pessoas que lutou junto com demais líderes timorenses para a libertação do povo e da nação timorense contra as diversas ocupações.

**Figura 6: A fotografia mostra as palavras em língua portuguesa**



Fonte: documentos da Resistência Timorense, 27-03-1994. Nº 06785.002.024.

A exposição em língua portuguesa mostra o significado e a solidariedade do povo timorense aos irmãos da Comunidade dos Países da Língua Portuguesa.

**Figura 7: Termos de Referência do Mestre da Resistência**



Fonte: TIMOR-LESTE IMEMORIAL, 1983<sup>23</sup> Nº 05358.001.017.

<sup>23</sup> Arquivo está disponível em:

<[http://amrtimor.org/multimedia/multimedia\\_fotos\\_mostrar\\_grupo.php?grupo=01](http://amrtimor.org/multimedia/multimedia_fotos_mostrar_grupo.php?grupo=01)>.



A figura mostra o processo de aprendizagem em língua portuguesa, ministrada pelo professor Adelino Carvalho mais conhecida por *Umu Sague* e o camarada *Melik* em primeiro plano na escrita e leitura. Nas figuras posteriores, revelam o processo de ensino na guerrilha e base de apoio realizado pelos mestres da resistência nas comunidades voltado às crianças, jovens e adultos em diversas localidades timorenses.

**Figura 8: Alfabetização de um grupo de guerrilheiros na área de Baucou.**



Fonte: Documentos da Resistência Timorense. Nº 05733.035.019.

**Figura 9: Alfabetização dos grupos de guerrilheiros em Baucau**



Fonte: Documentos da Resistência Timorense em 1983. Nº 05733.035.020.

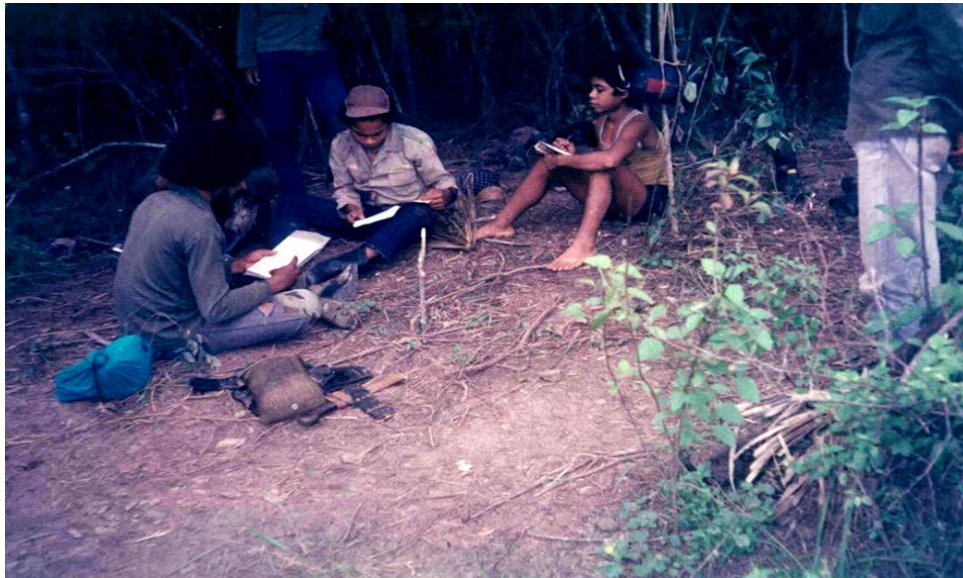


**Figura 10: Guerrilheiros da II Companhia numa aula de alfabetização**



Fonte: Documentos da Resistência Timorense em 1983. Nº 05733.035.070.

**Figura 11: Adjunto Político Sai Lafila<sup>24</sup>, ensinando os guerrilheiros a ler e escrever.**



Fonte: Documentos da Resistência Timorense em 1983. Nº 05358.002.095.

---

<sup>24</sup>Sai-Lafila é o nome secreta do Adjunto Político.

Disponível em: <[http://amrtimor.org/multimedia/multimedia\\_fotos\\_mostrar\\_grupo.php?grupo=01](http://amrtimor.org/multimedia/multimedia_fotos_mostrar_grupo.php?grupo=01)>

**Figura 12: O 1º Comandante da Ponta leste, Alex David-Daitula<sup>25</sup>, alfabetizando um grupo de guerrilheiro.**



Fonte: Documentos da Resistencia Timorense em 1983. Nº 05358.001.070.

Em seguida, acrescentam-se, as fotografias dos guerrilheiros praticando as atividades desportivas na guerrilha, mesmo que estivessem enfrentando dificuldades, travassem o campo da batalha e entrassem em fogo cruzado com as forças indonésias, mesmo assim, os guerrilheiros não deixavam de praticar as atividades desportivas tais como: Voleibol e Futebol. Nas figuras abaixo mostram os Guerrilheiros em competição do jogo de Voleibol num acampamento de cessar-fogo, nas áreas de Bibileu<sup>26</sup>, município de Viqueque, e mostra também um grupo de crianças e jovens num treine do jogo de Futebol, nos acampamentos de cessar-fogo na área de Bivake. Afirma-se que estava presentes o Doutor Francisco Guterres mais conhecido por Lu Olo. Ele era Adjunto Político da Região Nakroman<sup>27</sup>, e atual Presidente da República Democrática de Timor-Leste, e o primeiro Presidente da República Democrática de Timor-Leste e Ex-Primeiro da RDTL em dois períodos Doutor José Alexandre Gusmão, mais conhecida por Kay Rala Xanana Gusmão, era comandante Supremo em Chefe das FALINTIL, atual negociador das fronteiras marítimas do Timor-Leste.

<sup>25</sup>Daitula é o nome secreto do 1º Comandante da Ponta Leste.

<sup>26</sup>Bibileu é um pequeno bairro que denomina por suco.

<sup>27</sup>Nakroman é código de um bairro onde organiza a política timorense.



**Figura 13: Participação dos desportivos na guerrilha**



Fonte: Documento da resistência timorense, 1983.

N<sup>os</sup> registros: **05733.035.010; 05733.035.064; 05733.035.063; 05733.035.010; 05733.035.058; 05733.035.059**

Na guerrilha existia assistência à saúde para atender as necessidades dos guerrilheiros. Os atendimentos da saúde dos guerrilheiros eram da responsabilidade da Comissão de Agente da Saúde na guerrilha. A mulher Eufrásia da Silva Pinto Menezes *BIRALI*<sup>28</sup>, guerrilheira e veterana da libertação nacional por vinte e quatro (24) anos era responsável pela assistência à saúde. Quando alguns guerrilheiros atingindo por balas dos soldados indonésios recebiam tratamentos nas montanhas do Timor-Leste.

**Figura 14: atendimento assistência de saúde na guerrilha**



Fonte: Documentos da resistência timorenses, 1983. N<sup>os</sup>. **05358.002.077; 05358.001.015.**

<sup>28</sup> É nome secreta da mulher guerreira.

**Figura 15: Bilou Malik<sup>29</sup> entre responsáveis da Frente Clandestina**



Fonte: Soibada<sup>30</sup>em 1995. N°. 05358.002.096.

A imagem mostra a Veterana da resistência por vinte e quatro (24) anos de guerrilheira a Senhora Domingas Álves da Silva – *Biliou Malik* e os responsáveis pela rede clandestina lendo informações à luz de lanterna, na qual as mulheres também participavam no processo de ensino-aprendizagem no campo da batalha em Soibada<sup>23</sup>.

**Figura 16: Desfile de Crianças numa aldeia<sup>31</sup> de Timor Leste**



Fonte: Documento da resistência timorense em 1975 <sup>32</sup>.

<sup>29</sup> Na época da guerra é conhecida por *Bilou Malik*, e na identidade: Domingas Álves da Silva.

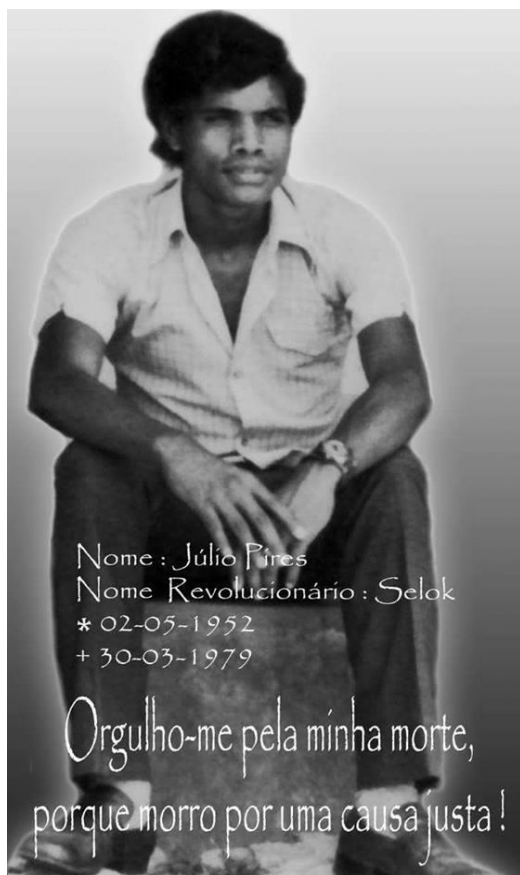
<sup>30</sup> Posto Administrativo Soibada que pertence ao Município de Manatuto Arquivo, Disponível em: <[http://amrtimor.org/multimedia/multimedia\\_fotos\\_mostrar\\_grupo.php?grupo=01](http://amrtimor.org/multimedia/multimedia_fotos_mostrar_grupo.php?grupo=01)> .

<sup>31</sup> Aldeia é o pequeno bairro onde poucas populações se concentram.

<sup>32</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tx-OHnh9nMo>>.

Na sua entrevista o Sargento Aquiles revelou que ensinava as crianças a defender sua pátria, porque os portugueses abandonaram Timor-Leste elas que iriam futuramente defender para ser independente. Historiam-se estas imagens porque a educação dos timorenses já tinha começado nos tempos mais antigas que hoje ninguém aparece reconhecer ficou como uma história oral nos familiares, partilhada para as novas gerações, mas não registrada na história de Timor Leste.

Figura 17. O primeiro Superintendente da Educação na zona dezenove setenta e cinco.



O primeiro Superintendente da Educação na Zona dezenove - setenta e cinco (19 – 75) chama-se Júlio Pires mais conhecido por *SELOK*, Mais tarde foi substituído por Gregório Mito. Ambos foram capturados e assassinados pelas tropas Indonésias em 1979 na Zona de Uato-Lari.

Fonte: Selok Junior (2017)<sup>33</sup>

Escolha deste tema: Memória da Educação de Timor Leste deve-se à história da autora deste trabalho. Poderia haver pessoas a pensar que a historiografia da resistência timorese não fosse útil para o futuro. Quando se escolheu este tema muitas pessoas tinham dúvidas e fizeram muitas perguntas: você vai conseguir terminar esse trabalho? Será que você conseguirá pessoas para aplicar sua entrevista? Será que esse tema é relevante para seu país?

<sup>33</sup> Retirado pelo Facebook do Selok Junior filho do saudoso Selok.

Por meio destas perguntas e dúvidas motivou muito a seguir com o tema, descrevendo breves histórias da educação do país. Assim, começou o trabalho com tranquilidade por meio do primeiro projeto de trabalho de conclusão do curso I. O primeiro projeto foi aprovado pelo orientador. Em seguida, elaborou-se o questionário e decidiu-se enviá-lo aos contatos em Timor-Leste. Resolveu-se enviá-lo a seis (6) setores da estrutura da resistência e cada setor recebeu dois questionários. O questionário foi enviado pelas redes sociais, como, por exemplo, e-mails, a pessoas responsáveis pela rede clandestina, infelizmente não retornam o questionário como se tinha pensado, e como se viu anteriormente no procedimento metodológico.

## 7.2. Relatos de Experiências dos Agentes de Ensino e Líderes no Processo de Educação Guerrilheira

O processo de ensino na guerrilha se fortalece a partir de aplicação de questionários voltados aos mestres da resistência, líderes e diversos atores que participaram e influenciaram tanto o processo de ensino na guerrilha e na base de apoio como também caminho de resistência contra a ocupação de diversos países em Timor-Leste. Esse processo de aplicação de questionários se realizou através de redes sociais (e-mail e facebook), no qual a autora do presente trabalho tem oportunidade de contato com os entrevistados, possibilitando fornecer informações necessárias e relevantes acerca de sua participação no processo de ensino tratado na pesquisa.

Pelo fato de que a autora do presente trabalho fazia parte nesse processo de ensino na Base de Apoio, permitiu de forma mais fácil conhecer os indivíduos que participaram nesse ensino, assim, foi enviado os questionários aos cinco entrevistados responsáveis pelo processo de ensino na Base de Apoio e tanto na guerrilha em Timor-Leste. Lembrando que esses cinco entrevistados não eram somente pessoas que ensinavam, mas também participavam como alunos da política pela organização do movimento voltada às mulheres.

Na análise dos questionários respondidos pelos entrevistados, nota-se, que, os responsáveis pelo ensino na guerrilha faziam parte de diversas formas de resistências, tais eram: a) mestra da resistência na base de apoio e responsável da rede clandestina; b) Comandante de FALINTIL no Centro Leste; c) mestre da resistência e responsável da rede clandestina; d) responsável pela Organização Popular das Mulheres Timorenses (OPMT); e) Veterana da resistência na guerrilha por vinte e quatro (24) anos; e algumas atividades que contribuíram na luta pela formação do país independente no momento da ocupação. Vale

lembrar que esses atores além de exercer sua função, também atuava como professores ensinavam o seu povo timorense nesse período na luta contra o país ocupante de Timor-Leste ao longo dos anos.

Os quatro entrevistados davam aulas no ensino de guerrilha na época da guerra em Timor-Leste e uma entrevistada não dava aula, pois ela era como estudante e ao mesmo tempo participava nos grupos de estudos na zona de Leste-Caixa Fitun-loro-Sa'<sup>34</sup> (Leste-Caixa Fitun-lorosa' e era um código do local da resistência).

De acordo com a análise dos questionários, a Entrevistada (A) relatou sobre o funcionamento de educação na guerrilha durante a resistência timorense em seis setores, na qual cada setor possuía “[...] uma comissão de assistência política liderada por um conjunto de líderes coletivos. As salas eram estabelecidas nos centros de concentração da população nas zonas da batalha e nos abrigos onde se refugiava a população” (ENTREVISTADA “A”, 2017).

O Entrevistado (B) relatou que ele ensinava no processo de educação na guerrilha e procurava ensinar os jovens e a comunidade para compreenderem sobre a forma de resistir contra a ocupação em Timor-Leste e evitar confrontar com os agressores, principalmente as forças armadas indonésia (ENTREVISTADO “B”, 2017).

Conforme relatado por Entrevistado (C), a educação guerrilha surgiu nos últimos meses do ano 1976, na época em que as forças de resistências da FRETILIN ocupavam a primeira fase da luta designada “Base de Apoio” entre 1976 a 1978. Para tanto, essa educação na guerrilha era realizada em duas formas tais como: educação formal e não formal, e por último a educação política. Tratava-se na educação formal, do processo de ensino-aprendizagem dos alunos, da infância de primeiro ano até terceiro ano e o horário de estudo que começava das 08h00min às 12h00min. Em relação à escola não formal, era focalizada aos adultos e acontecia das 18h00min às 20h00min. O funcionamento era de seis dias por semana. Já a educação política, acontece nas tardes dos dias de sábado e domingo (ENTREVISTADO “C”, 2017).

No que se refere aos líderes o funcionamento da educação na guerrilha e na resistência, alguns entrevistados relatam que foram membros do Comitê Central da FRETILIN, Ministro da Educação do Timor-Leste liderado pelo mesmo partido na base de apoio que tinha a estrutura mais organizada, além de dirigido por comandantes da resistência.

---

<sup>34</sup>Um código do local da resistência



[...] os líderes que lideravam o funcionamento da educação na guerrilha ou na resistência, foram os membros do Comitê Central da Fretilin; Entre 1976 a 1978, no período de maior concentração na base de guerrilha, as ações do Conselho Democrático Revolucionário (CDR) foi criado pelos líderes do Primeiro Governo da Fretiline encarregou Hamis Bassarewam como ministro da Educação. Ele foi capturado e a assassinado pelas Forças da Indonésia no momento da destruição de base de apoio em 1978 (ENTREVISTADA “A”, 2017).

Em relação aos materiais didáticos à educação formal naquele momento conforme relatado pelo Entrevistado (C), não havia livros, cadernos, canetas e entre outros materiais que dava suporte ao ensino de maneira mais apropriada aos alunos. Sendo assim, os educadores usavam outros meios que conseguiam davam suporte ao processo de ensino para que os alunos pudessem entender os conteúdos abordados em sala de aula. “No mato, nós não tínhamos materiais didáticos. Nós só ensinamos os guerrilheiros saberem ler e escrever planos para fazer correspondências entre si e os familiares no campo da concentração, assim também politizar os grupos da resistência nas cidades do país” (ENTREVISTADO “B”, 2017).

#### Quadro 6: Materiais Didáticos da Educação Guerrilha

Materiais de escrever	Pedaços de triplex retirados dos edifícios portugueses para fazer quadro e algumas escolas sem quadros;
Caderno dos alunos	Espata de bambus (au-kos) e espata de arequeira (bua-kos); folhas tenras de palmeiras ( <i>tali dikin nurak motin</i> );
Lápis para escrever	Carvão de lenha ( <i>anar</i> ) e talo ( <i>kesak</i> );
Giz para escrever no quadro	pedras de cores ou de carbonato e carvão de lenhas.

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados dos entrevistados, 2017.

Conforme no quando anterior, não havia os materiais didáticos como se tem hoje que dessem suporte ao processo de ensino na guerrilha em Timor-Leste. Mesmo assim, os professores juntos com seus alunos buscavam os meios viáveis que pudessem sustentar o ensino naquele período. O Entrevistado (C) relatou que os materiais didáticos utilizado no processo de ensino na guerrilha e base de apoio eram em base de folhas de palmeira (*tali dikin nurak mutin*), espata de bambus e havia usos de cadernos capturados, carvão de lenha como lápis e talo (*kesak*) para escrever. O talo é específico para escrever na folha terra de palma.

Pois, sem livros para as crianças e jovens, mas os mestres da resistência mantinham o seu ensino com os livros que usavam nos seus estudos na época portuguesa em Timor-Leste. Além disso, Entrevistada (E) reforça as ideias discutidas anteriormente em seguinte:



Este relato é uma tristeza. Não tínhamos cadernos e lápis caneta, usávamos espata de bambu (au-kos) e espata de arequeira (bua-kos) como se fossem caderno para os alunos, e lápis para escrever era carvão de lenha (anar), pedaços de triplex retirados dos edifícios portugueses para fazer quadro e algumas escolas sem quadros, e gíz para escrever no quadro era pedras de cores e carvão de lenhas. Os mestres da resistência se esforçavam para conseguir conquistar seus alunos com este tipo de materiais didáticos, e não tinham disciplinas de ciências, apenas ensinavam a ler, escrever e falar língua tétum e portuguesa (ENTREVISTADA “E”, 2017).

Em relação à língua utilizada no processo de ensino na guerrilha, os timorenses usavam tétum e português para dar aula, pois a maioria deles falava ambas as línguas. Além disso, usavam as línguas nativas das localidades, tais como: *Nau-Eti*, *Makasa'é*, *Fataluku*, *Makalero*, *Wai-Muah* entre outros dialetos. A razão pela escolha destas duas línguas era apreender, pode-se apresentar em seguintes considerações: a) a língua Tétum era mais fácil para comunicar-se com a comunidade timorense, pois a maioria da população a compreende; b) o português é uma língua principal de transmissão das mensagens secretas para o exterior e às organizações internacionais em diversos países.

Os agentes de ensino (educadores) que estudavam no período de ocupação de Portugal, possibilitaram o ensino na guerrilha, no qual estes agentes ensinavam o que tinham apreendido nas escolas portuguesas, principalmente formar letras e frases, escrever, ler e falar. No que diz respeito às ordens das direções da luta, os líderes comunitários estabeleciam escolas em todas as aldeias no território da guerrilha, no qual as escolas eram dirigidas pelos professores, naquele momento, denominados “agentes de ensino ou monitores escolares,” supervisionados em cada base de apoio.

A Entrevistada (D) também acrescentou sobre educação na guerrilha e base de apoio realizada pela iniciativa dos educadores. Ensinavam os alunos a escrever, ler, a contar números por ordem e cooperar; os alunos a calcular matematicamente, “[...] a maneira de adicionar, diminuir multiplicar, dividir, material musical. Os alunos que não sabiam escrever o abecedário, o professor pegava nos dedos dos alunos a escrever as letras. E ensinavam também músicas revolucionárias” (ENTREVISTADA “D”, 2017).

Já à Entrevistada (E) relatou que não era professora ou agente de ensino, mas ela estava na base de apoio “[...] estudava política da Frente Revolucionária de Timor Leste Independente (FRTILIN) com os estudantes do 3º e 4º ano que estudavam na época portuguesa”. Assim, nas segundas até sexta, os professores ensinavam as crianças e jovens, logo no sábado e domingo politizavam a comunidade. O Entrevistado (C) relata que a educação política voltada à comunidade acontecia em todas as tardes às comunidades das

aldeias dirigidas pelos assistentes políticos que já foram formados pela direcção do Conselho Superior da Luta – FRETILIN, e incluíam também os mestres da resistência.

Os mestres começavam suas aulas nas escolas de segunda até sexta feira, nos dias de sábado e domingo eles politizavam a comunidade, seguindo a política da Frente Revolucionária de Timor-Leste Independente (FRETILI). E organizavam a comunidade nos trabalhos coletivos nas hortas e nos lugares do plantio de arroz e ceifas coletivas (ENTREVISTADA “E”, 2017).

Os comandantes, adjuntos e assistentes políticos asseguravam as mentalidades das pessoas no princípio da luta pela independência nacional no decorrer de aprendizagem, a palavra de ordem era: *Libertar a Pátria e Libertar o Povo*. E no processo de ensino na guerrilha, “[...] iniciou-se com uma nova fase de luta pelo Conselho Superior da Luta-FALINTIL (CSL – FALINTIL). Para os guerrilheiros era saber ler e escrever e também conhecer os códigos de ligação para poder continuar a lutar contra as forças ocupantes no território” (ENTREVISTADA “B”, 2017).

A história de educação na guerrilha ou base de apoio organizada pelos líderes da resistência timorense por meio do plano de alfabetização em massa nos anos de 1976, conforme relatado pela Entrevistada (A) em seguinte forma:

[...] a história da educação na guerrilha ou na base de apoio, foi organizada pelos líderes da resistência tutelado por ministro da Educação a partir de uma campanha de alfabetização em massa em 1976, ao combate de obscurantismo que decorreu durante o período colonial português. Esse manifesto foi considerado como movimento popular da resistência, tendo como um processo educacional de emancipação, em que os líderes demonstravam uma coragem capacidade e inteligência extraordinária (ENTREVISTADA “A”, 2017).

O processo de educação na guerrilha começou-se nos últimos meses do ano de 1978 e finalizou nos anos 1999, ano em que indonésios começaram regressar para Indonésia em decorrência do resultado de consulta popular realizado no dia 30 de agosto de 1999 e a publicação do resultado no dia 4 de setembro do mesmo ano. Para Entrevistada (C), a educação na guerrilha era diferente da educação na base de apoio, pois as aulas eram ministradas pelos quadros civis, em seguida, os guerrilheiros aproveitavam aprender em alguns espaços livres das perseguições dos inimigos.

Já que na base de apoio, os processos de ensino eram organizados pelos professores, nos quais ensinavam os alunos e adultos, deste modo, os homens e mulheres tinham possibilidade de ser alfabetizados, conscientizados politicamente do povo para lutar pela independência nacional. Além disso, o processo de ensino na “[...] Base de Apoio era uma motivação dos estudantes que estudavam na época portuguesa, eles se organizavam e ensinavam crianças e

jovens do bairro e politizavam também a comunidade nos dias de sábado e domingo” (ENTREVISTADA “E”, 2017).

A respeito das disciplinas realizadas nas aulas, os entrevistados relataram que apenas estudavam as línguas o Tétum/Tétun ao lado do português e não havia disciplinas de ciência como atualmente. Além disso, o processo de ensino se focalizava sobre as formas de organizar e mobilizar as massas para lutar na resistência do país. Mesmo que se ensinassem somente as línguas, em alguns casos, conforme o relatado da Entrevistada (D), os professores ensinavam as experiências políticas do país em conflito, e a estrutura organizacional que orientava, organizava e mobilizava as forças políticas e militares naquele período de educação na guerrilha e base de apoio.

O motivo pelo qual se implementou o processo de ensino aprendizagem na guerrilha era possibilitar a leitura e escrita às crianças e adultos para combater a desigualdade no acesso à educação do período colonial; por fim, a libertar a pátria e povo timorense. Deste modo, o ensino era para combater os inimigos agressores nas localidades de Timor-Leste. Destaca a Entrevistada (E) não ensinava e aprendia naquele período, porém, “[...] politizava as mulheres para saber exigir seus direitos e também manter-se firme na política da FRETILIN para conseguir a independência de Timor-Leste. Desta maneira de politizar os colegas também era um ensinamento político e fazia parte da estrutura educacional”.

O objetivo principal de ensinar e aprender na época de guerra conforme relatado pela Entrevistada (A) era “[...] libertar povo do obscurantismo e colonialismo, a eliminação da desigualdade, combater o analfabetismo que existia durante o período colonial português”. Em outra ocasião, era necessário este ensino para os filhos timorenses, de modo ter noção sobre motivo de lutar contra os ocupantes em Timor-Leste, além de “[...] politizar os colegas para defender a Independência da Pátria Timor-Leste e libertar os direitos das mulheres em geral” (ENTREVISTADA “E”, 2017).

No momento em que ainda acontecia o processo de aprendizagem, logo inimigo ou forças indonésias descessem a atirar bombas e morteiradas, as aulas de conscientização realizada pelos mestres na formação política ajudavam os alunos e guerrilheiros a se afastarem dos bombardeios, pelos quais os mestres “[...] pediam aos alunos para deixarem as aulas, e procurarem abrigos ou lugares bem seguros para abrigar e protegerem-se de bombardeamentos e morteiradas lançados pelas forças de Indonésia” (ENTREVISTADA “A”, 2017). O ensinamento dos guerrilheiros era diferente não tinham professores, eles apenas aprendiam através dos companheiros da luta, nos momentos de trégua.

Já que na Base de Apoio, quando acontecesse a invasão do inimigo próximo as escola, as aulas eram canceladas, os alunos eram acompanhados pelos professores para os abrigos. Passando algumas horas à situação se normalizava os professores retiravam seus alunos para suas residências. Para os guerrilheiros, sempre havia uma disposição para atacar em qualquer ameaça; mas o que interessa mais para os timorenses como lema era: “Pátria ou Morte Venceremos, A Luta Continua”, relatado pela ENTREVISTADA “D”, 2017.

Na Base de apoio, quando as forças do inimigo aproximavam da escola mais próxima, os mestres da resistência cancelavam as aulas, apenas tiros de bombas ou morteiradas, os mestres avisavam os alunos para tomar abrigos, depois de algumas horas voltavam a continuar os seus estudos. Na guerrilha quando o inimigo aproximava do acampamento os nossos comandantes também cancelavam os ensinamentos, se os inimigos atacassem por terra, faziam contratiros ou afastavam do local (ENTREVISTADA “B”, 2017).

Em alguns casos, depois de bombas e morteiradas pelos militares indonésios, os alunos e professores continuavam as aulas normalmente, caso ainda tivessem tempo de estudar. Esse processo de salvar a vida de todos do inimigo era realizado através de comunicação, na qual, os mestres davam atenção às informações, se os militares aproximavam do local onde acontecia o ensino.

O plano principal da educação na guerrilha e base de apoio era “[...] não deixar de educar uns aos outros porque a educação é um fator mais importante para todos e mobilizar as crianças e jovens a caminho da independência do país” (ENTREVISTADA “E”, 2017). Para tanto, existia relação harmônica entre alunos, comunidades e mestre da resistência, sendo que esta relação podia notar mais seguro, onde na base de apoio as condições dos alunos e dos mestres eram garantidas pela comunidade, sendo que os mestres da resistência eram escolhidos pela comunidade. No processo de aprendizagem na guerrilha, não tinha nenhuma relação com comunidade, mas teve sucesso na aprendizagem até no ano 1999.

Conforme a análise dos entrevistados, o que mais chamou atenção no processo de aprendizagem na guerrilha e base de apoio no momento da resistência era as “[...] consequências do segundo cerco aniquilhamento em 1978, onde foi capturado e assassinado o ministro da Educação” (ENTREVISTADA “A”, 2017). Além disso, algum guerrilheiro não tinha conseguido escrever, ler, e falar idiomas aprendido em sala de aula, pelo qual não tinha o nivelamento, porque a situação não permitia a realização desse processo educacional de maneira mais adequada. Logo no processo de aprendizagem na base de apoio, “[...] os alunos de primeiro ano conseguiam subir ao nível de terceiro ano, e o tipo de avaliação para o

nível de classe apenas pelos agentes de ensino e não através de documentos escritos ou por certificados” (ENTREVISTADO “C”, 2017).

Os conhecimentos adquiridos no processo de educação na guerrilha e base de apoio no período da resistência ajudaram muito na fase atual, “[...] conhecimento no seu dia a dia para negociar, contar dinheiro, alguns são empresários, outros assumiram cargos importantes na instituição FFDTL. E muito dos meus alunos aproveitaram estudar no governo Indonésia” (ENTREVISTADA “A”, 2017). Além disso, possibilita ter disciplina, respeitar e saber como libertar o povo e pátria que era desejado pelos timorenses.

Conforme relatado pelo Entrevistado (C), o primeiro Superintendente da Educação da Zona dezoito setenta e cinco (19 – 75), se chamava Júlio Pires mais conhecido por Selok. Mais tarde foi substituído por Gregório Mito, ambos foram assassinados pelas forças militares da Indonésia em 1979 em relação ao líder da zona, era professor no período colonial.

O líder da Educação da zona foi professor do posto escolar do governo colonial português. Na época da resistência, em 1976 a meados de 1977, foi empossado a cargo de secretário da zona de 19 - 75. No ano de 1978 assumiu o cargo de Delegado Comissariado (DK). Foi capturado pelas forças do inimigo e assassinado em 1979 na zona de Uato-Lari. Quanto o substituto Mito foi empossado para o cargo de Delegado Comissariado (DK) em 1978. Mais tarde a base de apoio da resistência foi destruída pelas forças do inimigo, Mito foi guerrilheiro. Em 1979, Mito foi apanhado morto a tiro e decapitado pelas forças do inimigo (indonésia) na zona de Uato-Lri (ENTREVISTADO “C”, 2017).

Para tanto, a educação na guerrilha teve vantagem para os timorenses de modo que a maioria foi alfabetizada, pois teve oportunidade de apreender a ler e escrever, falar tétum e português, mesmo que frequentasse situações e obstáculos. Em princípio, o que motivou a realização deste ensino na guerrilha era libertar a pátria, mas era necessário também libertar o povo através da educação realizada no decorrer do período da resistência. Do mesmo modo, conseguiram comunicar entre si (guerrilheiros) em ações clandestinas nas vilas do país que eram controladas pelas tropas Indonésias. Pela educação da base de apoio, as crianças poderiam continuar seus estudos através do governo Indonésio.

Por última mensagem dirigida pelo ENTREVISTADO “C”, 2017.

Esta é a última mensagem para ti irmã guerreira...

O amor é a causa dos ambiciosos juvenis, o amor à Pátria é o sacrifício da vida. Quem gosta de libertar a Pátria automaticamente com o título sacrificado. Quem não gosta de libertar a Pátria goza simultaneamente.

A vida é dura?

Tu ficaste firme, sacrificaste o seu Título, obtive Pátria Livre de todas as crueldades, em consequência procurava bichos para matar a fome. Neste caso deixa o seu país para os estranhos governarem. Voltarás um dia ignora a sua posição de cavalo mandado, já és um agente patriótico. O amor volta e reinicia com a sua conquista sobre Pátria amada. A sua coragem raramente encontra no nosso ambiente da resistência clandestina. Lute pelo teu direito e lute academicamente. Lembra-te do teu sacrifício do passado, o seu sofrimento, a sua passagem de luta para o Timor. No entanto, aproveita já tudo o que é possível, não deixa passar o que é bom para a construção de recurso humano. FORÇA IRMÃ BITALI, (19-08-2017).

### 7.3 Memória da Educação do Período de Transição (1999-2002)

Com grande luta nos períodos imensuráveis, Timor-Leste ainda passou mais um período de transição pela Organização das Nações Unidas (ONU). Houve essa presença porque o mundo Internacional refletiu que os Indonésios cometeram uma enorme ação criminosa contra o direito e a igualdade do povo timorense. Pois em 1999, a chegada da Organização das Nações Unidas (ONU) sob a Missão da UNAMET, UNMIT bem no dia 11 de junho no mesmo ano teve a chegada da UNTAET (*United Nations Transitional Administration in Timor*) no trabalho da administração e organização do país. Com esta presença o país foi chefiado pelo Ian Martin naquela altura. Portanto, durante seu trabalho, realizou-se a eleição popular (referendum) no dia 30 de agosto no mesmo ano para que os timorenses decidissem o destino de ser independente ou sob a integração à Indonésia.

Portanto, não demorou muito tempo, alguns dias depois, bem no dia 4 de setembro saiu o resultado, mostrando que 438.968 votos válidos, 78,5% tinham escolhido a independência e 21,5% optaram pela autonomia e este resultado foi anunciado por Kofi Anan, então Secretário Geral da Organização das Nações Unidas (ONU).

A educação timorense tinha dois anos e meio que estava sob a transição da Organização das Nações Unidas (ONU). Com o prejuízo na eleição, os indonésios começaram a queimar e a destruir todas as infraestruturas no país como escolas, hospitais, estradas etc. Por esta ação os timorenses começaram a se dividir, alguns fugiram para as montanhas do país e outros foram para *Kupang*, Indonésia.

As crianças e jovens que estudavam naquela altura, deixaram seus estudos e fugiram para as montanhas e outros fugiram para Timor Ocidental *Kupang*, Indonésia. Os estudantes que fugiram para Indonésia tiveram oportunidade de continuar seus estudos como refúgio, em pouco tempo, a situação ficou normalizado pela chegada da Força Internacional para Timor

Leste (INTERFET) onde sob a missão de paz guiada pelas forças australianas e chefiada por Peter Cosgrove, pois a população voltou para suas aldeias com tristeza, olhando poeiras e cinzas sem casa nem teto.

Na altura, o sistema da educação ficou muito deficiente, a maioria de timorense tinha iniciativa de criar escolas nas suas aldeias e trabalhando voluntariamente no ensino e aprendizagem. A missão da ONU sob a Administração Transitória das Nações Unidas em Timor-Leste (UNTAET) contribuiu muito na melhoria da qualidade da educação em Timor-Leste, após os acontecimentos de 1999, a UNTAET tinha ajudado os estudantes com materiais escolares como Kits, lápis, canetas etc.

A taxa de alfabetização timorense nessa altura foi de apenas 43% e existia um fosso notório entre as áreas urbanas, onde essa taxa era de 82%, e as áreas rurais onde era de 37%. Há fragilidade da educação muito grande se comparado com a educação dos países asiáticos em especial da região pacífico como Filipina (95 %), Malásia (85%), Papua nova Guiné (64%), o país vizinho, Indonésia, a sua taxa era de 88% e *Nussa Tenggara Timur* (NTT) era 81%. Graças à indonésia, ao abrir um pouco o caminho do sistema da educação do Timor-Leste, pois nessa transição, o que a ONU tinha continuado o sistema educação que a indonésia implantou no país como currículo da Indonésia e assim muitas escolas continuaram a utilizar a língua da Indonésia para o ensino e aprendizagem.

Depois do ano de 2000, a missão da ONU chefiada pelo Sr. Doutor Sérgio Vieira de Melo (diplomata brasileiro) trabalhava com os líderes da resistência timorense e fizeram a cooperação com o governo português a investir nos professores portugueses para trabalhar em Timor-Leste. Os líderes começaram a organizar o país junto com o pessoal administrativo da ONU. Nesta época de transição, o ensino não foi o que timorenses desejavam, pois no início dessa transição, pela destruição da infraestrutura escolar, fez com que o ensino era verbal ou oral. Além disso, os professores e pessoas que conhecem um pouco da língua portuguesa permaneceram nas aldeias, cidades do país trabalhavam voluntariamente e recebendo apenas pequenos incentivos pecuniários da UNICEF (*United Nations Children's Fund*), bem como alguma ajuda alimentar por parte do Programa Alimentar Mundial (PAM).

Ainda nesse mesmo ano, em Maio, a UNTAET e o Conselho Nacional de Resistência de Timor Leste (CNRT) realizaram uma avaliação geral à competência dos professores. O teste foi realizado na Indonésia, por ser essa língua até então utilizada como meio de ensino pelos professores. Do total de professores que efetuaram o teste, o resultado mostrou que 5.000 professores possuíam as competências necessárias para dar aulas no ensino primário,

embora nem todos tivessem sido imediatamente contratados. No caso do ensino secundário, quase nada, os professores e a administração procuraram encorajar os estudantes universitários a desempenharem essa função. Os professores recrutados, foram contratados para o primeiro ano letivo normal que se iniciou em outubro de 2000, possuíam habitualmente suficientes conhecimentos básicos, mas não tinham nenhuma formação pedagógica ou em matéria de gestão das aulas (PNUD, 2002).

**Tabela 3: Rácio Alunos-professores nas Escolas Primárias (2000/2001)**

<b>Distritos</b>	<b>Escolas</b>	<b>Alunos</b>	<b>Alunos/escolas</b>	<b>Professores</b>	<b>Rácio</b>	<b>Intervalo dos rácios</b>
Aileu	40	13.190	330	149	89	36.147
Ainaro	38	9.398	247	157	60	40.106
Baucau	93	20.365	219	345	59	24.175
Bobonaro	89	18.294	206	289	63	27.104
Covalima	52	8.998	173	227	40	28.147
Dili	61	28.333	464	475	60	17.119
Ermera	62	19.076	308	376	51	27.124
Liquiça	38	11.989	316	195	61	1.099
Lospalos	55	10.541	192	172	61	27.142
Manufahi	50	10.443	209	153	68	28.243
Manatuto	35	9.169	262	118	78	36.235
Oecussi	43	9.932	231	146	68	37.100
Viqueque	51	15.452	303	189	82	46.224
Total	707	185.180	262	2.991	62	24.243

Fonte: Ministério da Educação de Timor-Leste, 2001 *apud* PNUD, 2002, p. 53

Para reconstrução da infraestrutura escolar, Timor-Leste teve o apoio dos doadores internacionais por um programa de revitalização do sistema educativo que procurava conjugar os esforços da UNTAET, CNRT, UNICEF (*Fundos das Nações Unidas para a Infância*), ONG (*Organizações não governamentais*) nacionais e internacionais, doadores bilaterais como o Banco Mundial. A primeira fase desse programa, aprovada em junho de 2000, constitui-se num projeto de 13,9 milhões de dólares denominado programa de reabilitação escolar de emergência, destinado à reconstrução de alguns edifícios e à construção de novas escolas protótipo. Em fevereiro de 2000 esse programa procedeu já à reabilitação de 535 escolas, representando 2780 salas de aula e a construção de três escolas protótipo destinada ao nível inferior do ensino secundário e montou 54.000 peças de mobiliário escolar nas salas de aula (PNUD, 2002.p. 53).



No ano de 2000, criou-se a Universidade Nacional Timor Lorosa'e (UNTL), com sede na cidade de Díli, capital de Timor-Leste. Apesar de não contar com orçamento inicial da UNTAET, graças ao esforço de professores e alunos da antiga universidade e da escola politécnica, a Universidade Nacional Timor Lorosa'e (UNTL), pôde lecionar para 05 mil alunos logo em novembro de 2000.

Com o apoio internacional, a nova UNTL fixou-se nas instalações restauradas do antigo Liceu Dr. António de Carvalho, da antiga escola Técnico Doutor Silva Cunha, na ex-escola Canto Rezende e, mais tarde, também no espaço do antigo politécnico de Hera e no edifício que antes tinha albergado a UNTIM. Isto apesar da maioria das salas de aula estar, nos primeiros anos, praticamente despojadas do material essencial ao ensino, incluindo mobília. Para, além disso, muitas das pessoas tecnicamente mais habilitadas para o ensino superior acabaram por ser atraídas para cargos no governo ou na administração pública do jovem país.

No ano de 2001, em outubro, os doadores aprovaram outro programa de 13,9 milhões de dólares, denominado 'projeto para a qualidade básica das escolas', que visava a melhoria das condições de 65 escolas primárias no país. Com a evolução das crianças nas escolas primárias no país, na altura de transição no ano letivo de 2000/2001, o número de crianças matriculado nas escolas primárias de Timor-Leste era de 185.180 (PNUD, 2002.p. 53).

#### **7.4. A Educação Pós-Independência**

Após ebulição do país no ano 1999 em poucas semanas, o regresso da população as suas aldeias, as pessoas começam a falar um pouco a língua portuguesa, começam a contribuir com as atividades educacionais nas suas aldeias, ensinavam voluntariamente em língua portuguesa.

Por não haver livros de língua portuguesa e materiais didáticos durante a invasão da Indonésia, mas algumas pessoas escondiam livros que tinham estudado na época portuguesa começaram usá-los no ensino paralelamente com os livros didáticos da indonésia, era trabalhoso e muito esforço para professores porque todos queriam ensinar a língua portuguesa no seu ensino diário e passaram de mão a mão copiaram para poder ensinar os jovens e crianças das aldeias. Era muito difícil, mas tentavam alcançar os objetivos traçados, mesmo assim havia recorrência ao método tradicional de ensino.

Para fazer entender os jovens e crianças na aldeia em língua portuguesa os professores voluntários explicavam primeiro em língua local ou dialeto e língua indonésia em seguida comunicavam-se para o português, como no caso da aldeia Lacoto, os professores voluntários

usavam língua tétum na sua comunicação diária, o dialeto dessa aldeia é Adobe ou Lolem e Mambae, mas a maioria das crianças e jovens fala o tétum praça como primeira língua, além de terem sua língua materna que é Adobe ou Lolein e Mambae. Em casa, a maioria dos pais falava tétum praça para seus filhos, porque os pais queriam que seus filhos compreendessem melhor o tétum praça, por razão de associar mais rápida à comunicação entre as pessoas de outras aldeias e localidades do país, os pais falavam língua materna entre os mais velhos.

Outubro do ano 1999, a escola do ensino primária Balibar N° 11, foi ocupada por algumas famílias da aldeia Fatuloda, por razão de que as moradias da comunidade desta aldeia foram destruídas e carbonizadas pelas tropas indonésias. Por este modo, a comunidade de aldeia Lacoto decidiu disponibilizar uma casa para as reuniões e atividades da comunidade para professores darem as aulas.

A comunidade de Lacoto convidou professores voluntários para dar sequência ao ensino básico provisório na aldeia Lacoto. A casinha foi feita pelo *zinco usado e queimado* e as cadeiras e mesas foram feitas da *taquara de bambu*. O quadro era pedaços de folha de A3 em língua indonésia chamamos por *tripleks*. Graças a Deus que alguns professores esconderam giz de carvão branco e conseguiram usar nos primeiros tempos do ensino e aprendizagem.

O programa do Ministério da Educação Distrital do município de Dili é optar por professores que já tinha ensinado na época Indonésia, mesmo que não estudassem a língua portuguesa, isso porque podem manter as suas técnicas e métodos de ensino e aprendizagem nas escolas mencionadas, e os professores voluntários continuariam o seu ritmo de ser voluntário. Assim também, começou o programa dos cursos de língua portuguesa na cidade de Dili; todos os professores permanentes e voluntários tinham direito de seguir curso de língua portuguesa.

Finda a intervenção da Organização das Nações Unidas, a partir de 2002, a educação do Timor-Leste começou a concretizar para melhoria seu funcionamento das atividades de ensino no país. Em cada localidade foram construídas escolas para oportunizar os alunos acesso ao ensino, não somente nas áreas urbanas, mas também nas áreas rurais, caso pode notar em seguintes figuras, no período em que os professores timorenses começaram a ensinar os conteúdos didáticos em língua portuguesa.

**Figura 18: Timor-Leste – O nascimento de uma nação<sup>35</sup>**



Fonte: Paulo Markun *apud* João Markun, 2011

O Processo de ensino depois da saída da Indonésia, no qual as escolas foram destruídas, levou os timorenses a se preocupar com a política educacional em todo território. As práticas educacionais timorenses começaram do início, principalmente na construção das escolas, a maioria dos o professor era voluntária.

A figura anterior mostra os alunos e a professora com o mesmo objetivo de contribuir com uma educação bem ampla e buscar estratégias aos alunos para frequentar seus estudos e dando continuidade. A primeira estratégia era diálogo entre alunos e professora e o ensino de músicas em línguas portuguesas e tétum.

<sup>35</sup>Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=eI551Sksad0>>.

<p>I – <i>Muzika ser-seren</i>  <i>Leren diak! Leren diak!</i>  <i>Leren diak, há oma hetu,</i>  <i>Ohin há'u há oskela,</i>  <i>Tanha ne'e há'u hákselek.</i></p>	<p>I - <i>Música diária</i>  <i>Bem dia! Bem dia!</i>  <i>Bem dia, a toda gente.</i>  <i>Fu heje veu à escola.</i>  <i>Per isso esteu contente</i></p>
<p>II – <i>Música diária</i>  <i>Timor - Leste hese, mentes e rics e vales,</i>  <i>Onde lirie hese, seus batuques e cantares.</i>  <i>Juventude luta, cheia de esperança,</i>  <i>Canta e sabuta, plena de confiança.</i>  <i>Timor - Leste hese, mentes e rics e vales,</i>  <i>Onde lirie hese, seus batuques e cantares.</i></p>	

Fonte: Elaboração própria, 2017.

**Figura 19: Processo de Aprendizagem Ministrada pela professora voluntária Cruz**



Fonte: Paulo Markun *apud* João Markun, 2011.

Na figura anterior, mostra-se uma entrevista com professora voluntária Brígida da Silva Pinto e Cruz, e os alunos cantaram uma música que foi ensinada por ela.

Os primeiros alunos da escola Primária<sup>36</sup> nº11 Balibar, no início da prática de língua portuguesa na aldeia Lacoto e foi uma música ministrada pela professora para facilitar seus alunos na conversação. O método desse ensino era uma motivação para que os alunos mostrassem seus interesses de como aprender a língua portuguesa e lutar para ter a mesma oportunidade de usufruir da educação.

---

<sup>36</sup> No Brasil é ensino fundamental

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os grandes desafios de organização de um sistema educacional, encontram-se no processo de ensino e aprendizagem. Pode haver vários obstáculos, mas com espírito e lealdade e patriotismo, necessitando de reconstruir a normalidade e viver com todos os desafios porque os jovens estão na vanguarda da reconstrução nacional, para a consecução dos objetivos e desejos que foram planejados para a melhoria do Timor-Leste.

As gerações que nasceram durante a colonização portuguesa aprenderam língua portuguesa e os que nasceram e cresceram no período da invasão estudaram a língua da Indonésia, não tinham oportunidades de aprender a língua portuguesa, porque a língua portuguesa era proibida pelas tropas indonésia. Os invasores obrigavam a comunidade timorense a estudar e falar língua da Indonésia, por isso, recentemente os jovens timorenses falam mais a língua da indonésia e o inglês do que a língua portuguesa. Grande desafio apontado, na área da Educação de Timor-Leste é o currículo do ensino. As crianças que entram no primeiro ciclo de escolaridade pré-primária sucessivamente até o ensino secundário equivalente ao do Brasil (ensino médio) aprendem a língua portuguesa, tétum e a língua materna ou dialeto.

Quando os timorenses concluem seus estudos de ensino médio e entram para o ensino superior encontram outros processos que dificultam os estudantes. Os docentes do ensino superior nos seus processos do ensino aprendizagem, em todas as disciplinas, os materiais de apoio estão escritos em língua da Indonésia e professores falam em sala de aula essa língua. Os jovens timorenses sofrem e têm muitas dificuldades, mas nunca desistem da sua carreira de serem estudantes, com todas as dificuldades tentam perseverar e sacrificar para conseguir alcançar seus objetivos. Os estudantes que conseguem bolsas de estudos e chegam a estudar na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) obtêm uma continuidade nos processos de aprendizagem em língua portuguesa.

Os que não conseguem bolsas de estudos para estudar no ensino superior da Comunidade Países de Língua Portuguesa (CPLP), resolvem sair do país e vão estudar na Indonésia, porque não querem deixar seus sonhos morrer. E aqueles que forem selecionados e conseguem bolsas de estudo para outros países que falam outras línguas, podem enfrentar muitas dificuldades. Esses processos são desafios que marcam profundamente a área da educação de Timor leste.

Recorda-se que este estudo descritivo sobre a memória da educação da guerrilha e da base de apoio precisa continuar porque este trabalho apenas descreve sobre a educação

realizada no setor centro leste localizado nos municípios de Viqueque e Baucau. Enviou-se o questionário para as pessoas que faziam parte dos seis setores que a autora deste conhece há muitos anos, mas era muito difícil o retorno do questionário. Apenas retornaram cinco questionários das pessoas que faziam parte do processo educativo na guerrilha e na base de apoio no setor centro leste. Por isso, sugeriu-se a continuação com novas pesquisas que analisem todos os setores do país, assim poder-se-ão completar essa memória histórica.

O Propósito principal deste trabalho é abordar a educação da guerrilha e na base de apoio na resistência dos timorenses no período da ocupação da Indonésia em Timor-Leste. A pesquisa não foi realizada no teatro das operações, pois se trata de estudo sobre memória, acontecimento dos fatos. Sendo assim, o trabalho foi feito através de aplicação dos questionários via redes sociais às pessoas que participaram nesse processo de ensino na guerrilha e base de apoio, de modo, permitir a coleta de dados necessários para aprofundar o tema tratado, pelo fato da delimitação do trabalho. Dessa forma, sugere-se, mais uma vez às futuras pesquisas a aprofundar a temática, caso em algum momento de redação deste trabalho, algum assunto tenha sido descurado.

## REFERÊNCIAS

- ABRUCIO, Fernando Luiz. **Gestão escolar e qualidade da Educação**: um estudo sobre dez escolas paulistas. 2010. Disponível em: <[http://gvpesquisa.fgv.br/sites/gvpesquisa.fgv.br/files/arquivos/abrucio\\_-\\_gestao\\_escolar\\_e\\_qualidade\\_da\\_educacao\\_um\\_estudo\\_sobre\\_dez\\_escolas\\_paulistas.pdf](http://gvpesquisa.fgv.br/sites/gvpesquisa.fgv.br/files/arquivos/abrucio_-_gestao_escolar_e_qualidade_da_educacao_um_estudo_sobre_dez_escolas_paulistas.pdf)>. Acesso em: 23 ago. 2017.
- ANTONIO, Clésio Acilino. **“Por uma educação do campo”**: um movimento popular de base político e pedagógico para a educação do campo no Brasil. Porto Alegre. 2010. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/26299/000757435.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 20 jul. 2017.
- ÁSIA TURISMO. **Guia Geográfica**: Timor-Leste. Disponível em: <<http://www.asia-turismo.com/mapas/timor-leste.htm>>. Acesso em: 20 jan. 2017.
- BARBOSA, Cláudio. **Tipos de Pesquisa**. Disponível em: <[http://www2.anhembi.br/html/ead01/met\\_pesq\\_cient\\_gastr/pdf/aula\\_04.pdf](http://www2.anhembi.br/html/ead01/met_pesq_cient_gastr/pdf/aula_04.pdf)>. Acesso em: 10 set. 2017.
- BARROS, José D’Assunção. Memória e História: Uma discussão conceitual. **Revista Tempos Históricos**, vol. 15, n. 1, p. 317-343, 2011. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/temposhistoricos/article/view/5710/4287>>. Acesso em: 17 mar. 2017.
- BRASIL. **Lei Nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996**. Brasília. 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm)>. Acesso em: 08 set. 2017.
- CÁ, Lourenço Ocuni. **Estado**: políticas públicas e gestão educacional. Cuiabá: UFMT, 2010.
- CERRADO. **Nelson Mandela**: ‘A Educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo’. Goiânia. 2016. Disponível em: <<http://www.wildermorais.com.br/wp-content/uploads/2016/02/Cerrado-1-de-mar%C3%A7o.pdf>>. Acesso em: 23 jul. 2017.
- FERNANDES, Agostinho Almeida. **Estudo Comparativo entre Professores que Fizeram e que não Fizeram Curso de Formação Docente na República Democrática de Timor-Leste**. Brasília. 2006. Disponível em: <[http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/5031/1/2006\\_Agostinho%20Almeida%20Fernandes.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/5031/1/2006_Agostinho%20Almeida%20Fernandes.pdf)>. Acesso em: 15 ago. 2017.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org). **Uso & Abusos da História Oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 2006.
- FONSECA, João José Saraiva. **Metodologia da Pesquisa Científica**. Universidade Estadual do Ceará. 2002. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?id=oB5x2SChpSEC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=oB5x2SChpSEC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em: 21 jul. 2017.



FREIRE, **Maria Raquel**; LOPES, **Paula Duarte**. Consolidação da paz numa perspectiva crítica: O caso de Timor-Leste. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 104, p. 5-20, 2014. Disponível em: <<https://rccs.revues.org/5653>>. Acesso em: 21 jul. 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, 1987.

GIL, Robledo Lima. **Tipos de Pesquisa**. 2009. Disponível em: <<http://wp.ufpel.edu.br/ecb/files/2009/09/Tipos-de-Pesquisa.pdf>>. Acesso em: 11 set. 2017.

GUSMÃO, Xanana. **Timor-Leste – Um povo, uma pátria**. Colibri. 1994.

LIMA, Paulo Gomes. Política educacional na perspectiva de Paulo Freire: desafios para os dias contemporâneos. **Revista Sorocaba**, vol. 1, n. 1, p. 115-124, 2015. Disponível em: <<http://www.laplageemrevista.ufscar.br/index.php/lpg/article/download/11/440>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

LUCK, Heloísa. **Dimensão da Gestão Escolar e suas Competências**. Curitiba: Positivo, 2009. Disponível em: <[http://www.fundacoes.org.br/uploads/estudos/gestao\\_escolar/dimensoes\\_livro.pdf](http://www.fundacoes.org.br/uploads/estudos/gestao_escolar/dimensoes_livro.pdf)>. Acesso em: 13 abr. 2017.

MARQUES, Luciana Rosa. Mudanças discursivas nas políticas de democratização da educação. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, vol. 90, n. 225, p. 468-488, 2009. Disponível em: <<http://rbep.inep.gov.br/index.php/rbep/article/download/520/503>>. Acesso em: 07 ago. 2017.

MARTINS, Gilberto de Andrade; THEÓPHILO, Carlos Renato. **Metodologia da Intestigação Científica para Ciências Sociais Aplicadas**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MOYSÉS, Gerson Luís Russo; MOORI, Roberto Giro. **Coleta de Dados para a Pesquisa Acadêmica**: Um estudo sobre a elaboração, a validação e a aplicação eletrônica de questionário. 2007. XXVII Encontro Nacional de Engenharia de Produção. Disponível em: <[http://abepro.org.br/biblioteca/ENEGEP2007\\_TR660483\\_9457.pdf](http://abepro.org.br/biblioteca/ENEGEP2007_TR660483_9457.pdf)>. Acesso em: 25 ago. 2017.

NASCIMENTO, wanderson flor. Entre a Educação e a Política: colonialidade. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**, n. 23, p. 444-458, 2015. Disponível em: <[http://www.academia.edu/31433492/Entre\\_a\\_educacao\\_e\\_a\\_politica\\_colonialidade](http://www.academia.edu/31433492/Entre_a_educacao_e_a_politica_colonialidade)>. Acesso em: 15 jun. 2017.

PENSADOR. **Poema que Falam de Educação**. Disponível em: <[https://www.pensador.com/poemas\\_que\\_falam\\_de\\_educacao/](https://www.pensador.com/poemas_que_falam_de_educacao/)>. Acesso em: 17 jun. 2017.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. **Relatório de Desenvolvimento Humano em Timor-Leste 2002**: Ukunrasika na o caminho à nossa frente. 2002. Disponível em: <[http://pascal.iseg.utl.pt/~cesa/rdhtl\\_final.pdf](http://pascal.iseg.utl.pt/~cesa/rdhtl_final.pdf)>. Acesso em: 01 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. **Relatório de Desenvolvimento Humano em Timor-Leste 2006**: O caminho para sair da pobreza. 2006. Disponível em:

<[http://www.undp.org/content/dam/timorleste/docs/library/NHDR\\_TL\\_2006\\_. 1. pdf](http://www.undp.org/content/dam/timorleste/docs/library/NHDR_TL_2006_.1.pdf)>. Acesso em: 07 jun. 2017.

SANTANA, José Rogério et. al (org). **Muitas Histórias, Muitos Olhares: Relatos de pesquisas na história da educação.** Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2011.

SCHEMES, Claudia; SILVA, Cristina Ennes; PRODANOV, Cleber Cristiano. Memória e História do Ensino Superior Comunitário no Rio Grande do Sul – O Centro Universitário Feevale. **Revista do corpo discente do PPG-História da UFRGS**, vol. 3, n. 6, 2010, p. 28-46. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/12759/9157>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

TIMOR-LESTE IMEMORIAL. **Fotografias.** 1983. Disponível em: <[http://amrtimor.org/docs/visualizador.php?nome\\_da\\_pasta=09526.001.017&bd=Fotografias](http://amrtimor.org/docs/visualizador.php?nome_da_pasta=09526.001.017&bd=Fotografias)>. Acesso em: 07 fev. 2017.

TIMOR-LESTE. **História.** Disponível em: <<http://timor-leste.gov.tl/?p=29&lang=tp>>. Acesso em: 21 abr. 2017.

\_\_\_\_\_. **Lei N.º 14/2008 (Lei de Bases da Educação).** 2008. Disponível em: <<http://www.moe.gov.tl/pdf/LeiBaseEducacao.pdf>>. Acesso em: 07 jun. 2017.

TREVISAN, Renato. **Memória de onde, Memória de quem.** Rio Claro-São Paulo. 2013. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/121619/000796803.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 05 ago. 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Método de Pesquisa.** Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 05 jul. 2017.

WIKIPÉDIA. **Frente Revolucionária de Timor-Leste Independente.** 2017. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Frente\\_Revolucion%C3%A1ria\\_de\\_Timor-Leste\\_Independente](https://pt.wikipedia.org/wiki/Frente_Revolucion%C3%A1ria_de_Timor-Leste_Independente)>. Acesso em: 10 set. 2017.

## ANEXOS

### ANEXO I QUESTIONARIO

#### QUESTIONÁRIO

#### MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO NA GUERRILHA E BASE DE APOIO TIMORENSE

Nome (Código): \_\_\_\_\_

Contato: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Distrito/subdistrito: \_\_\_\_\_

Profissão:

professor/a

estudante

outros \_\_\_\_\_

Qual é sexo?

Feminino

Masculino

1. Você estudou ou deu aulas na época da guerrilha ou base de apoio?

sim

não

Se você estudou ou deu aulas na guerrilha ou base de apoio, por favor, explique como funcionava a educação na guerrilha na resistência timorense?

R: \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

2. Se você não estudou nem ensinou na época da guerrilha, mas você soube que na guerrilha ou base de apoio alguns líderes organizaram a educação na guerrilha e na

Base de apoio? Você soube e conhece a história da educação da guerrilha ou na base de apoio, por favor, mencione ou explique sobre o funcionamento da educação na guerrilha e base de apoio.

R: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_.

3. Na guerrilha ou base de apoio, você ainda lembra quais eram as matérias didáticas ou disciplinas do ensino?

R: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_.

4. Quais são os materiais didáticos usados nas escolas da guerrilha ou na base de apoio?

R: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_.

5. Qual língua que os mestres da resistência usavam no processo de ensino aprendizagem na educação da guerrilha ou na base de apoio?

R: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_.

6. Quantas disciplinas que os mestres da resistência ensinavam na educação da guerrilha ou na base de apoio?

R: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_.

7. Por que você estudou ou ensinava na época de guerra?

R: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_.

8. Qual é o objetivo principal que motivou você a estudar ou ensinar na época da guerra?

R: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_.

9. Quando estava e de repente os inimigos ou as forças indonésias dessem tiros de bombas, morteiradas. Qual era o método dos mestres aos seus alunos para poder se afastar desse acontecimento? E para os guerrilheiros?

R: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_.

10. Os mestres da resistência ensinavam também sobre a formação política para a independência?

Sim

Não

Se sim, por favor, explique como se dava essa formação política:

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_.

---

---

11. Qual era o plano e a política principal dos mestres da resistência aos seus alunos?

R: \_\_\_\_\_

---

---

---

---

12. Como era a relação entre alunos, comunidade e mestres da resistência?

R: \_\_\_\_\_

---

---

---

---

13. Qual foi para você o aprendizado deixado pela guerrilha e resistência?

R: \_\_\_\_\_

---

---

---

---

14. O conhecimento que você adquiriu na guerrilha e resistência ajudou no seu dia a dia atual?

Explique: \_\_\_\_\_

---

---

---

15. Você já ouviu falar sobre quem dos líderes que liderou o funcionamento da educação na guerrilha e resistência? Se você sabe e conhece pode mencionar o nome desses líderes, se eles estão vivos ou não; foram assassinados? Você pode contar algumas histórias desses líderes.

R: \_\_\_\_\_

---

---

---



---

16. Quais são as vantagens da educação na guerrilha e resistência?

R:

**ANEXO II**  
**ENTREVISTADA “A”, o retorno do questionário pelo e-mail, 14-09-17**  
**QUESTIONÁRIO**  
**MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO NA GUERRILHA E BASE DE APOIO TIMORENSE**

**Nome (C**

**Contato:**

**Idade :**

**Município/Posto Administrativo:** Baucau/Atual - Dili

**Profissão:**

professor/a “agente de ensino e responsável da Rede Clandestina”

estudante

outros

**Qual é sexo?**

Feminino

Masculino

**1.1 Você estudou ou deu aulas na época da guerrilha ou base de apoio?**

sim

não

**1.2 Se você estudou ou deu aulas na guerrilha ou base de apoio, por favor, explique**

**Como funcionava a educação na guerrilha na resistência timorense?**

R: Na época da resistência a educação na guerrilha funcionava-se em seis (6) setores. Cada setor existe uma comissão de assistência política liderada por um conjunto de Lideranças coletivas. As salas foram estabelecidas nos centros de concentração da população, nas zonas da batalha e nos abrigos onde abrigavam as população.

- 1. Se você não estudou nem ensinou na época da guerrilha, mas você soube que na guerrilha ou base de apoio alguns líderes organizaram a educação na guerrilha? Mas soube e conhece a história da educação da guerrilha ou base de apoio, por favor, mencione ou explique sobre funcionamento da educação na guerrilha e base de apoio.**

R: Sim, a história da educação na guerrilha ou na base de apoio, foi organizado pelos líderes da resistência tutelado por ministro da Educação a partir de uma campanha de alfabetização em massa em 1976, ao combate de obscurantismo que decorreu durante o período colonial português. Esse manifesto foi considerado como movimento popular da resistência, tendo como um processo educacional de emancipação, em que os líderes demonstram uma coragem capacidade e inteligência extraordinária.

- 2. Na guerrilha ou base de apoio, você ainda lembra-se das matérias didáticas?**

R: Sim, o carvão como lápis e a palha do bambu como caderno.

- 3. Quais são as matérias didáticas ou disciplinas ensinadas nas escolas da guerrilha ou na base de apoio?**

R: As matérias didáticas ou disciplinas era apenas língua portuguesa, não ensino as ciências, e os materiais didáticos usados nas escolas no processo de ensino e aprendizagem apenas o carvão, e a palhada do bambu.

- 4. Qual língua que os mestres da resistência usavam no processo de ensino aprendizagem na educação da guerrilha ou na base de apoio?**

R: A língua que os Mestres usavam no processo de ensino e aprendizagem na educação na guerrilha era a língua Portuguesa

- 5. Quantas disciplinas que os mestres da resistência ensinavam na educação da guerrilha ou na base de apoio?**

R: Apenas ensinar o alfabeto, ler e escreve o seu nome e algumas palavras interessantes para facilitar a comunicação entre eles.

- 6. Por que você estudou ou ensinava na época de guerra?**

R: Na época da guerra fui como mestra ensinar as pessoas crianças, jovens e adultos a ler escrever para combater a desigualdade que existe durante o período Colonial por



finalidade de libertar a pátria e libertar o povo baseando nos 3 princípios fundamentais do partido FRETILIN.

**7. Qual é o objetivo principal que motivou você a estudar ou ensinar na época da guerra?**

R: O objetivo principal era para libertar povo dentro de obscurantismo e colonialismo, a eliminação da desigualdade, combater o analfabetismo que existe durante o período colonial português.

**8. Quando estava e de repente os inimigos ou as força indonésias dessem tiros de bombas, morteiradas. Qual era o método dos mestres aos seus alunos para poder se afastar desse acontecimento? E para os guerrilheiros?**

R: Os mestres pediram aos alunos para deixar a aula, e procuraram abrigos ou Lugares bem seguros para abrigar a proteger de bombardeamentos e morteiradas lançados pelas forças de Indonésia. E para os guerrilheiros não existe professores para ensinar, apenas eles aprenderam através das colegas se no caso a situação estivesse normal.

**9. Os mestres da resistência ensinavam também sobre a formação política para a a independência?**

Sim

Não

Se sim, por favor, explique como se dava essa formação política:

R: Porque a formação política para a Independência foi dado por comissão Política através de esclarecimentos uma vez por semana.

**10. Qual era o plano e a política principal dos mestres da resistência aos seus alunos?**

R: O plano e a política principal dos mestres aos seus alunos apenas ensinar para conhecer o seu nome e aprender a ler e escrever.

**11. Como era a relação entre alunos, comunidade e mestres da resistência?**

R: A relação entre alunos, comunidade e mestres da resistência normalmente não há diferença entre eles, quando estiveram na sala considerou como mestre ou educador, depois da aula ambos consideram-se como amigos ou camaradagens.

**12. Qual foi para você o aprendizado deixado pela guerrilha e resistência?**

R: A razão foi consequências do segundo cerco de aniquilamento em 1978, onde foi capturado e assassinado o ministro da Educação.

**13. O conhecimento que você adquiriu na guerrilha e resistência ajudou no seu dia a dia atual? Explique:**

R: Presentemente sim porque eles utilizaram-se esses conhecimentos no seu dia a dia a fazer negócio contar dinheiro, alguns foram empresarios, além disso, alguns deles assumiram cargos importantes na instituição de FFDTL.

**14. Você já ouviu falar sobre quem dos líderes que liderou o funcionamento da educação na guerrilha e resistência? Se você sabe e conhece pode mencionar o nome desses líderes, se eles estão vivos ou não; foram assassinados? Você pode contar algumas histórias desses líderes.**

R: Sim, os líderes que liderou o funcionamento da educação na guerrilha ou na resistência, foram os membros da COMITE CENTRAL da FRETILIN; Entre 1976 e 1978, no período de maior concentração na base de guerrilha, as ações do conselho Democrático Revolucionário (CDR) foi criado pelos líderes do Primeiro Governo da FRETILIN e encarregou Hamis Bassarewam como ministro da Educação. Ele foi capturado e aassassinado pelas Forças da Indonésia no momento da destruição de base de apoio em 1978.

**15. Quais são as vantagens da educação na guerrilha e resistência?**

R: As vantagens devem ser como, as pessoas analfabetas têm oportunidade de aprender ler e escrever mesmo enfrentam situações difíceis, deve comunicar com uns aos outros e alfabetizar as pessoas analfabetas...

### ANEXO III

**ENTREVISTADO “B”, o retorno do questionário pelo e-mail, 11-07-17.**

#### QUESTIONÁRIO

MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO NA GUERRILHA E BASE DE APOIO TIMORENSE

Nome (C

Contato:

Idade:

Distrito/subdistrito: **Viqueque**

Profissão:

professor/a

estudante

outros: **2º Comandante das FALINTIL no Centro leste**

Qual é sexo?

Feminino

Masculino

1. Você estudou ou deu aulas na época da guerrilha ou base de apoio?

sim

não

Se você estudou ou deu aulas na guerrilha ou base de apoio, por favor, explique como funcionava a educação na guerrilha na resistência timorense?

R: Sim, eu sou 2º comandante ensinava na guerrilha e procura politizar os jovens e a comunidade compreenderem como irá resistir ou a forma de resistir e controlar os agressores e as forças de Indonésia.

2. Se você não estudou nem ensinou na época da guerrilha, mas você soube que na guerrilha ou base de apoio alguns líderes organizaram a educação na guerrilha? Mas soube e conhece a história da educação da guerrilha ou base de apoio, por favor, mencione ou explique sobre funcionamento da educação na guerrilha.

R: Aprendizagens na guerrilha foram organizadas por comandantes e outros guerrilheiros de habilitação. A guerrilha da resistência timorense começou-se nos últimos meses do ano de 1978 e finalizou no ano de 1999. Os guerrilheiros aproveitaram aprender em alguns espaços livres da perseguição das forças Indonésias.

3. Na guerrilha você se lembra das matérias didáticas?

R: No mato, nós não tínhamos materiais didáticos. Nós só ensinamos os guerrilheiros sabem ler e escrever planos para fazer correspondências entre si e os familiares no campo da concentração, assim também politizar os grupos da resistência nas cidades do país.

4. Quais são os materiais didáticos usados nas escolas da guerrilha?

R: As matérias que usamos na guerrilha eram:

- A forma de organizar as massas

- A forma de mobilizar as massas para a luta da resistência.

5. Qual língua que os mestres da resistência usavam no processo de ensino aprendizagem na educação da guerrilha?

R: A língua que usamos na resistência eram o Tétun e o Português.

6. Quantas disciplinas que os mestres da resistência ensinavam na educação da guerrilha?

R: Só duas disciplinas Tétun e Português.

7. Por que você estudou ou ensinava na época de guerra?

R: Nós estudamos na época da guerra para completar a guerra no seu todo. E procuram formar na resistência e por sua vez derrotar os nossos inimigos agressores e seus locais.

8. Qual é o objetivo principal que motivou você a estudar ou ensinar na época da guerra?

R: O objetivo principal que levaram os guerrilheiros a estudar é aquilo que já expliquei no item 2, 3 e 7.

9. Quando estava e de repente os inimigos ou as força indonésias dessem tiros de bombas, morteiradas. Qual era o método dos mestres aos seus alunos para poder se afastar desse acontecimento? E para os guerrilheiros?

R: Na Base de apoio, quando as forças do inimigo aproximar a escola mais próxima, os mestres da resistência cancelam as aulas, apenas tiros de bombas ou morteiradas, os mestres avasam os alunos para tomar abrigos, depois de algumas horas voltam continuar os seus estudos. Na guerrilha quando o inimigo aproxima o acampamento os nossos comandantes também cancelam os ensinamentos, se os inimigos atacarem por terrestre, fazia contra tiros ou afastar do local.

10. Os mestres da resistência ensinavam também sobre a formação política para a independência?

Sim

Não

Se sim, por favor, explique como se dava essa formação política:

Na resistência os comandantes, os adjuntos e assistentes políticos asseguram as mentalidades das pessoas no princípio da luta pela independência nacional, a palavra de ordem é **Libertar a Pátria e Libertar o Povo**.

Na guerrilha iniciou-se com uma nova fase de luta pelo Conselho Superior da Luta-FALINTIL (CSL-FALINTIL). Para os guerrilheiros é saber ler e escrever e também conhecer os códigos de ligação e pode continuar a lutar contra as forças ocupantes no território.

11. Qual era o plano e a política principal dos mestres da resistência aos seus alunos?

R: O Plano principal dos comandantes é levar os guerrilheiros a compreender a causa da resistência.

12. Como era a relação entre alunos, comunidade e mestres da resistência?

R: As relações entre eles eram muito seguro. Na base de apoio as condições dos alunos e dos mestres eram garantidas pela comunidade.

Enquanto aprendizagem na guerrilha não têm nenhuma relação com a comunidade, mas era forte e sucesso até o ano 1999.

13. Qual foi para você o aprendizado deixado pela guerrilha e resistência?

R: Era formação do combate contra o nosso inimigo. Um guerrilheiro só tinha conhecimento para escrever, ler e falar Tétun e Português.

14. O conhecimento que você adquiriu na guerrilha e resistência ajudou no seu dia a dia atual?

Explique:

Sim. Os conhecimentos que nós adquirimos na guerrilha ajudaram-nos muito bem.

- Primeiro saber disciplinar;

- Segundo saber respeitar;

- Terceiro saber como **Libertar a Pátria e Libertar o Povo**.

15. Você já ouviu falar sobre quem dos líderes que liderou o funcionamento da educação na guerrilha e resistência? Se você sabe e conhece pode mencionar o nome desses líderes, se eles estão vivos ou não; foram assassinados? Você pode contar algumas histórias desses líderes.

R: Na guerrilha a educação foi ministrada pelos comandantes. E na base de apoio, eu ouvi falar o Ministro da Educação do Governo da FRETILIN, mas já esqueci o nome e quem era. A maior parte dos líderes máximos da Fretilin na resistência armada foram mortos.

16. Quais são as vantagens da educação na guerrilha e resistência?

R: A vantagem da educação na guerrilha era compreender os conceitos de **Libertar a Pátria e Libertar o Povo**. Conseguimos Libertar a Pátria, mas falta para **Libertar o Povo**. A maior vantagem para os guerrilheiros **analfabetos é saber escrever, falar língua tétun e português**, e fazer comunicações entre guerrilheiros em relações clandestinas as vilas do país que foram controladas pelo tropas Indonésios.

**ANEXO IV**  
**ENTREVISTADO “C”, o retorno do questionário pelo e-mail, 14-08-17.**

QUESTIONÁRIO

MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO NA GUERRILHA E BASE DE APOIO TIMORENSE.

Nome e Código:

Contato:

Idade: 53 anos

Distrito/subdistrito: **Viqueque**

Profissão:

- Professor (**agente do ensino e responsável da Rede Clandestina**)
- estudante
- outros

Qual é sexo?

- Feminino
- Masculino

1. Você estudou ou deu aulas na época da guerrilha?

- sim
- não

Se você estudou ou deu aulas na guerrilha, por favor, explique como funcionava a educação na guerrilha e na base de apoio?

**R: A educação surgiu-se nos últimos meses do ano de 1976, quando as forças da resistência da Fretilin ocupavam na primeira fase da luta designada “Base de Apoio” (1976 – 1978), existiam duas formas de educação:**

- A. Educação formal e não formal; e**
- B. Educação política.**

**Sob as ordens das direcção da luta os líderes comunitários estabeleceram escolas em todas as aldeias. As escolas eram dirigidas por professores que na altura chamados por**

“agentes de ensino ou monitores escolar” sob superintendente direccionado na cada zona da Base de Apoio.

- Trata-se da educação formal os estudantes da infantil de primeiro ano até a terceiro ano. Quanto ao horário de estudo só na primeira parte do dia, começa às 8.00h da manhã até às 12.00h. A escola não formal, cabe aos adultos, começa-se a tarde, às 18 – 20 horas. A escola formal e não formal funcionavam-se seis dias por semana. Não existem materiais pedagógicos formais, nem livros, cadernos, lapiseiras etc. A língua que utilizava na escola era tétun mistas em língua portuguesa. Métodos de ensino, os agentes de ensino utilizavam o que tinham aprendidos nas escolas portuguesas. Ensinaram abecedários ou formar letras, palavras e frases ( escrever, ler e falar).

Utilização materiais para a aprendizagem:

- Materiais de escrever: pedaços de triplex retirados dos edifícios portugueses para fazer quadro e algumas escolas sem quadros;
- Cadernos dos alunos: espata de bambus (au kos) e espata de arequeira (bua kos).
- Lápis para escrever: carvão de lenha (anar).
- Gíz para escrever o quadro: pedras de cores ou de carbonato e carvão de lenhas.

2. Se você não estudou nem ensinou na época da guerrilha, mas você soube que na guerrilha alguns líderes organizaram a educação na guerrilha Mas soube e conhece a história da educação da guerrilha, por favor, mencione ou explique sobre funcionamento da educação na guerrilha.

R: Aprendizagens na guerrilha foram organizadas por comandantes e outros guerrilheiros de habilitação.

- A guerrilha da resistência timorense começou-se nos últimos meses do ano de 1978 e finalizou no ano de 1999. A educação na fase de guerrilha era muito diferente do que da base de apoio. Os guerrilheiros aproveitaram aprender em alguns espaços livres da perseguição do inimigo.

3. Na guerrilha você se lembra das matérias didáticas?

R: As matérias eram:

- Abecedários ou escrever nomes e falar língua tétun e o português.

4. Quais são os materiais didáticos usados nas escolas da guerrilha e base de apoio?

R: Materiais de aprendizagem:

- Sem livros para as crianças e jovens, mas os mestres da resistência mantem o seu ensino com os livros que usavam nos seus estudos na época português.
  - Escrever nas folhas tenra de palmeira (*tali dikin nurak mutin*), espata de bambus e alguns cadernos capturados;
  - Utilizam lápis ou lapizeira capturados, carvão de lenha e talo (*kesak*) para escrever. O talo é específico para escrever a folha tenra de palma.
5. Qual língua que os mestres da resistência usavam no processo de ensino aprendizagem na educação da guerrilha e base de apoio?
- R: Os mestres usavam as línguas o Tétun ao lado do Português no processo de aprendizagem.
6. Quantas disciplinas que os mestres da resistência ensinavam na educação da guerrilha e resistência?
- R: Só ensinava língua Tétun, e Português.
7. Por que você estudou na época de guerra?
- R: Porque queria saber ler, escrever e falar a língua tétun e português.  
os guerrilheiros estudaram tétun naquela época para ser fácil contatar e fazer comunicações entre guerrilheiros e outras regiões do território e o português serve para enviar mensagens segredos para exterior.
8. Qual é o objetivo principal que motivou você a estudar na época da guerra?
- R: O objetivo que me motivou estudar na época da guerra é saber ler e escrever como os líderes máximos de resistência.
9. Quando estava e de repente os inimigos ou as força indonésias dessem tiros de bombas, morteiradas, qual era o método dos mestres aos seus alunos para poder se afastar desse acontecimento? E para os guerrilheiros?
- R: Na Base de Apoio, quando as forças do inimigo aproximar a escola mais próxima, o ensino fica logo suspenso e afastar do local. Quando os inimigos descem apenas por tiros de bombas ou morteiradas, os mestres avasam os alunos para tomar abrigos, depois de algumas horas voltam continuar o estudo.  
Para os guerrilheiros procuram abrigar-se imediatamente e depois afasterem do local.  
Se os inimigos atacarem por terrestre, fazia contra tiros ou afastar do local.
10. Os mestres da resistência ensinavam também sobre a formação política para a independência?
- (x) Sim



() Não

Se sim, por favor, explique como se dava essa formação política:

R: Sim. A educação da política ou politizar a comunidade começa-se em todas as tardes do dia de sábado e domingo para toda comunidade das aldeias dirigidas pelos assistentes políticos que já foram formados pela direcção do Conselho Superior da Luta – Fretilin, e incluem também os mestres da resistência.

11. Qual era o plano e a política principal dos mestres da resistência aos seus alunos?

R: O plano principal era instruir os alunos saber ler e escrever, assegurar as mentalidades das pessoas no princípio da luta pela independência nacional. Quanto aos guerrilheiros é saber ler e escrever para conhecer os códigos de ligação e poder continuar a luta contra as forças ocupantes no território.

12. Como era a relação entre alunos, comunidade e mestres da resistência?

R: As relações entre eles eram muito seguro. As condições dos alunos eram garantidas pela comunidade. Os mestres das escolas eram escolhidos pela comunidade. Enquanto aprendizagem na guerrilha não têm nenhuma relação com a comunidade.

13. Qual foi para você o aprendizado deixado pela guerrilha?

R: Um guerrilheiro só tinha conhecimento para escrever, ler e falar Tétun e Português, e não tinha fixado algum nível académico, porque a situação da guerrilha não permitiu. A aprendizagem na base de apoio, os alunos de primeiro ano conseguiam subir ao nível de terceiro ano, e os tipos de avaliação para ao nível de classe apenas pelos agentes de ensino e não através de documentos escritos ou por certificados.

14. O conhecimento que você adquiriu na guerrilha ajudou no seu dia a dia hoje?

Explique:

Sim. Os conhecimentos que os guerrilheiros adquiriram na luta provavelmente ter as mentalidades e compreensões pela libertação do país. Com as compreensões ajudaram-lhes trabalhar e subordinar nas condições da fase nova em presente. Quanto aos esudantes da base de apoio adqueriram conhecimentos fundamentais em que levaram-lhes continuar os seus estudos na educação de “bahasa” indonésia, e poderem gerir as necessidades de dia a dia, até hoje na sociedade timorense.

15. Você já ouviu falar sobre quem dos líderes que liderou o funcionamento da educação na guerrilha? Se você sabe e conhece pode mencionar o nome desses líderes, se eles estão vivos ou não; foram assassinados. Você pode contar algumas histórias desses líderes.

R: Na base de apoio, eu ouvi falar o Ministro da Educação do governo da Fretilin, mas já esqueci o nome e quem era. A maior parte dos líderes máximos da Fretilin na resistência armada foram mortos.

Eu conheço o primeiro Superintendente da Educação da Zona de dezanove setenta e cinco (19 - 75), chama-se Júlio Pires mais conhecida por Selok. Mais tarde foi substituído pelo Gregório Mito, ambos foram assassinados pelas forças militares da Indonésia em 1979.

O líder da Educação da zona foi professor do posto escolar do governo colonial português. Na época da resistência, em 1976 a meados de 1977, foi empossado a cargo de secretário da zona de 19 - 75. No ano de 1978 assumiu o cargo de Delegado Comissariado (DK). Foi capturado pelas forças do inimigo e assassinado em 1979 na zona de Uato-Lari. Quanto o substituto Mito foi empossado para o cargo de Delegado Comissariado (DK) em 1978. Mais tarde a base de apoio da resistência foi destruída pelas forças do inimigo, Mito fosse guerrilheiro. Em 1979, Mito foi apanhado morto a tiro e decapitado pelas forças do inimigo (Indonésia) na zona de Uato-Lari. Em relação a esta estrutura era na área de Uato – Lari que faz parte ao Setor Ponta Leste.

16. Quais são as vantagens da educação na guerrilha?

R: A educação da guerrilha deu vantagem para os guerrilheiros analfabetos saber escrever, falar língua tétun e português, fazer comunicações entre guerrilheiros e relações clandestinas as vilas controladas pelo inimigo.

Quanto a educação na base de apoio, os estudantes da infantil tinham vantagens a continuar estudar (bahasa indonésia) do governo Indonésio.

Esta é a última mensagem para você irmã guerreira...

O amor é a causa dos ambiciosos juvenis, o amor a Pátria é o sacrifício da vida. Quem gosta libertar a pátria automaticamente com o título sacrificado. Quem não gosta libertar a pátria goza simuladamente.

A vida é dura?


Você ficou firmeza, sacrificou o seu Título, obteve Pátria Livre de todos os cruéis, em consequências procura bichos para matar a fome. Neste caso deixa o seu país para os estranhos governarem. Voltaras um dia ignora a sua posição de cavalo mandado, já és um agente patriótico. O amor volte e reinicia com a sua conquista sobre Pátria amada. A sua coragem raramente encontra no nosso ambiente da resistência clandestino. Lute pelo seu direito e lute acadêmico. Lembrar o seu sacrifício do passado, o seu sofrimento, a sua

passagem de luta para o Timor. No entanto, aproveita já tudo o que é possível, não deixa passar o que é bom para a construção do recurso humano.

FORÇA IRMÃ BITALI.

## ANEXO V

ENTREVISTADO “D”, o retorno do questionário pelo Facebook, 19-09-17.



TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO (TCC)/MONOGRAFIA  
ESTUDANTE: BRIGIDA DA SILVA PINTO E CRUZ  
ORIENTADOR: LOURENÇO OCUNI CÁ

QUESTIONÁRIO

MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO NA GUERRILHA E BASE DE APOIO TIMORENSE

Nome:

Contato:

Idade:

Distrito/subdistrito: Viqueque, Uatu-Lari

Profissão:

professor/a  
 estudante  
 outros Veterana da resistência 24 anos-Guerrilha

Qual é sexo?

Feminino  
 Masculino

1. Você estudou ou deu aulas na época da guerrilha ou base de apoio?

sim  
 não

Se você estudou ou deu aulas na guerrilha ou base de apoio, por favor, explique como funcionava a educação na guerrilha na resistência timorense?

1

R: Por iniciativa dos professores, ensinavam os alunos a escrever, ler o abecedário, a contagem de números por Ordem e ensinavam também a matemática com a maneira de adicionar, diminuir, multiplicar e dividir. E outras matérias musical. Os alunos que não sabem escrever o abecedário, o professor pegava nos dedos dos alunos a escrever as letras. E, ensinavam também músicas revolucionárias.

2. Se você não estudou nem ensinou na época da guerrilha, mas você soube que na guerrilha ou base de apoio alguns líderes organizaram a educação na guerrilha? Mas soube e conhece a história da educação da guerrilha ou base de apoio, por favor, mencione ou explique sobre funcionamento da educação na guerrilha e base de apoio.

R Na base de apoio foram organizados pelos Professores. Na guerrilha foram organizados pelos quadros civis. Base de Apoio os professores ensinavam os alunos e os adultos (mulheres e homens) participavam também a aprender na alfabetização e também na conscientização Política do povo Maubere com o objectivo de lutar para a Independência Nacional de Timor Leste.

3. Na guerrilha ou base de apoio, você ainda lembra-se das matérias didáticas?

R: Na parte do Sector Ponta Leste, lembramos mas já não temos materiais didáticos na nossa mão. Naquela época usamos o carvão escritas nas cascas de bambu e folhas de palmeiras etc.

4. Quais são os materiais didáticos usados nas escolas da guerrilha ou na base de apoio?

R: Nas escolas da guerrilha ou na base de apoio, não temos materiais didáticos. Nas escolas nós usamos cascas de bambu e folhas de palmeiras; usamos também carvão escritas.



5. Qual língua que os mestres da resistência usavam no processo de ensino aprendizagem na educação da guerrilha ou na base de apoio?

R: A língua que os professores usavam no processo de ensino, era a língua tetun, que aqueles naturais daquela Área usavam também o dialectos de Nam-uti, Makasae, Fataluku, Makalero e Wai-Muah etc.

(Isto é na parte do Sector Ponta Leste).

6. Quantas disciplinas que os mestres da resistência ensinavam na educação da guerrilha ou na base de apoio?

R: Os professores da resistência ensinavam na educação da guerrilha ou na base de apoio. Era Política dialectica de outros Países como experiências do País em conflito e a estrutura Organizacional que nos orienta, organiza e mobiliza as forças Políticas e Militares.

7. Por que você estudou ou ensinava na época de guerra?

R: Nós ensinamos na época da guerra, porque naquele tempo nós temos que aproveitar. E, ~~admitir~~ não deixar o tempo passar mas usando-se para aumentar o conhecimento, mesmo que estivemos nos tempos difíceis. É bom aproveitar, e a pessoa que usou este tempo a ensinar o seu povo, porque não deixou e lutou para sempre vencer o obscurantismo para as futuras gerações, e também que hoje é nossa Nação soberana, está nos ombros das futuras gerações.

8. Qual é o objetivo principal que motivou você a estudar ou ensinar na época de guerra?

R: O objectivo principal: preparar os filhos Timorezes para terem um bom conhecimento sobre o motivo de lutar contra o obscurantismo porque a esta nossa nova Nação está nos ombros do povo de Timor Leste principalmente as gerações vindouras.

Os filhos Timorenses estavam sempre firmes e atentos em qualquer ameaças na sua determinação. Marcavam espírito Nacionalismo e Patriotismo. Estavam firmes com o seu lema "PÁTRIA ou MORTE VENCEREMOS, A LUTA CONTINUA". Resistir Sim! Render não e Nunca!

9. Quando estava e de repente os inimigos ou as forças indonésias dessem tiros de bombas, morteiradas. Qual era o método dos mestres aos seus alunos para poder se afastar desse acontecimento? E para os guerrilheiros?

R: Quando as forças Indonésias fizeram tiros de bombas, morteiradas de canhões mandam os alunos cada um deles ir em ao seu abrigo ou o lugar esconderismo. Os professores estavam sempre atentos em qualquer situação de ameaças. E os guerrilheiros estiveram sempre dispostos a atender qualquer ameaça, como o lema dos Timorenses "PÁTRIA ou MORTE VENCEREMOS, A LUTA CONTINUA".

10. Os mestres da resistência ensinavam também sobre a formação política para a independência?

Sim

Não

Se sim, por favor, explique como se dava essa formação política:

Os professores davam Conciencialização Política com o Objectivo de Lutar para a Independência Nacional de Timor Leste e da Sua Soberania

11. Qual era o plano e a política principal dos mestres da resistência aos seus alunos?

R: O plano era contribuir para o desenvolvimento em relação com a educação e a política para



não deixar de passar o tempo, mas por outra parte usando-se o tempo para a mudança da vida e aumentando o conhecimento de dia a dia.

E, para serem um bom cidadão da sua "AMADA PÁTRIA TIMOR LESTE"!

12. Como era a relação entre alunos, comunidade e mestres da resistência?

R: A relação entre alunos, comunidade e Professores da Resistência estavam sempre UNIDOS; firmes no seu princípio, "Pátria ou morte venceremos. A luta continua".

E, com sua Palavra de Ordem: Resistir Sim! Render não é Nunca!

13. Qual foi para você o aprendizado deixado pela guerrilha e resistência?

R: Lutar e aprendendo a Lutar Contra o expansionismo das forças Indonésias, que invadiram a "Timor Leste".

Não é Nunca rendermos por eles.

14. O conhecimento que você adquiriu na guerrilha e resistência ajudou no seu dia a dia atual?

Explique: Na resistência aprendemos a resistência. Na guerra aprendemos a guerra e aumentamos o nosso conhecimento e melhorar a nossa capacidade de Lutar Contra o invasor Javanês. Extraímos experiências e desenvolver

melhor ao nosso Conhecimento de Defender  
a "Nossa Amada Pátria Timor Leste".

15. Você já ouviu falar sobre quem dos líderes que liderou o funcionamento da educação na guerrilha e resistência? Se você sabe e conhece pode mencionar o nome desses líderes, se eles estão vivos ou não; foram assassinados? Você pode contar algumas histórias desses líderes.

R: Os Líderes que liderou o funcionamento da educação na Guerrilha e Resistência, eram os líderes: Kay Rala Xanana Gusmão, Matan. Ruak, Lí-Úlo e outros que ainda estão vivos. Os líderes que; foram assassinados: Era saudoso Hamis Bassarewan, ex-Ministro da Educação incluindo outros líderes foram tombados e desaparecidos no cerco de aniquilamento na Base de Apoio no Período de 1976-1978.

16. Quais são as vantagens da educação na guerrilha e resistência?

R: As vantagens é o "manual Político da Fretilin antes da mudança como meio para conduzir a Luta Armada como regra que nos vincula Disciplina Militar como força ou regra Militar obrigatório.

Com plano que o Comando (CMD) da Luta decide faseadamente como implementar actividades política e intensifica accao Militar. Isto é da sua própria Estratégia Política do País.



**ANEXO VI**  
**ENTREVISTADO “E”, o retorno do questionário pelo Facebook, 07-09-17.**

QUESTIONÁRIO

MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO NA GUERRILHA E BASE DE APOIO TIMORENSE

Nome

Contato:

Idade:

Distrito/subdistrito: **Baucau**

Profissão:

professor/a

estudante

outros: **Responsável Organização Popular das Mulheres Timorenses (OPMT).**

Qual é sexo?

Feminino

Masculino

1. Você estudou ou deu aulas na época da guerrilha ou base de apoio?

sim

não

Se você estudou ou deu aulas na guerrilha ou base de apoio, por favor, explique como funcionava a educação na guerrilha na resistência timorense?

**R: Eu não dava aula, mas estudava política da Frente Revolucionaria de Timor leste Independente (FRTILIN) com os estudantes do 3º e 4º ano que estudavam na época portuguesa. Nos dias de segunda até sextas feiras eles davam aulas para crianças e jovens e politizavam a comunidade nos dias de sábado e domingo, eu também participava neste grupo de estudos na zona de Leste-Caixa Fitun-loro-Sa'e. (Leste-Caixa Fitun-lorosa'e era um código do local da resistência).**

2. Se você não estudou nem ensinou na época da guerrilha, mas você soube que na guerrilha ou base de apoio alguns líderes organizaram a educação na guerrilha e na Base de apoio? Você soube e conhece a história da educação da guerrilha ou na base

de apoio, por favor, mencione ou explique sobre o funcionamento da educação na guerrilha e base de apoio.

R: Eu era responsável da Organização Popular das Mulheres Timorese (OPMT) no meu bairro, soube que tinha estruturas da educação, mas já muito tempo e esqueci o nome da pessoa que organizava a educação na base de apoio. Não posso informar sobre a educação na guerrilha porque eu vim para cidade continuando o meu trabalho da resistência clandestina. O funcionamento da educação na Base de Apoio era uma motivação dos estudantes que estudava na época portuguesa, eles se organizaram e ensinaram as crianças e jovens do bairro e politizaram também a comunidade nos dia de sábado e domingo.

3. Na guerrilha ou base de apoio, você ainda lembra quais eram as matérias didáticas ou disciplinas do ensino?

R: Com sou responsável da OPMT eu vi que não tinha disciplinas das ciências, mas os mestres da resistência ensinava só ler e escrever em língua Tétun e português, na primeira aplicação do ensino, eles explicam com o nosso dialeto *KAIRUI* e *WAIMUA* depois traduzem para as duas línguas.

4. Quais são os materiais didáticos usados nas escolas da guerrilha ou na base de apoio?

R: Este relato é uma tristeza. Não temos cadernos e lápis caneta, usava espata de bambu (au kos) e espata de arequeira (bua kos) como se fossem caderno para os alunos, e lápis para escrever era carvão de lenha (anar), pedaços de triplex retirados dos edifícios portugueses para fazer quadro e algumas escolas sem quadros, e gíz para escrever o quadro era pedras de cores ou de carbonato e carvão de lenhas. Os mestres da resistência se esforço para conseguir conquistar seus alunos com estes tipos de matérias didáticos. E não tinha ensinado disciplinas de ciências, apenas ler, escrever em língua tetun e português.

5. Qual língua que os mestres da resistência usavam no processo de ensino aprendizagem na educação da guerrilha ou na base de apoio?

R: Isso que respondi na linha três. A resposta dessa pergunta tem relação ao ponto três (3).

6. Quantas disciplinas que os mestres da resistência ensinavam na educação da guerrilha ou na base de apoio?

R: Só língua Tétum e português.

7. Por que você estudou ou ensinava na época de guerra?

R: Eu não ensino ler e escreve, mas politizava as mulheres para saber defender seus direitos e também mantem firme na política da FRETILIN para conseguir a independência do país Timor leste. Desta maneira de politizar os colegas também é um ensinamento político faz parte da estrutura educacional, que fortifica a política da independência nacional.

8. Qual é o objetivo principal que motivou você a estudar ou ensinar na época da guerra?

R: Politizar os colegas para defender a Independência da Pátria Timor Leste e libertar os direitos das mulheres em geral.

9. Quando estava e de repente os inimigos ou as força indonésias dessem tiros de bombas, morteiradas. Qual era o método dos mestres aos seus alunos para poder se afastar desse acontecimento? E para os guerrilheiros?

R: Primero os mestres toma atenção nas informações. Se o inimigo esta perto o mestres retiram seu aluno e afastam do local. Se apenas tiros de longe ou algumas bombardearias os mestres organizam seus alunos para puder afastar dos estilhaços ou escondem, quando param os tiros eles voltam e os estudos funcionam normalmente.

10. Os mestres da resistência ensinavam também sobre a formação política para a independência?

Sim

Não

Se sim, por favor, explique como se dava essa formação política:

Sim. Os mestres começavam suas aulas nas escolas de segunda até sexta feiras, nos dias de sábado e domingo eles politizam a comunidade, seguindo a política da Frente Revolucionaria De Timor Leste Independente (FRETILI). E organizar a comunidade nos trabalhos coletivos nas hortas e nos lugares do plantio de arroz e ceifas coletivas.

11. Qual era o plano e a política principal dos mestres da resistência aos seus alunos?

R: Eu não era mestre da resistência, mas posso afirmar que o principal era não deixar de educar uns aos outros porque a educação é um fator mais importante para todos e mobilizar as crianças e jovens a caminho da independência do país.

12. Como era a relação entre alunos, comunidade e mestres da resistência?

R: As relações entre eles eram muito seguro. As condições dos alunos eram garantidas pela comunidade e os mestres da resistência eram escolhidos pela comunidade, por isso tinha boas relações entre eles.

13. Qual foi para você o aprendizado deixado pela guerrilha e resistência?

R: A aprendizagem na base de apoio, os alunos de primeiro ano conseguiam subir ao nível de terceiro ano, e os tipos de avaliação para ao nível de classe apenas pelos mestres da resistência e não através de documentos escritos ou por certificados. Não posso afirmar sobre a educação na guerrilha, porque não estava no mato ou nas montanhas do país.

14. O conhecimento que você adquiriu na guerrilha e resistência ajudou no seu dia a dia atual?

Explique: Sim. Ajudou bastante porque conseguimos a nossa independência e deu conhecimento para o povo do território e decidirão o destino do país.

15. Você já ouviu falar sobre quem dos líderes que liderou o funcionamento da educação na guerrilha e resistência? Se você sabe e conhece pode mencionar o nome desses líderes, se eles estão vivos ou não; foram assassinados? Você pode contar algumas histórias desses líderes.

R: Eu ouvi que o primeiro governo da FRETILIN tinha uma estrutura, mas esqueci do nome da autoridade da educação.

16. Quais são as vantagens da educação na guerrilha e resistência?

R: A educação na base de apoio, os estudantes da infantil tinham vantagens a continuar estudar (bahasa indonésia) do governo Indonésio.